



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO  
TECNOLÓGICA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO**

**JOELMA VIANA DOS SANTOS**

**EDUCOMUNICAÇÃO: PRÁTICAS E DESAFIOS DO USO DO RÁDIO NAS  
ESCOLAS ROTARY E MADRE IMACULADA, EM SANTARÉM**

**SANTARÉM – PARÁ  
2019**

**JOELMA VIANA DOS SANTOS**

**EDUCOMUNICAÇÃO: PRÁTICAS E DESAFIOS DO USO DO RÁDIO NAS  
ESCOLAS ROTARY E MADRE IMACULADA, EM SANTARÉM**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Ciências da Educação como parte das exigências do Programa de pós-graduação do ICED/UFOPA curso de mestrado acadêmico para obtenção do grau de mestre em Educação na Linha de Pesquisa: Práticas Educativas, Linguagens e Tecnologia

Orientador: Professor Dr. Doriedson Alves de Almeida.

**SANTARÉM - PARÁ  
2019**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/UFOPA**

---

S237e Santos, Joelma Viana dos  
Educomunicação: práticas e desafios do uso do rádio nas escolas Rotary e Madre Imaculada em Santarém. / Joelma Viana dos Santos. – Santarém, Pará, 2019.  
170 fls.: il.  
Inclui bibliografias.

Orientador: Doriedson Alves de Almeida  
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Mestrado Acadêmico em Educação .

1. Rádio escolar. 2. Educomunicação. 3. Rotary. 4. Madre Imaculada. I. Almeida, Dorielson Alves de, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 370

**JOELMA VIANA DOS SANTOS**

**EDUCOMUNICAÇÃO: PRÁTICAS E DESAFIOS DO USO DO RÁDIO NAS  
ESCOLAS ROTARY E MADRE IMACULADA, EM SANTARÉM**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Oeste do Pará para fins de obtenção do grau de mestre em Educação. Linha de Pesquisa: Práticas educativas, linguagens e tecnologia

**BANCA EXAMINADORA**



**Dr. LEONARDO ZENHA CORDEIRO, UFPA**

Examinador Externo à Instituição



**Dr. GUILHERME GITAHY DE FIGUEIREDO, UEA**

Examinador Externo à Instituição



**Dr. ROBERTO DO NASCIMENTO PAIVA, UFOPA**

Examinador Externo ao Programa



**Dr. JOSE RICARDO E SOUZA MAFRA, UFOPA**

Examinador Interno



**Dr. DORIEDSON ALVES DE ALMEIDA, UFOPA**

Presidente

Santarém, 29 de agosto de 2019.

Dedico este trabalho à minha filha Juliene Alessandra pela paciência e companheirismo. Aos meus pais, Maria José e Benedito, que sempre me incentivaram a estudar. Aos meus irmãos Beatriz, Joyce e Márcio que de forma indireta sempre me apoiaram para que pudesse chegar até aqui.

## **AGRADECIMENTO**

Quero aqui agradecer primeiramente a Deus pela vida abençoada que tem me dado ao longo dos anos. Ele que sempre foi meu guia e meu refúgio em momentos em que quis desistir da caminhada.

Agradeço ainda meu orientador, Doriedson Almeida por ter optado pela minha pesquisa na seleção do mestrado, e por ter tido paciência com os meus momentos de ausência.

Não poderia deixar de agradecer a amiga de mestrado, Ana Pâmela, que sempre foi presente quando precisei, ajudando a tirar dúvidas da pesquisa, indicando textos e os aprofundando comigo. Grata, Pam!

Agradeço ainda meus colegas de trabalho, que em muitos momentos tiveram que cobrir minhas ausências quando necessário para a imersão nesta pesquisa: Edilberto Sena, Jéssica Santos, Allan Hills, Daniela Pantoja da Rede de Notícias da Amazônia. Malú Sabaar e Cristiane Sales da Unama/Santarém, responsável em me indicar para formação na escola Madre Imaculada.

Meus sinceros agradecimentos aos gestores e professores das escolas Rotary e Madre Imaculada por abrir as portas para que pudesse acompanhar e conhecer os projetos de rádio escolar, e por confiarem em meu trabalho.

“Não há educação sem amor. Ama-se na medida em que se busca comunicação, integração a partir da comunicação com os demais. Uma educação sem esperança não é educação” (Paulo Freire).



## RESUMO

O uso do rádio como recurso pedagógico nas escolas Rotary e Madre Imaculada, no município de Santarém, oeste do Pará, foi o objeto de estudo desta pesquisa com o objetivo de compreender se esta mídia de comunicação ainda apresenta potencialidades pedagógicas para a aprendizagem de crianças e adolescentes, e se de fato favorece o protagonismo dos estudantes envolvidos no processo. Nesta perspectiva realizou-se um estudo de caso do uso da rádio escolar, através do projeto Sintonia da Educação na Escola Rotary, e uma pesquisa participantes na Rádio Fala, Galera! da escola Madre Imaculada. Antes de imergir no universo das escolas fez-se um percurso pela história do rádio no Brasil, observando-se como este veículo tornou-se popular e uma ferramenta de educação. Da mesma forma buscou-se entender como a educação e comunicação se cruzam até chegar ao que hoje os pesquisadores mais recentes chamam de educomunicação. Utilizou-se como método de investigação pesquisa bibliográfica e documental, bem como entrevistas com os atores envolvidos e observação. Verificou-se que a Secretaria de Educação do município não tem um registro das rádios escolares de Santarém. observou-se ainda, que o objeto de investigação abre inúmeras possibilidades na escola, mesmo apresentando deficiências que só podem ser corrigidas com o envolvimento do Estado.

**Palavras-chaves:** Rádio-escolar. Educomunicação. Santarém. Rotary. Madre Imaculada.

## ABSTRACT

The use of radio as a pedagogical resource in the Rotary and Mother Immaculate schools, in the city of Santarém, was the object of this research, aiming to understand, if this communication media still has pedagogical potential for the learning of children and adolescents, and if This fact favors the protagonism of the students involved in the process. In this perspective a case study was carried out, using school radio, through the project Tuning of Education in the Rotary School, and also a research participant in Radio Fala, guys! from the Immaculate Mother School. Before immersing in the universe of schools, it was made a journey through the history of radio in Brazil, considering how this vehicle became popular and an educational tool. In the same way, we tried to understand how education and communication intersect until reaching what today the most recent researchers call educommunication. To reach that purpose, we had as methodological articulation, research bibliographic and documentary research, as well as interviews with the actors involved and observation. It was found that the Department of Education of the municipality does not have a record of Santarém radio schools. And that the object of investigation opens countless possibilities in school, even with deficiencies that can only be corrected with the involvement of the State.

**Keywords:** School radio. Educommunication. Santarém. Rotary. Mother Immaculate.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>1.1</b>	<b>E por que o rádio?</b> .....	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>CONTEXTO HISTÓRICO DO RÁDIO NO BRASIL</b> .....	<b>17</b>
<b>2.1</b>	<b>Definição e Classificação das Rádios No Brasil</b> .....	<b>22</b>
<b>3</b>	<b>EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO</b> .....	<b>28</b>
<b>3.1.</b>	<b>Educação</b> .....	<b>28</b>
<b>3.2</b>	<b>Comunicação</b> .....	<b>31</b>
<b>3.3.1</b>	<b>Educomunicação: conceituando</b> .....	<b>38</b>
<b>4</b>	<b>O RÁDIO EDUCATIVO</b> .....	<b>42</b>
<b>4.1</b>	<b>Sirena</b> .....	<b>43</b>
<b>4.2</b>	<b>O Meb</b> .....	<b>44</b>
<b>4.3</b>	<b>Projeto Minerva</b> .....	<b>45</b>
<b>4.4</b>	<b>Rádio na Escola</b> .....	<b>48</b>
<b>5</b>	<b>METODOLOGIA DA PESQUISA</b> .....	<b>52</b>
<b>5.1</b>	<b>Sintonizando a Pesquisa</b> .....	<b>52</b>
<b>5.2</b>	<b>Estudo de Caso – Escola Rotary</b> .....	<b>54</b>
<b>5.3</b>	<b>Pesquisa Participante na Escola Madre Imaculada</b> .....	<b>57</b>
<b>6</b>	<b>LÓCUS DA PESQUISA</b> .....	<b>59</b>
<b>6.1</b>	<b>A Escola Rotary</b> .....	<b>61</b>
<b>6.1.2</b>	<b>Sintonia da Educação</b> .....	<b>62</b>
<b>6.2.</b>	<b>Escola Madre Imaculada</b> .....	<b>70</b>
<b>6.2.1</b>	<b>Fala, galera!</b> .....	<b>70</b>
<b>6.3</b>	<b>Algumas Considerações em Relação aos Projetos de Rádio Escolar</b> .....	<b>76</b>
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>80</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>83</b>
	<b>APÊNDICES</b> .....	<b>86</b>
	<b>ANEXOS</b> .....	<b>113</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos a educação foi reconfigurando-se para garantir a eficiência no processo de aprendizagem. Várias pesquisas sobre os métodos de ensinar foram feitas a fim de que os sujeitos envolvidos não apenas aprendessem as letras e os números, mas pudessem pensar criticamente sobre a realidade onde estavam inseridos. Freire (1996) fortalece esse pensamento ao afirmar que o educador, na sua prática docente, não pode se negar ao dever de reforçar a capacidade crítica e a curiosidade do educando.

Assim, o modelo denominado por Freire de educação bancária, em que o aluno somente recebia informações e quase nunca participava do processo, deu lugar a uma educação, na qual tanto o professor, quanto os alunos são sujeitos, e tanto o ensino quanto a aprendizagem acontecem por meio do diálogo e da troca de conhecimentos. As aulas nas quais o aluno apenas copiava deram lugar as pesquisas e debates possibilitando um aprendizado mais crítico.

No entanto, o mundo não é estático e a todo momento novidades surgem obrigando a escola a adaptar-se a fim de acompanhar as revoluções que ocorrem na sociedade. Com a revolução industrial cada vez mais a tecnologia se faz presente na vida dos jovens, os quais estão mais conectados em aparelhos celulares, e muitas vezes desinteressados das aulas ministradas de forma tradicional, onde o quadro, o giz ou o pincel são os únicos recursos utilizados. Castells (2006) argumenta ser uma pena que ainda se fale em sociedade da informação em termos de futuro como se a tecnologia fosse uma força independente.

Neste cenário, os educadores são desafiados a incluir em seus métodos de ensino, não apenas a internet, mas também o rádio e a televisão a fim de não apenas atrair a atenção dos alunos, mas estimulá-los a entender e se apropriar destas mídias. Kunsch (1986) corrobora com este pensamento ao afirmar que o debate entre comunicação e educação é um imperativo diante de uma realidade que se transforma rápida e profundamente.

Tanto, que nos grandes centros do país, projetos que utilizam as mídias (televisão, rádio e internet) como recursos didático-pedagógicos foram implantados

nas escolas em vista a possibilitar a participação de todos os integrantes da comunidade educativa. Essas práticas, segundo Soares (2011) são chamadas educacionais, e visam não apenas atrair a atenção dos alunos, mas torná-los protagonistas de seu próprio aprendizado.

Além disso, projetos educacionais com o uso de tecnologias atendem a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB)<sup>1</sup>, que orienta para um ensino interdisciplinar, o qual por meio de linguagem e uso de novas tecnologias possa garantir a participação ativa dos estudantes na vida social.

No entanto, muitas escolas, em especial as das chamadas regiões periféricas do país, ainda não conseguem atender essa demanda. Um dos motivos é a ausência ou precariedade de recursos tecnológicos, entre as quais a televisão e a internet. Na Amazônia, por exemplo, estes meios não são acessíveis a todos, principalmente, em áreas rurais e ribeirinhas, em que a internet é lenta e os canais de televisão não chegam com um bom sinal.

Porém, mesmo com a escassez de recursos tecnológicos e financeiros, algumas escolas das áreas urbanas e rurais da região amazônica têm utilizado o rádio como recurso pedagógico em sala de aula e em atividades extraclasse, são as chamadas rádio-escola.

Mesmo parecendo algo das chamadas novas tecnologias, o uso do rádio como ferramenta de ensino não é recente, a história da radiodifusão no Brasil faz referência a inúmeros projetos que utilizaram o rádio como recurso pedagógico, os quais por meio de aulas radiofônicas ensinaram muitos jovens a ler, escrever e pensar criticamente sobre o que acontecia na sociedade.

Diante disso, esta pesquisa propõe uma investigação do uso do rádio como recurso pedagógico nas escolas de Santarém a partir do diálogo entre comunicação e educação.

---

<sup>1</sup> Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

### 1.1. E por que o rádio?

O rádio sempre esteve presente na minha vida, mesmo antes de entrar na graduação. Tudo começa com o trabalho na Pastoral da Juventude nos idos de 1997, quando à época fui convidada a apresentar o programa “De Jovem para Juventude”, na Rádio Rural de Santarém. O programa, apresentado aos sábados, tinha o objetivo de informar sobre as ações da Pastoral e estimular a consciência crítica dos jovens com reflexões sobre temas políticos, sociais, econômicos, unindo fé e vida.

Os primeiros meses ajudaram-me a entender como funcionava a “caixinha mágica<sup>2</sup>” que estava acostumada a ouvir desde a infância. Em 1998, a graduação levou-me para o caminho da licenciatura, aproximando-me da educação. Já apaixonada pelo rádio veio-me um questionamento, como unir a educação tradicional a esta mídia tão importante na região amazônica?

Não demorou muito para obter a resposta, isso porque nas viagens às comunidades do interior para o trabalho pastoral, os ouvintes sempre perguntavam mais sobre os assuntos tratados nos programas, e como poderiam colocar em prática as ações apresentadas. Desta forma, compreendi o quão importante instrumento de comunicação e de educação era o rádio.

No entanto, não bastava compreender, era necessário aprofundar a reflexão, e através de pesquisas pude conhecer a proposta do Movimento de Educação de Base (MEB) que buscava além da educação “formal” uma educação cidadã, na qual os sujeitos não apenas aceitam as condições, mas questionam, propõem e agem. Segundo Freire (1979) “a realidade não pode ser modificada, senão quando o homem descobre que é modificável e que ele pode fazê-lo”. A partir deste entendimento comecei a trabalhar a chamada educação popular utilizando o rádio como recurso.

Como afirma Corazza (2016) “quando se aprende a linguagem radiofônica, entende-se que ela requer proximidade com a vida cotidiana, da conversa do dia a dia”, e é nesse diálogo que se promove a formação cidadã, a qual ajuda no fortalecimento das organizações. E foi a partir deste entendimento que busquei aliar o rádio ao cotidiano das pessoas, através da escuta, dos relatos, e da vivência comunitária.

---

<sup>2</sup> Denominação dada por Macluhan ao se referir ao rádio.

Em 2001, comecei a trabalhar profissionalmente na Rádio Rural de Santarém como produtora do Jornal da Manhã, logo depois do Jornal do Meio dia, e mais tarde coordenadora da equipe de jornalismo da emissora. Mesmo estando na produção de notícias, buscava produzir matérias que não apenas informassem, mas estimulassem o ouvinte a pensar criticamente.

Em 2006, fui chamada para trabalhar no Projeto Rádio Pela Educação como produtora do programa Para ouvir e Aprender, também na Rádio Rural de Santarém. Agora, não estava mais no meio das comunidades, mas diretamente incluída nas escolas, onde o programa era veiculado. Não eram mais adultos, mas crianças as receptoras.

No projeto, que no primeiro momento fiquei até meados de 2008, produzia os programas educativos que eram veiculados nas escolas no horário das aulas. Nesse período, tive um contato mais direto com atividades educativas escolares, pois os programas utilizavam os gêneros textuais, em uma perspectiva interdisciplinar, os quais ajudavam no desenvolvimento de várias disciplinas, não apenas a Língua Portuguesa.

Ainda em 2008, fui convocada para estar à frente de um projeto maior – a Rede de Notícias da Amazônia<sup>3</sup>. A ideia era unir emissoras da Amazônia em rede para uma atuação conjunta com foco na formação crítica dos ouvintes sobre diversos temas, em especial os temas sociais e ambientais.

Em 2016, após um ano de afastamento da Rádio Rural, fui novamente chamada para o Projeto Rádio Pela Educação, onde fiquei até o final de 2017 coordenando as atividades de produção, de formação dos leitores e apoio às atividades extracurriculares das escolas parceiras do projeto, com formações em produção de programas escolares. Ainda em 2017, comecei a atuar como docente ministrando aulas de radiojornalismo no curso no Comunicação Social, no Centro Universitário da Amazônia (Unama).

---

<sup>3</sup> Associação de emissoras de Rádios que envolve 20 emissoras instaladas em sete estados da Amazônia Legal, que tem como meta democratizar a comunicação na região amazônica priorizando o ponto de vista dos lutadores sociais, através da divulgação das suas ações políticas, econômicas, culturais e sociais. Atualmente continuo na função de gestora da Rede.

Como se pode perceber, o rádio sempre esteve presente em minha vida profissional, e porque não dizer acadêmica, visto que desde a graduação já atuava neste importante veículo de comunicação popular.

O trabalho com o rádio me fez compreender a sua importância para os povos, principalmente, da região amazônica, os quais muitas vezes estão isolados do mundo, e não dispõem de tecnologias modernas como as utilizadas hoje pela grande maioria da população, tais como a internet e a televisão.

O rádio tende a provocar a libertação destas limitações espaço-temporais, ao ultrapassar as barreiras geográficas, sociais, culturais e políticas, assim como o fato de fazer repercutir instantaneamente os acontecimentos, os discursos, o eco sonoro do mundo para além das fronteiras de sua percepção imediata (RODRIGUES, 1997, p.182).

Ainda segundo o mesmo autor, “o rádio atravessou as fronteiras” do tempo e do espaço e continua presente na vida das pessoas. Por isso, não se pode pensar em uma educação com o uso de tecnologias que não utilize o rádio como recurso, em especial na região amazônica. Zuculoto (2005) corrobora com tal afirmativa ao destacar a possibilidade sempre maior que o rádio tem de adaptar tanto sua linguagem, quanto seu conteúdo às novas tecnologias.

E foi por entender o rádio não apenas como um simples aparelho de comunicação, mas como recurso de aprendizado, e por identificar a presença de rádios escolares instaladas nos estabelecimentos de ensino de Santarém, que optei por pesquisar os projetos Sintonia da Educação e Fala, Galera! desenvolvidos nas escolas Rotary e Madre Imaculada, respectivamente.

Outro fator que motivou a pesquisa é a pertinência do uso de rádios escolares como práticas do campo da educomunicação, a qual permite a valorização dos sujeitos, o desenvolvimento da criatividade e a convivência democrática entre estudantes e educadores.

Assim, a proposta foi compreender como essas ações são desenvolvidas nas escolas? De forma os estudantes envolvidos no processo são os protagonistas? Os educadores têm habilidades para utilizar o rádio em sala de aula como recurso pedagógico?



Em busca de responder as estas perguntas optou-se por fazer uma descrição de como são desenvolvidas as rádios escolares nas escolas pesquisadas, identificando as potencialidades que esta mídia apresenta para a aprendizagem a partir de uma relação dialógica entre os envolvidos nos projetos. Também buscou-se refletir quais mudanças ocorreram nas escolas a partir da implantação das respectivas rádios.

Ante ao exposto, esta pesquisa foi dividida em cinco capítulos: no primeiro descreveu-se o percurso histórico do rádio no Brasil a fim de apresentar como esta mídia criada no meio da elite brasileira tornou-se tão popular. Neste capítulo, ainda se apresenta as nomenclaturas dadas ao longo do tempo as diversas emissoras espalhadas pelo país, desde as comerciais até às chamadas rádio postes.

No segundo capítulo busca-se definir educação e comunicação fazendo um percurso pela história, até o ponto em que essas duas nomenclaturas se cruzam. Também se apresenta a educomunicação desde o surgimento das palavras, até os conceitos atribuídos a este novo processo.

O terceiro capítulo apresenta o rádio educativo e os diversos projetos que foram desenvolvidos por meio de programas radiofônicos para ensinar a população carente a ler e escrever. Da mesma forma, expõem-se o surgimento das rádios escolares e suas contribuições para o processo de ensino aprendizagem nas escolas.

No quarto capítulo faz-se uma descrição das metodologias adotadas para esta pesquisa, e o porquê de se fazer um estudo de caso, e uma pesquisa participante ao mesmo tempo. Também se apresenta as técnicas de coleta de dados utilizadas para a obtenção dos resultados.

No quinto e último capítulo situa-se o campo da pesquisa descrevendo tanto a região onde estão situadas as escolas investigadas, quanto os próprios estabelecimentos de ensino, para que o leitor possa “imaginar” os espaços. De modo igual é feita a apresentação de cada projeto e a forma como são executados. Neste mesmo capítulo são descritas algumas observações feitas durante o processo de investigação.

## 2 CONTEXTO HISTÓRICO DO RÁDIO NO BRASIL

O rádio é considerado um dos meios de comunicação mais antigo e popular da sociedade. A primeira emissora foi implantada após a primeira guerra mundial em Pittsburgh, nos Estados Unidos em 1920 por Frank Conrad, engenheiro eletrônico da *Westinghouse*<sup>4</sup>. A KDK - A, como foi denominada, era de cunho comercial e tinha como base programas jornalísticos. No mesmo ano, a *Westinghouse Electric and Manufacturing Company* começou a vender os aparelhos de rádio para milhares de cidadãos norte-americanos e a expandir para outros países, tornando-se uma verdadeira indústria de radiodifusão.

Porém, segundo Azevedo (2002) mesmo com a expansão em larga escala, em nenhum outro lugar foram registrados índices de crescimento similares aos dos Estados Unidos.

Em 1921 começavam em Paris os primeiros programas, utilizando a Torre Eiffel como antena. No ano seguinte, em 1922, a BBC era fundada em Londres. Poucos meses depois, vão ao ar as primeiras transmissões espanholas. Na recém-criada URSS, Lenin exortava que se pesquisasse e aproveitasse esse “jornal sem papel e sem fronteiras”, como ele chamava o rádio (LÓPEZ VIGIL, 2003, p. 33).

No Brasil, a primeira transmissão ocorreu em 1922 por ocasião das comemorações do centenário da Independência. À época, oitenta receptores foram distribuídos à população que pode acompanhar o discurso do presidente Epitácio Pessoa.

Para este evento foi usada uma estação de 500 watts, instalada no morro do Corcovado pela empresa *Westinghouse Electric International*, que possibilitou a transmissão também para Niterói e Petrópolis, ambas no Rio de Janeiro e São Paulo. Houve ainda a importação de 80 receptores de rádios especialmente para a data, sendo que alguns foram instalados em praças públicas dessas cidades. [...] Após o discurso do presidente, os convidados e a multidão, que se aglomerou na porta do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, tiveram a oportunidade de ouvir a ópera “O Guarani”, de Carlos Gomes (PRADO, 2012, p. 51).

---

<sup>4</sup> Empresa norte-americana responsável pela fabricação dos receptores de rádio utilizados durante a Primeira Guerra Mundial para comunicação interna. Os soldados utilizavam radioamadores.

No entanto, a primeira emissora só foi instalada no ano seguinte, pelo professor e médico Edgard Roquette-Pinto com a colaboração do cientista Henrique Morize. A Rádio Sociedade do Rio de Janeiro tinha como lema “trabalhar pela cultura dos que vivem em nossa terra e pelo progresso do Brasil”.

A proposta de Roquette- Pinto era levar um pouco de educação a cada canto do país, mas seu ideal logo esbarrou no alto custo dos aparelhos receptores, os quais eram comprados no exterior. Segundo Prado (2012) “só podiam ser adquiridos por aqueles que tinham poder de compra, deixando a margem a maior parte da população”.

Mesmo com poucos aparelhos receptores, ainda na década de 20, emissoras de rádio espalharam-se pelo território nacional. Com o nome de “clubes” e “associações” eram formadas por pessoas que utilizavam a mídia muito mais como diversão, do que como educação. Os associados, a maioria de famílias abastadas, pagavam mensalidades para manter as emissoras funcionando, faziam a programação doando discos de seus acervos pessoais, escreviam, tocavam, cantavam e eles mesmos ouviam a programação que tinha um caráter elitista.

Porém, com o tempo as pessoas deixaram de financiar as emissoras, as quais enfrentavam dificuldades econômicas e financeiras para se manter. Contudo, Roquette-Pinto acreditava que o rádio se tornaria um veículo de massa.

E esse pensamento veio a se concretizar, quando na década de 30, o governo mostrou-se preocupado com a nova mídia, a qual definia como “serviço de interesse nacional e de finalidade educativa”, e através do decreto de nº 21.111 autorizou a veiculação de propaganda nas emissoras de rádio.

Com a introdução da publicidade, as emissoras passam a se organizar como empresas para disputar o mercado. A programação deixou de ser erudita e tornou-se mais “popular”, voltada ao lazer e a diversão. Além disso, o conteúdo dos programas sofreu mudanças e os comunicadores foram em busca de uma linguagem mais simples e comunicativa. É neste período que se inicia a profissionalização na área da atividade radiofônica.

Para comprimir melhor o seu papel, o rádio não pode mais viver apenas de improvisação. Precisa mudar, para poder fazer face a nova situação. Estrutura-se como empresa, investe e passa a contratar artistas e produtores. Os programas são preparados com antecedência e a preocupação está voltada para conseguir cada vez mais audiência, popularizando-se, criando os primeiros ídolos populares (ORTRIWANO, 1985).

Ainda segundo a autora, é na década de 30 que o rádio vai definindo sua linha de atuação e assumindo um papel cada vez mais importante na vida social, política e econômica do país. A popularização do veículo possibilitou um elo entre o indivíduo e a coletividade, mostrando-se capaz não apenas de vender produtos, mas mobilizar as massas, levando-as a uma participação ativa na vida social.

É importante o comunicador reter que a prestação de serviço por intermédio do rádio possui força e poder imagináveis. Ele tem a magia de cativar e seduzir os ouvintes, conduzindo-os a atitudes e comportamentos conformes ao padrão estabelecido. Por isso é bom saber que estamos fazendo o uso de um meio o qual influencia o cotidiano das pessoas [...] (FILHO, 2009, p. 50).

Além disso, em muitos casos o rádio é o único veículo a levar informação as pessoas de vastas regiões do país que não têm acesso a outros meios de comunicação, tanto por motivos geográficos, quanto econômicos.

No entanto, o surgimento da televisão na década de 50 provocou uma grave crise nas emissoras, as quais foram obrigadas a repensar sua forma e estrutura a fim de manter a fidelidade do público ouvinte. O surgimento do transistor<sup>5</sup> foi um grande aliado nesta época. Segundo Filho (2009) “com o transistor tornou-se possível ouvir rádio a qualquer hora e em qualquer lugar, sem precisar ligar a tomadas”. O rádio ganhou mobilidade, foi às ruas, saiu do meio da família e tornou-se individual.

Também com intuito de manter o público ouvinte, as emissoras instalaram o serviço de utilidade pública com a divulgação de notas, mensagens, achados e perdidos, os quais mais tarde foram ampliados, possibilitando a criação de setores exclusivos dentro das emissoras. A intenção era restabelecer o diálogo com os ouvintes e manter a supremacia das rádios.

---

<sup>5</sup> O transistor é um componente de circuito elétrico, cujo nome vem do termo *transfer* resistor, ou seja, resistor de transferência. Uma de suas principais funções é a de aumentar e chavear os sinais elétricos. É basicamente um substituto das antigas válvulas eletrônicas. Sua aplicação é vantajosa, pois o custo de fabricação é menor e gasta menos energia que as antigas válvulas.

Nenhum outro veículo conseguiu alcançar localidades cujo acesso, somente por barco, levava mais de dois dias. Nenhum outro veículo conseguiu levar informações, avisos, recados, música, entretenimento e notícia para os paraenses, especialmente os analfabetos, aonde nem o correio chegava. (COSTA, 2011, p. 293).

Na região Amazônica, onde as distâncias são gigantescas, esse tipo de serviço foi de fundamental importância, especialmente, para as populações das áreas de garimpo. Ainda segundo Costa (2011) “o rádio funcionou como um importante meio de comunicação entre a capital e o interior”.

Ainda neste período, algumas rádios introduziram em sua programação o esquema “música exclusivamente música”, o qual teve um grande sucesso comercial devido a audiência. Outro passo importante para que as emissoras de rádio se mantivessem foi a melhoria do som, possível através da instalação das chamadas Frequência Modulada (FM), as quais começaram a funcionar na década de 60 fornecendo inicialmente música ambiente para diversos locais, como hospitais, escolas e outros.

Em meados da década de 70, o governo preocupado com a expansão radiofônica do rádio cria a Radiobrás – Empresa Brasileira de radiodifusão<sup>6</sup>, a qual tinha entre outras funções a de difundir programas educativos, programação informativa, etc.

Na passagem século XX para o século XXI, com o apogeu da internet mais uma vez o serviço de radiodifusão foi questionado, porém mais uma vez esta mídia superou as dificuldades e se pôs firme no seu propósito. Muitas emissoras começaram a transmitir pela rede mundial de computadores suas programações, ampliando ainda mais a audiência, são as chamadas rádio na web. Há também a web rádio, que consiste nas emissoras cuja programação é totalmente na internet.

Essas novas formas garantem maior interatividade entre o comunicador radiofônico e o ouvinte. Se antes o chamado feedback vinha através de cartas e

---

<sup>6</sup> Atualmente a Radiobrás é a Empresa Brasileira de Comunicação – EBC. Ao herdar os canais de rádio e TV geridos pela estatal Radiobrás e pela TVE do Rio de Janeiro, a EBC ficou encarregada de unificar e gerir, sob controle social, as emissoras federais já existentes, instituindo o Sistema Público de Comunicação. Além disso, adquiriu como missão articular e implantar a Rede Nacional de Comunicação Pública.

telefones fixo, hoje é possibilitado pelas mensagens instantâneas dos aplicativos de mensagens instalados nos celulares.

O que se pode perceber ao fazer um panorama da história do rádio no Brasil, é de que esta mídia é dinâmica, e tem o poder de reinventar-se a cada época para continuar informando, educando e entretendo.

O rádio tem hoje a possibilidade sempre maior de ser meio de expressão, se explorar e adaptar seus recursos técnicos, de linguagem e de conteúdo as novas tecnologias e aos novos tempos da humanidade. O rádio continua a ter potencial para ser o veículo mais popular e de maior alcance de público [...] (ZUCULOTO, 2005, p. 53).

Isso é possível graças as características da comunicação radiofônica, entre as quais pode-se citar penetração e intimidade. Segundo Ortriwano (1985) “em termos geográficos, o rádio é o mais abrangente dos meios, podendo chegar a pontos mais remotos e ser considerado de alcance nacional” falando para milhões de pessoas, configurando a penetração. Mas ao mesmo tempo que fala para milhões, o rádio é íntimo, fala para cada indivíduo.

Filho (2009) destaca que “a forma de falar são pensadas para o ouvinte com suas particularidades e expectativas. O tom íntimo (amigo ouvinte, caro ouvinte) proporciona uma intimidade única, fazendo do rádio um veículo companheiro”. No entanto, se sabe que antes não era assim, a mídia ocupava o centro da casa e convocava a família inteira. Hoje, porém, esse espaço é ocupado pela televisão, ao rádio cabe a companhia individual.

Além disso, o rádio é acessível e barato e pode ser levado a qualquer lugar, mesmo onde não há energia elétrica, e sua linguagem é simples permitindo que qualquer pessoa possa entender o que está sendo dito.

Na região amazônica, o rádio teve e tem um papel fundamental. Além de diminuir as distâncias geográficas, possibilitou o aprendizado de pessoas e conseqüentemente a formação de uma consciência político-social. E como antes, hoje muitos educadores acreditam no potencial que o rádio tem como recurso pedagógico, agora em sala de aula, contribuindo no aprendizado de dezenas de estudantes de escolas públicas.

## 2.1. Definição e classificação das rádios no Brasil

O avanço da internet no século XXI exigiu mudanças nas formas de produzir e transmitir conteúdo a fim de atender um consumidor cada vez mais conectado. Hoje TV e rádio estão em uma única plataforma. Esse novo cenário chamado de convergência midiática obrigou os teóricos a repensar a definição de radiodifusão, visto que o conceito inicial de transmissão de ondas de radiofrequência propagadas eletromagneticamente pelo espaço não cabe mais, pois agora se pode ouvir frequência de rádio através da rede mundial de computadores.

Na atualidade, o termo rádio extrapola sua base tecnológica inicial e recebe conceitos diversificados.

1. rádio de antena ou hertziana, correspondendo às formas tradicionais de transmissão por ondas eletromagnéticas; e 2. rádio on-line, que engloba todas as emissoras operando via internet, independente de possuírem contrapartes de antenas ou hertziana, além de produtores independentes de conteúdo disponibilizado via rede mundial de computadores. Essa última modalidade engloba: 1. rádio na web identificando estações hertzianas que transmitem os seus sinais também pela rede mundial de computadores; 2. web rádio para emissoras que disponibilizam suas transmissões exclusivamente na internet, e 3. práticas como o podcasting, uma forma de difusão via rede, de arquivos ou série de arquivos – os podcasts, nesse caso específico de rádio com linguagem radiofônica (FERRARETTO, 2014, p. 19).

Assim como o conceito de radiodifusão foi ampliado, as modalidades dos serviços também. Além das já tradicionais rádios: comercial, educativa, comunitário, pode-se destacar ainda as rádios livres e as web-rádio. As três primeiras funcionam a partir de outorgas concedidas pelo governo Federal, enquanto as duas últimas não precisam de autorização governamental para funcionarem.

Segundo Neuberger (2012), as outorgas concedidas às emissoras de rádio (comercial, educativa e comunitária) tem prazo de dez anos, prorrogáveis por igual período desde que as emissoras cumpram as determinações legais. Desde 1997, há duas formas de conceder outorga do serviço de radiodifusão comercial, as quais são sempre precedidas de licitação: “(a) permissão: a outorga de serviço de radiodifusão de caráter local e assinada pelo Ministro das Comunicações; (b) concessão: utilizada para a outorga de serviços de caráter regionais e de responsabilidade do Presidente da República.”

**RÁDIO COMERCIAL** – o decreto nº 21.111, que autorizou a propaganda nas emissoras de rádio dá o pontapé para a implementação no Brasil das chamadas Rádios Comerciais. Se antes eram mantidas por grupos de simpatizantes, agora os responsáveis pelas emissoras teriam de buscar publicidade e ganhar a concorrência, mas para isso era necessário organizar-se como empresa.

Segundo Ortriwano (1985), as mudanças ocorridas no país a partir da revolução de 30 com o despontar do comércio e da indústria, bem como a centralização do poder por Getúlio Vargas favorecem a expansão da radiodifusão, apresentando o rádio como um meio extremamente eficaz para estimular o consumo, isso porque esta mídia chegava a um número maior de consumidores, em sua maioria analfabetos.

Getúlio Vargas foi o primeiro governante a ver no rádio importância política, tanto que após a revolução de 30, criou o departamento oficial de propaganda (DOP) responsável por uma sessão que antecedeu a “Hora do Brasil”. Em 1934 o DOP foi transformado em Departamento de Propaganda e Difusão Cultural, surgindo então “A Voz do Brasil”.

Em 1939, a partir do decreto nº 1.915 que criou o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) ligado à Presidência da República, o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural foi substituído. O novo Departamento ficou encarregado de fiscalizar e censurar não apenas o conteúdo das emissoras de rádio, mas também do teatro, do cinema e dos jornais. Anos depois “A Voz do Brasil” passou a ser responsabilidade da Empresa Brasileira de Notícias, atualmente Empresa Brasileira de comunicação (EBC).

Essas mudanças ocorridas na radiodifusão possibilitaram maior investimentos publicitários, favorecendo a criação de agências publicitárias.

**RÁDIO EDUCATIVA** - paralelo às rádios comerciais encontra-se a radiodifusão educativa, cuja outorga pode ser concedida às pessoas jurídicas de direito público interno, inclusive universidades e fundações de cunho educacional. Os programas deste tipo de emissora são de caráter educativo-culturais, em parceria com sistemas de ensino visando a educação básica e superior, bem como a educação permanente e a formação para o trabalho.



Nestas emissoras é vedada a propaganda direta e indireta, sendo permitido apenas apoio cultural e veiculação de publicidade institucional de entidades de direito público ou privado, como os órgãos do governo (Esta modalidade de emissora será melhor detalhada no capítulo específico).

**RÁDIO COMUNITÁRIA** – este tipo de emissora foi instituído pela lei 9.612, de 1998, e regulamentada pelo decreto 2.615 do mesmo ano. As emissoras enquadradas nesta categoria funcionam em Frequência Modulada (FM), em baixa potência (25 watts), e sua cobertura é restrita a um raio de 1km, a partir da antena de transmissão.

As rádios comunitárias podem funcionar mediante autorização concedida pelo Ministério das Comunicações às associações e fundações comunitárias sem fins lucrativos situadas na localidade de prestação do serviço. Assim como as educativas, as radiocom<sup>7</sup> não podem veicular propaganda, apenas patrocínios em forma de apoio cultural, visto que seu objetivo é proporcionar informação, lazer e entretenimento, e da mesma forma estimular a cultura local e as ações da comunidade.

O objetivo é dar condições à comunidade de discutir amplamente seus interesses locais, de forma plural, oportunizando o debate e o desenvolvimento social, cultural, político, econômico, etc. de bairros ou pequenas localidades. Assim, a programação de uma rádio comunitária deve conter informação, lazer, manifestações culturais, artísticas, folclóricas, sem discriminação de raça, religião, sexo, convicções político-partidárias e condições sociais (NEUBERGER, 2012, p. 101).

Por esse motivo, as rádios comunitárias não podem utilizar a programação de outras emissoras, e devem cumprir uma carga horária de no mínimo oito horas de programação com programas produzidos por moradores da comunidade.

É importante ressaltar que as emissoras comunitárias também têm um importante papel educativo,

[...] as pessoas que se envolvem diretamente na produção comunicativa comunitária passam a compreender melhor a realidade e o mundo que as cercam. Aprendem também a trabalhar em grupo e a respeitar as opiniões dos outros, aumentam seus conhecimentos técnicos, filosóficos, históricos e legais, ampliam a consciência de seus direitos. Desenvolvem a capacidade de expressão verbal, além de conhecerem o poder mobilizatório e de

---

<sup>7</sup> Abreviação para Rádio Comunitária.

projeção que a mídia possui, em geral simbolizado no atendimento a reivindicações e ao reconhecimento público pelo trabalho de locutores. Aprendem ainda a entender os mecanismos de funcionamento de um meio de comunicação (PERUZZO, 2010).<sup>8</sup>

Além disso, ao utilizarem a mídia rádio e compreenderem seu funcionamento reconhecem o poder de mobilização que esta mídia tem na organização e formação da consciência crítica.

Nos últimos anos devido a exigência dos governos em conceder outorgas, ou mesmo licença de operação tem efervescido no país, as chamadas rádios livres, rádios-*web* e as rádios poste.

**RÁDIO LIVRE** – são as emissoras que operam sem permissão legal dos órgãos governamentais competentes e operam com certa frequência do dial<sup>9</sup>. Esse tipo de emissora existe desde o início da radiodifusão, mas o fenômeno ganhou impulso a partir da década de 70 na Europa, com o princípio de fazer com que o ouvinte se sentisse participante do processo.

No Brasil, a primeira foi a Rádio Paranóica de Vitória (ES) idealizada por dois irmãos, na época com quinze e dezesseis anos. O mais novo foi preso por subversão. Segundo Peruzzo<sup>10</sup> (1998) a rádio surgiu com o slogan “a única que não entra em cadeia com a Agência Nacional”, e apesar de ter sofrido intervenção, voltou a funcionar em 1983 e continua no ar, com nome de Rádio Sempre Livre.

Mais tarde, em 1976, surge a Rádio Spectro, em Sorocaba (SP). Esta cidade chegou a ter mais de quarenta emissoras operando. Outra pioneira foi a RCG-Rádio Globo de Criciúma (SC). Na década de 80 houve uma proliferação de emissoras Livres, principalmente, na capital paulista, mas os primeiros idealizadores não estavam envolvidos em grandes causas sociais e políticas, queriam apenas praticar a arte da radiofonia.

---

<sup>8</sup> PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Trabalho apresentado ao GT economia Política e Políticas em Comunicação. **Encontro anual do Compós**, realizado na PUC-Rio. 08 – 11 de 2010.

<sup>9</sup> Quadrante graduado dos aparelhos de rádio, com ponteiro indicador de sintonia. No Brasil, a frequência das estações de rádio FM começa no 88,1 MHz e vai até a faixa de 108 MHz. Cada emissora é separada da outra por pelo menos 200 kHz. Nas AMs, o dial vai de 520 a 1 610 kHz, com intervalos de 10 kHz.

<sup>10</sup> O artigo é uma versão ampliada do Paper apresentado no GT Cultura e Comunicação Popular, no XXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Recife-PE, 9 a 14 de setembro de 1998.

De acordo com Neuberger (2012), “as rádios livres são uma maneira de combater o monopólio e os conglomerados, pois não seguem propósitos comerciais, mas de liberdade, de participação popular”.

**WEB RÁDIO** - Ao lado das rádios livres aparecem as rádios-web – que são formas de rádio que não existem de forma física, apenas na rede mundial de computadores transmitindo sua programação por meio de *streaming*. O termo *web* rádio é utilizado para emissoras convencionais que transmitem via internet, e virtuais para estações existentes apenas no meio virtual. A programação dessas emissoras tanto pode ser ao vivo, quanto gravadas.

A Rádio Klif, no estado do Texas, nos Estados Unidos, foi a primeira emissora a transmitir de forma contínua e ao vivo através da internet, a partir de setembro de 1995. No Brasil, a web rádio chegou em 1998, com as transmissões da Rádio Totem, a primeira emissora brasileira com existência apenas na internet.

Esse tipo de rádio implicou várias mudanças tanto na forma de produção, quanto de recepção. Pela internet ter um campo vasto de acesso, qualquer pessoa, em qualquer parte do mundo pode ouvir a rádio. Outra mudança importante são os programas gravados que podem ser ouvidos a qualquer momento, sem que o ouvinte precise sintonizar a emissora nos horários marcados.

Além disso, destaca-se a qualidade do som e o baixo custo de produção, já que para instalar uma rádio *web* não são necessários tantos equipamentos quando na rádio tradicional. No entanto, em regiões, onde o acesso à internet é precário, essas rádios não passam de ser apenas um sonho, uma possibilidade.

**RÁDIO POSTE** - Na região Amazônica, outras possibilidades de rádio têm se apresentado, principalmente, nas comunidades do interior, são as chamadas rádio postes, que consiste em um sistema de autofalante ou de caixas amplificadoras de som instalados em postes ou torre de igrejas.

Segundo Peruzzo (2010) há registros desse tipo de rádio nos anos 1950, com apogeu na década de 1980. Essa é uma das formas que as associações comunitárias, igrejas e outros encontram para fugir dos rigores da lei da radiodifusão, visto que não precisa de autorização para funcionar, embora em algumas cidades exista a exigência de alvará.

A comunicação por alto-falante é bastante difundida em função da facilidade de instalação e baixo custo dos equipamentos, e se bem utilizada pode ser um importante instrumento mobilização, informação e educação.

No entanto, para entender melhor como esta mídia torna-se um recurso dentro do campo da educação, é necessário aprofundar o tema compreendendo o contexto e como se dá o processo.

### 3 EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Em que momento educação e comunicação se cruzam no ambiente escolar? A educação é possível sem comunicação e vice-versa? Para responder tais perguntas, se faz necessário compreender esses dois conceitos tão presentes no cotidiano dos seres humanos, mas muitas vezes utilizado como campos totalmente distintos que não se convergem.

Para alguns comunicação é apenas meio, e educação apenas técnicas. Porém, segundo Martín-Barbero (2014) “o primeiro aporte inovador da América Latina à teoria da comunicação foi a partir do campo da educação: a pedagogia de Paulo Freire”.

#### 3.1. Educação

A palavra educação originou do latim, *educare* ou *educere*. O termo é composto pelo prefixo *ex* (fora) e *ducere* (conduzir ou levar), ou seja, no sentido literal da palavra significava conduzir para fora. Nos primeiros tempos da humanidade era usada para disciplinar ou preparar a pessoa para o mundo, fora da casa dos pais, fora de si mesmo, a fim de que pudesse viver em sociedade de forma “educada”. O dicionário Aurélio (2010) da Língua Portuguesa classifica educação como “processo de desenvolvimento da capacidade física, moral e intelectual do ser humano”.

Mas a educação vai além de formas e conceitos formados, ela é parte da existência humana, e pode acontecer através da troca, do convívio comunitário, ou imposta como forma de dominação para manter ou acentuar as desigualdades sociais.

Segundo Brandão (2007) “nenhum ser humano escapa da educação”, isso porque ela não ocorre apenas nos chamados “centros especializados de ensino” como escolas e universidades, mas em qualquer lugar, seja em casa, na rua, na igreja ou na escola. O mesmo pensamento tem Freire (1993) ao afirmar que “a educação tem caráter permanente”, pois “não existem seres educados e não educados todos estão se educando”, todos estão em processo de aprendizagem. Nesta mesma vertente Kaplún (1998) reforça que a educação é um processo de ação-reflexão-ação, cujo individuo faz desde a sua realidade junto com outros sujeitos.

Neste sentido, não se pode afirmar que existe um único modelo de educação, cada povo tem seu modo de aprender e também de ensinar, e cada um aprende conforme as suas capacidades.

Existe entre povos que submetem e dominam outros povos, usando a educação como um recurso a mais de sua dominância. Da família à comunidade, a educação existe difusa em todos os mundos sociais, entre as incontáveis práticas dos mistérios do aprender; primeiro, sem classes de alunos, sem livros e sem professores especialistas; mais adiante com escolas, salas, professores e métodos pedagógicos (BRANDÃO, 2007, p.10).

Assim sendo, os chamados “centros especializados em educação” devem se adequar à realidade de qualquer povo, abarcando em seu conjunto de “formação”, os saberes acumulados que cada pessoa traz consigo ao chegar à escola. Saberes esses aprendidos em casa no convívio com a família, na brincadeira com os colegas, com os avós e até mesmo com os desconhecidos nas ruas. Freire (1993) corrobora com esse pensamento ao afirmar que a educação deve dar oportunidade para que os educandos sejam eles mesmos com seu ímpeto de criar e transformar a realidade onde está inserido.

Ainda segundo Freire (1993), “a educação é possível para o homem, porque este é um ser inacabado e sabe-se inacabado”. Neste sentido, a educação seria uma busca da realização deste ser inacabado, que ao longo do processo vai se complementando na medida em que se relaciona com outras pessoas, trocando ideias, crenças, modos, conhecimentos difundidos através da cultura de cada sociedade.

Na espécie humana a educação não continua apenas o trabalho da vida. Ela se instala dentro de um domínio propriamente humano de trocas: de símbolos, de intenções, de padrões de cultura e de relações de poder. Mas, a seu modo, ela continua no homem o trabalho da natureza de fazê-lo evoluir, de torná-lo mais humano (BRANDÃO, 2007, p. 14).

No entanto, ainda hoje no imaginário das pessoas a educação tem a função de transformar homens, mulheres e mundos em pessoas melhores para o convívio em sociedade. Isso porque, segundo Martín-Barbeiro (2014), a escola continua

distante da vida, das ânsias e das lutas dos educandos, silenciando as vozes reforçando o pensamento de uma minoria dominante.

Neste contexto, a educação é vista como um método cujo objetivo é adaptar o ser humano ao mundo, que está mais preocupado com o poder econômico do que com o intelecto da sociedade. Entendem que o professor é um ser superior que ensina ignorantes, os quais devem ser preparados para atender as exigências materiais e simbólicas necessárias à manutenção do processo de dominação do capital.

Segundo Martín-Barbero (2014) a escola continua consagrando uma linguagem retórica e distante da vida, tornando quase que absoluta uma cultura que asfixia as vozes. Nesta mesma perspectiva, Schlesener (2016) argumenta que na sociedade capitalista o ser humano deve adaptar-se às exigências de produção, as quais orientam tanto a inserção do mercado de trabalho, quanto o sentido da vida de cada pessoa.

Freire (1993), porém, contrapõe tal afirmativa ao destacar que “adaptar é acomodar, não transformar”, e que a educação deve estimular o ser humano a transformar a sua realidade, isso porque o seu destino é o de transformar o mundo, sendo sujeito de sua ação, caso contrário, isso significa negar a educação.

Desta forma, é necessário compreender que o homem é um ser criador, e que, portanto, a educação deve dar oportunidade para que o ser humano desenvolva esse ímpeto de criar, analisar, questionar e transformar a realidade onde está inserido.

Assim, a escola mais do que apenas repassar conteúdos, deve estimular o desenvolvimento de uma consciência crítica,

que permite ao homem transformar a realidade se faz cada vez mais urgente. Na medida em que os homens, dentro de sua sociedade vão respondendo aos desafios do mundo, vão temporalizando os espaços geográficos e vão fazendo história pela sua própria atividade criadora (FREIRE, 1993, p. 16).

E o caminho para este processo é ser dialógico, pois ser dialógico segundo Freire (1983) é não invadir, é não manipular, mas empenhar-se em transformar constantemente a realidade. E nesse contexto, o papel do educador não é o de “encher” o educando de “conhecimento”, mas de proporcionar espaços para que ele possa relacionar o que aprendeu com a sua vivência, questionar e propor mudanças.

Mas este pensar não pode ser isolado, deve ser partilhado, debatido, confrontando ideias, e isso só é possível através da comunicação.

Nesta vertente, assevera Freire (1983) que “a educação é comunicação, na medida em que não é transferência de saber, mas encontro de sujeitos”, que ao viverem em sociedade dialogam, partilham, trocam, ensinam e aprendem uns com os outros.

Assim, precisamos de uma pedagogia da comunicação, na qual o diálogo seja o principal processo, proporcionando o pensar e não apenas o decorar conteúdos, o questionar e principalmente o agir, para que os educandos não sejam apenas objetos prontos a receber, mas sujeitos de suas ações. Freire (1993) reforça ainda, que “o homem não é uma ilha. É comunicação”.

### **3.2 Comunicação**

O processo comunicativo existe desde os primórdios da humanidade, pois os seres humanos já se organizavam em grupos sociais, trocavam alimentos, ideias, transmitiam informações, sejam elas através de grunhidos, gritos, símbolos ou desenhos. Há registros na história de que a comunicação não foi inventada, ela é parte do ser humano.

No sentido etimológico da palavra, “comunicar” deriva do verbo em latim “*comunicare*”, que significa participar, fazer saber, tornar comum, repartir, associar. Na visão de Rabaça (2014) comunicar implica interação, troca de mensagens, emissão e recebimento de informação.

A etimologia sugere um conceito social. Assim sendo, em primeiro lugar ao homem, e por extensão a seres vivos que mantenham relações sociais entre si. Em segundo lugar, um fenômeno concreto, objetivo, que ocorre quando um ser A transfere informação para um ser B. Em terceiro lugar um processo ativo, envolve na sua essência um propósito que é o de um ser influenciar o outro ser, modificar seu comportamento, obter uma resposta. Em quarto lugar, a tendência é se fechar em círculo ou mais propriamente a evoluir segundo um especial de influências recíprocas e sucessivas = falada (PEREIRA, 2007, p. 10).

No entanto, Wolton (2006) afirma que a comunicação se confunde com a própria vida, pois atravessa todas as atividades humanas do olhar ao falar, do lazer à



educação. É um direito inerente a todo ser. Ainda segundo o mesmo autor, “a comunicação é sempre a busca da relação e do compartilhamento com o outro”.

Pereira (2007) corrobora com este pensamento ao afirmar que a comunicação pode ser considerada um processo básico das relações sociais, tornando assim, possível a vida em sociedade. Nesta mesma vertente, Bordenave (1997) afirma que a comunicação vai além dos meios, ela é uma necessidade básica do ser humano.

Ainda de acordo com Pereira (2007), a comunicação e a comunhão têm a mesma raiz e estão relacionadas a ideia de compartilhar algo, mas não no sentido de apenas transmitir informações, porque comunicação no sentido de comungar é apropriar-se, vivenciar de perto o que o outro sente, pensa e vive, é estar *com*, fazer *com*, pois não se faz comunicação isoladamente.

Freire (1993), reforça esta afirmativa ao destacar que o “homem não é uma ilha. É comunicação. Logo, há uma estreita relação entre comunhão e busca”, de ideias, de conhecimentos, possíveis através da interação com outro ser humano. Tal pensamento é reforçado por Martín-Barbero (2014) que afirma que a comunicação é ruptura e ponte.

Por outro lado, Wolton destaca que a comunicação é um grande desafio, primeiro em aceitar o outro, e segundo em defender sua própria identidade.

Comunicar é ser, ou seja, buscar sua identidade e sua autonomia. É também fazer, ou seja, reconhecer a importância do outro, ir ao encontro dele. Comunicar é também agir. Mas é igualmente admitir a importância do outro, portanto, aceitar a nossa dependência em relação a ele e a incerteza de ser compreendido por ele (WOLTON, 2006, p. 15).

Isso porque na atualidade o ato de comunicação nem sempre é visto como processo de compreensão, de encontro, mas como uma ação utilizada para persuadir e dominar as camadas mais populares da população. Wolton destaca que com a globalização pensava-se em aproximar os pontos divergentes, porém o que se percebe é que o mundo não está mais compreensível, e sim mais perigoso. “O esforço para compreender o outro, ou ao menos para coabitar com ele, torna-se quase inversamente proporcional à facilidade com que se trocam mensagens com ele (WOLTON, 2006, p. 19)”.

Mesmo com as dificuldades de compreensão, Santaella (2001, p. 22) destaca que,

a comunicação é inevitável porque, mesmo quando não queremos, estamos o tempo todo emitindo mensagens para o outro. Ela é irreversível porque não podemos voltar atrás naquilo que já foi comunicado. Por fim, a comunicação é irrepitível porque todos e tudo estão continuamente mudando.

É por estar continuamente mudando que a comunicação, em especial a humana, ao longo dos anos foi sendo estudada com mais propriedade. Para compreendê-la melhor, Pereira (2007) a classificou em seis categorias:

A primeira é subdividida em duas. A chamada de espontânea e informal, ocorre através da fala, dos gestos, do telefonema, da carta, etc. é aquela usada no dia a dia das pessoas. A segunda é a chamada comunicação profissional, para qual são necessários aprendizados técnicos e teóricos, e um pensamento consciente. Nesta categoria destacam-se a comunicação persuasiva (propaganda); a artística e cultural (cinema, música, novela, teatro, folclore e outros); a jornalística, cujo objetivo é informar o que acontece de acordo com o interesse público e a educativa, cujo objetivo é ensinar e transmitir conhecimento (livros didáticos, aulas, telecursos...).

A segunda categoria baseia-se no órgão sensorial, usado pelo receptor para captar a mensagem. É subdividida em cinco: a visual (sinalização de trânsito); a sonora (fala, música...); a tátil (escrita braile, aperto de mão...); a olfativa (odores) e a gustativa (sabores como mensagem).

A terceira categoria percebe-se pela quantidade de pessoas envolvidas no processo. Assim pode-se ter a comunicação intrapessoal, quando a pessoa se comunica consigo mesmo, seja por meio de diários, anotações; a interpessoal quando comunica-se com outra pessoa; a intergruppal quando a mensagem circula entre grupos, e ainda a chamada comunicação de massa, quando as informações são dirigidas a um grande público, geralmente numeroso, heterogêneo e anônimo.

A quarta categoria é a chamada comunicação direta e indireta. Esta forma ocorre quando o emissor está longe do receptor e precisa utilizar de meios artificiais para promover a comunicação.

A quinta é aquela que ocorre, mesmo quando o receptor não responde ao emissor, ou seja, quando não há troca de mensagens. Nesta categoria poderemos citar como exemplo, os programas televisivos, onde se transmite uma mensagem, mas não há uma resposta do receptor.

A sexta e última categoria consiste naquilo que se pode chamar de comunicação particular ou fechada, e pública ou aberta.

A partir destas categorias pode-se dizer que a comunicação abrange diferentes especializações que implicam funções, objetivos e métodos específicos. Alguns voltados apenas a informar, e outros com o objetivo de promover a troca de conhecimentos, em vistas a contribuir com o crescimento pessoal e crítico do ser humano.

Partindo deste princípio entende-se que a comunicação é necessária para que o ser humano alcance a sua emancipação individual reconhecendo o outro como um igual, e um dos processos que contribuem para esse reconhecimento é a educação. Tanto que Wolton (2006) afirma que “ensinar sempre foi comunicar”, e que os primeiros comunicadores são os professores que tem a responsabilidade de pensar em caminhos que ajudem o receptor (aluno) a compreender o que lhe é dito.

É a partir deste princípio que vamos compreender que educação e comunicação são indissociáveis. Kaplún (1998) reforça esse pensamento ao destacar que,

cuando hacemos comunicación educativa, estamos siempre buscando, de una y otra manera, un resultado formativo. Decimos que producimos nuestros mensajes «para que los destinatarios tomen conciencia de su realidad», o «para suscitar una reflexión», o «para generar una discusión» (KAPLÚN, 1998, p. 17).

Ainda segundo o mesmo autor, na medida em que seguimos depositando informações e ideias, continuar-se-á a promover uma educação e uma comunicação vertical, unidirecional e autoritária. Kaplún segue afirmando que a educação e a comunicação deveriam servir para alcançar metas que ajudassem o ser humano a modificar sua realidade.

Tal pensamento é corroborado por Freire (1987, p. 37) ao destacar que:

Não pode perceber que somente na comunicação tem sentido a vida humana. Que o pensar do educador somente ganha autenticidade na autenticidade do pensar dos educandos, mediatizados ambos pela realidade, portanto, na intercomunicação. Por isto, o pensar daquele não pode ser um pensar para estes nem a estes impostos. Daí que não deva ser um pensar no isolamento, na torre de marfim, mas na e pela comunicação, em torno, repitamos de uma realidade.

Para Silva (2016) a comunicação e a educação ainda são pouco exploradas e até negligenciadas por parte de instituições e governos. Com este mesmo pensamento Kaplún ressalta que educação e comunicação são a mesma coisa, pois toda educação é um processo de comunicação.

Neste contexto percebe-se a escassez de iniciativas que promovam a inclusão de crianças e jovens no processo de produção da informação, a fim de que possam se posicionar crítica e conscientemente na sociedade onde vivem, marcada pelo avanço tecnológico e pela ampla circulação de informação.

Assim, deve-se pensar a comunicação além dos meios, mas como um campo de interações socioculturais e de organização da sociedade. É no sentido de romper esse cenário, que ao longo dos últimos anos educadores vem trabalhando para incluir as chamadas mídias nas escolas, não apenas para que repasse informações aos estudantes, ou ser fonte de pesquisa, mas para que eles sejam parte do processo de produção. É a chamada educomunicação.

### **3.3. Educomunicação – Um Pouco de História**

A inclusão da mídia no processo educativo surge entre os anos 1950 e 1960, na Europa, nos Estados Unidos e no Canadá, porém a preocupação inicial era mais com a informação sobre a atualidade, principalmente política, do que propriamente com a educação cidadã das pessoas. Afinal, não interessava ao Estado ampliar a visão crítica da sociedade.

No entanto, o risco de influências ideológicas dos governos e do empobrecimento cultural levaram estudiosos do campo da comunicação e da educação a buscarem alternativas para inserir os estudos da mídia no processo de ensino/aprendizagem.

Com o avanço das pesquisas, o termo mídia-educação surge em organismos internacionais, como a UNESCO<sup>11</sup>, em meados dos anos 1960, com a proposta de alfabetizar pessoas privadas de estruturas de ensino, a partir da chamada educação à distância, mas o foco ainda era o repasse de conteúdo e não a incorporação da mídia no processo educativo.

Já em 1973, uma tentativa aponta para o surgimento do estudo de mídia e educação, o qual buscava o ensino e aprendizagem dos meios modernos de comunicação e expressão, considerados como parte específica de um campo do conhecimento. Porém, nesta primeira definição, o objeto de estudo é a leitura crítica das mensagens midiáticas, e não o uso das mídias como ferramenta pedagógica de ensino.

O termo mídia-educação só vai aparecer em 1982 com a Declaração de *Grünwald* (Alemanha), que reconhece a necessidade de os sistemas políticos e educacionais promoverem a compreensão crítica, pelos cidadãos, dos “fenômenos da comunicação” e sua participação nas (novas e antigas) mídias.

A declaração considera as mídias e outros provedores de informação, como bibliotecas, arquivos e internet, ferramentas essenciais para auxiliar os cidadãos a tomarem decisões conscientes e bem informadas.

A mesma ideia é reforçada mais tarde pela declaração de Alexandria de 2005, que coloca a alfabetização midiática e informacional no centro da educação continuada, reforçando a necessidade de formação dos professores para a apropriação das mídias, e a criação de políticas públicas por parte dos governos para proporcionar tal formação.

Esse documento, também proposto pela UNESCO, admite que a educação midiática empodera as pessoas, as quais passam não apenas a receber informações, mas a apropriar-se das ferramentas a fim de atingirem suas metas pessoais e sociais.

Para atender as recomendações da UNESCO, alguns países, entre os quais o Brasil, incluíram em seus currículos a incorporação de tecnologias como ferramentas didático-pedagógicas.

---

<sup>11</sup> Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

No entanto, é importante ressaltar que mesmo antes do termo educomunicação aparecer, Kaplún e Paulo Freire já trabalhavam com esta perspectiva ao defenderem a educação popular, a comunicação alternativa, e comunicação popular alternativa, que segundo eles estimulavam os sujeitos a pensarem e reagirem ao que recebiam.

Kaplún destacava que os sujeitos deveriam fazer o processo de mudança, e aos educadores-comunicadores cabia apenas acompanhar e estimulá-los com exemplos concretos, para que “quebrassem a ditadura do silêncio e começassem a recuperar suas palavras”.

Neste mesmo pensamento, Freire defendia uma educação dialógica, onde alunos e professores são sujeitos do processo educativo. Freire (1987) afirmava que não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão, e isso só é possível por meio do diálogo.

Segundo Martín-Barbero (2014), “estamos passando de uma sociedade com sistema educativo para uma sociedade do conhecimento e aprendizagem contínua”, que vai além da escola. Neste prisma, o uso dos meios de comunicação como ferramenta de empoderamento das camadas sociais se faz cada vez mais urgente. O mesmo autor ressalta ainda que,

não é que o lugar da escola vá desaparecer, mas as condições de existência desse lugar estão sendo transformados radicalmente por uma pilha de saberes-sem-lugar-próprio e por um tipo de aprendizagem que se torna contínua, isto é, ao longo de toda a vida (MARTÍN-BARBERO, 2014, P. 127).

Martín-Barbero ressalta que essa capacidade transformadora que perpassa pelas novas tecnologias tanto pode ser utilizada para emancipar quanto para escravizar o indivíduo, e o caminho é fazê-lo apropriar-se das plataformas e a construir seu próprio conhecimento.

É neste sentido que a educomunicação aparece como um caminho a ser trilhado pelas escolas, que ao implementarem em suas práticas o uso das tecnologias sejam elas quais forem (rádio, TV, internet e outros), possam contribuir e ampliar as condições de expressão de todos os seguimentos humanos, especialmente a infância e juventude.

### 3.3.1 – Educomunicação: conceituando

A palavra educomunicação foi apresentada pela primeira vez nos anos de 1980, pela UNESCO<sup>12</sup> como sinônimo de *Media Education*, com objetivo de justificar o esforço do campo educativo em relação aos efeitos dos meios de comunicação na formação de crianças e jovens.

No Brasil, a educomunicação aparece pela primeira vez em 1999, resultado de uma pesquisa do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE/USP) que buscou identificar na América Latina práticas mais abrangentes, as quais tornavam a comunicação um eixo transversal das atividades de educação para a transformação social. A partir de então, o NCE/USP passou a utilizar o termo educomunicação, conceituado como:

Um campo de atuação emergente na interface educação e comunicação, apresentando-se como um excelente caminho das práticas sociais que objetivam ampliar as condições de expressões de todos os seguimentos humanos, especialmente da infância e juventude (SOARES, 2011, p. 15).

Nesta vertente, a educomunicação não diz respeito à educação formal, nem tão pouco é sinônimo de Tecnologias da Informação, ou mesmo de tecnologias da Informação e da Comunicação, pelo contrário, a proposta do uso das mídias nas escolas apresenta-se como uma ferramenta de mediação que pode favorecer o diálogo com o social e com o educativo.

No entanto, para construir o diálogo entre os dois campos é importante ressaltar que a educação só é possível enquanto “*ação comunicativa*”, ou seja, só acontece quando há uma gestão compartilhada dos recursos e processos dentro da prática educacional, onde gestores, professores, alunos e comunidade escolar estão envolvidos.

Assim sendo, a educomunicação é a gestão compartilhada de saberes dentro de ecossistemas comunicativos<sup>13</sup>, os quais são definidos como teias de relação entre

---

<sup>12</sup> Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

<sup>13</sup> Ecossistemas comunicativos configura a sociedade ao mesmo tempo como modelo e como trabalham de interações, conformada pelo conjunto de linguagens, escrituras, representações e

as pessoas que convivem nos espaços onde tais ações são implementadas. As novas tecnologias, segundo Martín-Barbero, são a primeira manifestação e materialização de ecossistemas comunicativos.

Soares (2014) argumenta que é para criar e desenvolver ecossistemas comunicativos que o educador trabalha. Suas ações buscam incluir todos os membros da comunidade no processo, igualar com ações democráticas os envolvidos, valorizar as mediações em vistas a possibilitar os recursos da informação e sintonizar-se com toda forma de manifestação da cultura local.

Neste sentido, a educação – enquanto ecossistema não emerge espontaneamente, ela precisa ser construída. Porém, é necessário ter clareza de que existem obstáculos, e o maior deles, sem dúvida é a resistência às mudanças e a implementação de novas tecnologias nas escolas. Por isso, torna-se necessária uma pedagogia de projetos<sup>14</sup>, que busque promover um diálogo entre os envolvidos de forma a dar condições para não apenas ler criticamente os meios de comunicação, mas também promover suas próprias formas de expressão, construindo assim espaços de cidadania.

É nesta perspectiva que Soares (2014, p. 44) prefere utilizar o termo ecossistema como figura de linguagem para nomear o ideal de relações construído coletivamente, favorecendo o diálogo social e levando em conta as potencialidades dos meios de comunicação e suas tecnologias.

Desta forma, a educação faz uma opção por modalidades abertas e criativas de ensino, as quais contribuem para reconhecer o diálogo como metodologia de ensino, aprendizagem, e principalmente, de convivência entre educadores e educandos.

Soares (2014) argumenta que a relação dialógica não é dada apenas pela tecnologia adotada, mas pela opção de um tipo de convívio humano que busque favorecer o diálogo, a participação, e ao mesmo tempo o aprendizado.

---

narrativas que alteram a percepção das relações entre o tempo do ócio e o trabalho, entre o espaço privado e o público (MARTÍN-BARBERO, 2014, p.55).

<sup>14</sup> Representam possíveis tipos de ação que permite que mesmo ambientes fechados e rígidos possam ser beneficiados pela brisa educacional, desde que docentes e agentes culturais eficientes e bem treinados se disponham a mobilizar colegas e estudantes em torno de determinadas zonas de interesse (SOARES, 2014, p. 49).



Um ambiente escolar educomunicativo caracteriza-se, justamente, pela opção de seus construtores pela abertura à participação, garantindo não apenas a boa convivência entre as pessoas (direção-docentes-estudantes), mas, simultaneamente, um efetivo diálogo sobre as práticas educativas [...] elementos que conformam a “pedagogia da comunicação” (SOARES, 2014, P. 45).

Nesta perspectiva, o educador pode optar por várias “**áreas de intervenção**” para que os sujeitos possam refletir sobre as relações no âmbito da educação, e apropriar-se de ferramentas que facilitem a sua aprendizagem.

Entre as áreas de intervenção destacam-se: **Educação para a comunicação** - o qual busca um estudo do lugar dos meios na sociedade e seu impacto; **Expressão comunicativa através das artes** que visa potencializar as formas de manifestação artística da comunidade educativa; **Mediação tecnológica na educação** que faz uma reflexão sobre a presença das tecnologias da informação e seus múltiplos usos pela comunidade educativa, garantido além da acessibilidade, as formas democráticas de sua gestão; **Pedagogia da comunicação** que opta pela ação de projetos os quais envolvam todos os agentes na ação educativa; **Gestão comunicativa** cuja perspectiva é o planejamento e a execução de planos e projetos, e por fim a **reflexão epistemológica** que constitui-se na relação entre educação e comunicação em uma perspectiva de unir teoria e prática.

Em termos específicos “intervenção” seria o novo nos espaços escolares ou comunitários em vistas a mobilizar os estudantes e estimulá-los a serem agentes ativos do processo educativo, ou em outras palavras, protagonistas, os quais não esperassem apenas pelos conteúdos repassados pelos educadores, mas buscassem por si só aprofundá-los e até mesmo questioná-los.

Para Soares (2014) quanto mais intervenções estiverem sendo executadas, mais pessoas estarão envolvidas no processo educativo, permitindo que os efeitos da educomunicação sejam um benefício a mais para as escolas, ou espaços onde estejam acontecendo.

O que urge, é na verdade, garantir ao jovem a possibilidade de sonhar, não exatamente com um mundo fantástico e seguro que lhes seja dado pelos adultos, mas com um mundo que ele mesmo seja capaz de construir, a partir

de sua capacidade de se comunicar. É o que a educomunicação tem condições de propor ao sistema educativo formal (SOARES, 2014, p. 53).

As novas tecnologias nas escolas são mais do que um conjunto de ferramentas a serviço dos professores, mas oportunidades para integrar os jovens em processos que os ajudem a desenvolver a comunicação, suas linguagens e tecnologias.

No entanto, dentro desta nova perspectiva de educação não basta apenas querer implementar o novo, é necessário estudo e dedicação, e mais, um conjunto de qualidades, que Soares (2014, p.65) definiu da seguinte forma: “a) abertura para o outro; b) diálogo na gestão dos conflitos; c) capacidade de contextualizar os problemas e encontrar soluções de interesse da coletividade; e d) o grande poder de acolhida”.

A partir do entendimento da importância da educomunicação nos ambientes escolares e de ensino vários foram os projetos executados visando a inclusão dos estudantes nos processos educativos. Na perspectiva do rádio, destaca-se Educom.Rádio – Educomunicação pelas ondas do rádio, projeto da prefeitura de São Paulo e executado pelo Núcleo de Comunicação e Educação (NCE/USP). O projeto oferecia cursos e kits de produção radiofônica às escolas atendidas mobilizando estudantes para a produção radiofônica de forma colaborativa. Em dezembro de 2004, o projeto tornou-se uma política pública instituído através de projeto de lei da Prefeitura Paulista.

A experiência com o uso do rádio nos ambientes escolares como ações educacionais espalharam-se pelo Brasil a fora, como uma forma de favorecer o protagonismo de jovens e crianças.

No entanto, o uso do rádio como ferramenta pedagógica não é algo novo, basta observar a história do surgimento do rádio no Brasil para entender tal afirmativa: o rádio já nasce com o propósito de educar.

## 4 O RÁDIO EDUCATIVO

O rádio já surge no Brasil com a proposta de ser educativo. Ao fundar a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, em 20 de abril de 1923, Roquette – Pinto e Henrique Morize pretendiam “Levar educação a cada canto do país” através de programas educativos. Os dois entusiastas, de acordo com Bianco e Pinheiro (2017, p. 17) definiam que o rádio se tornasse “a escola dos que não tinham escola ou o mestre dos que não podiam ir à escola, o jornal dos que não sabiam ler, o entretenimento ofertado gratuitamente aos cidadãos e cidadãs mais pobres”.

Mas no início, a proposta não foi bem-sucedida devido ao alto custo dos aparelhos receptores, que eram importados, e somente a elite brasileira da época podia comprar os equipamentos, deixando de lado a maior parte da população. Além disso, a Rádio Sociedade era mantida por um grupo seletivo de ouvintes, quase todos empresários, os quais, segundo Amarante (2016), pagavam para ouvir uma programação que oferecesse lazer cultural, como operas, recitais de poesias, palestras e informações sobre a bolsa de valores diariamente, de grande utilidade para suas transações comerciais. Também tinham aulas de história natural, física, química, português, geografia e palestras variadas.

Em 1933, a reforma do ensino do Distrito Federal obrigou a instalação de aparelhos receptores nas escolas municipais, e permitiu a criação de uma Rádio Escola<sup>15</sup> (PRD5), com a finalidade de transmitir programas educativos aos estudantes e público em geral. Nesta proposta, os alunos recebiam as lições pelos correios e encaminhavam os exercícios respondidos através de cartas à emissora. Essa dinâmica inaugurou as primeiras aulas de educação à distância.

Nesse mesmo ano foi criada a Comissão de Rádio Educativo, responsável em transmitir diariamente o programa “Quarto de Hora” com palestras sobre diversos assuntos na Rádio Clube do Brasil (CBR), e também o programa “Hora Infantil” e jornal do professor, transmitidos pela PRD5. Os dois programas além de música e notícia, transmitiam informações sobre ciências, artes, literatura e educação.

---

<sup>15</sup> A Rádio Escola é hoje a Rádio Roquete-Pinto.

Porém, o sonho de Roque-Pinto de usar o rádio como instrumento de educação era tão forte, que ele não se submeteu aos apelos comerciais para custear a emissora, e em 1936, sem recursos para mantê-la doa a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro ao Ministério da Educação e Cultura. Mais tarde a emissora foi transformada em Rádio Ministério da Educação e Cultura (Rádio MEC<sup>16</sup>), com o prefixo PRA-2.

Em 1937, segundo Amarante (2016), Getúlio Vargas criou o Serviço de Radiodifusão Educativa (SRE), que tinha a função de preparar e promover a difusão de programas educativos. No entanto, o serviço sofreu interferência do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), cujo interesse era utilizar o rádio para propaganda política.

Em 1941, a Rádio Nacional do Rio de Janeiro lança o programa Universidade no Ar, a fim de orientar professores do ensino médio. Em 1947, o SESC e SENAC de São Paulo desenvolvem um projeto educacional de rádio escuta que marca “o surgimento dos primeiros núcleos de recepção organizados”, iniciativa imitada por outros Estados (AMARANTE, 2016, p. 243).

As aulas eram transmitidas em cadeia por onze emissoras, porém os alunos reuniam em encontros presenciais e tinham o apoio de um professor nas suas comunidades. Neuberger (2012) destaca que a iniciativa deixou de funcionar, pois foi aberta a possibilidades de os alunos estudarem em casa, e o rendimento ficou abaixo do esperado.

Ainda na perspectiva de educação à distância, em 1950 é criado o Curso de Alfabetização pelo Rádio, na Rádio Clube de Valença. A proposta era ensinar adultos com dificuldade de ler e escrever. No entanto, a iniciativa logo foi extinta, pois segundo Neuberger (2012) era impossível aprender a ler e a escrever sem a mediação de um professor.

#### **4.1 Sirena**

Já em 1958 é criado o Sistema Rádio Educativo Nacional (SIRENA), que segundo Ribeiro (2010, p. 292) tinha o objetivo de produzir, gravar e distribuir cursos básicos de educação sanitária, alfabetização e agricultura, destinados à população do

---

<sup>16</sup> Extinta no dia 31 de julho de 2019 pelo atual governo.

interior do Brasil. Em 1961, já havia 65 Sistemas Regionais de Ensino atuando em conjunto com o SIRENA. Em junho de 1962, o SIRENA passou a integrar a “Mobilização Nacional contra o Analfabetismo”.

O programa do SIRENA era produzido sem consulta aos professores e alunos receptores. As aulas em áudio e impressas não permitiam que o monitor dialogasse com a realidade de seus alunos, e logo o programa foi extinto.

Ribeiro (2010) destaca que os sistemas de recepção do programa foram utilizados para a implantação de um outro projeto, o Movimento de Educação de Base (MEB), promovido pela Igreja Católica e desenvolvido através das dioceses da região Nordeste.

#### **4.2. O MEB**

O Movimento de Educação de Base (MEB), instituído através do decreto 50.370, é resultado de um convênio entre a Presidência da República e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) assinado em março de 1962, no Governo de Jânio Quadros. A iniciativa tinha o apoio também da União Nacional dos Estudantes (UNE).

Segundo Filho (2010, p. 21), “o MEB realizou um amplo espectro de educação popular, no campo da alfabetização e das mobilizações sociais dos setores camponeses, nas áreas de sua atuação”. Diferente do Sirena, as aulas do MEB eram transmitidas em postos de escuta (sistemas de alto-falante) e um monitor acompanhava a turma para tirar as dúvidas dos estudantes. A proposta era a “conscientização, a mudança de atitude e a instrumentação das comunidades atendidas pelo MEB”.

Ribeiro (2010) destaca que a diferença fundamental do MEB para o SIRENA é a preocupação maior em mobilizar grupos locais a partir dos encontros fomentados para discutir os conteúdos das lições, do que propriamente ensinar conteúdo.

Na prática de Educação popular desenvolvida pelo MEB entre 1961 e 1966, os seus agentes de Educação popular empregavam técnicas, métodos e recursos, muitas vezes simples e artesanais, mas bastante criativos quanto à comunicação com o povo. [...] na maioria das vezes, se utilizavam da própria história e da experiência comum das pessoas envolvidas, tais como os recursos da tradição oral, baseados nas relações afetivas e interpessoais que

as próprias comunidades criavam como formas de resistência (FILHO, 2010, p. 23) .

Era comum também usar temáticas conhecidas de todos, como trabalho, religião, lazer e outros. Todos os temas eram “estudados” por meio do rádio, o qual possibilitava o uso de técnicas de comunicação numa perspectiva de educação à distância, e a interação com as atividades locais. Filho (2010) ressalta que através do rádio foi possível chegar a locais mais distantes do país.

Segundo Rodrigues (2012), no início do MEB, em 1961, as atividades do projeto contavam com dez emissoras que atuavam no Sistema Rádio Educativo. Em 1965 já eram vinte e nove. Esse número deu um salto significativo porque o Movimento contribuiu para a criação de várias emissoras de rádio pelo Brasil, com a proposta de levar educação aos lugares mais remotos do país.

Na Amazônia, por exemplo, não foi diferente. Surgiram entre outras, a Rádio Alvorada de Parintins, a Rádio Rural de Coari, a Rádio Rural de Tefé, e a Rádio Rural de Santarém. Tais iniciativas, segundo Filho (2010) reforçaram a importância do rádio no seu papel educativo.

Na década de 1970, porém, na tentativa de substituir o MEB, que segundo o governo ultrapassava os limites da alfabetização, visto que as “aulas” baseadas no método Paulo Freire, estimulavam os estudantes a se organizar e tentar mudar a realidade onde estavam inseridos, foi criado o projeto Minerva.

### **4.3. Projeto Minerva**

O projeto, criado no período do Regime Militar (1964-1985) recebeu esse nome em homenagem a deusa grega da sabedoria. A ideia do governo era substituir a escola radiofônica do MEB, e amparado por uma portaria de 1967, determinava a obrigatoriedade da veiculação de cinco horas semanais de programação educativa em todas as emissoras do país, incluindo as televisões.

As aulas eram produzidas pelo Serviço de Rádio Educativo, que preparava cursos, o material didático e distribuía. As secretarias Estaduais de Educação eram as responsáveis pela formação dos monitores e pela instalação dos pontos de escuta.

Ribeiro (2010, p. 292) destaca que,

em seus objetivos constava que o projeto se destinava à “complementação de atividades regulares do sistema oficial de ensino brasileiro”. Na verdade, mais do que complementar, o Minerva atuou como substituto, uma vez que quem se inscrevia em seus cursos e prestava os exames correspondentes poderia receber diplomas de 1º e 2º graus.

O autor ressalta ainda, que assim como o Sirena, o Minerva não tinha uma preocupação com as diferenças regionais, o que não permitia uma interação dos monitores com os alunos. Além disso, o projeto era uma espécie de porta voz do governo da época, reproduzindo os discursos e impedindo encontros, onde se discutisse a realidade vivenciada. E esses foram alguns dos fatores que levaram a extinção do projeto.

A partir de 1991, o Ministério da Educação e a Abert, Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão, assinaram um convênio a fim de que todo o sistema de radiodifusão brasileiro transmitisse programas voltados à alfabetização e ao ensino básico. Com tal programação, veio o fim do Projeto Minerva (NEUBERGER (2010, p.95-96).

Mesmo com o fim dos projetos de aulas radiofônica, o sonho de utilizar o rádio como ferramenta pedagógica de ensino não morreu com seus protagonistas, ganhou outras nomenclaturas. É o caso da Radioteca Jovem, sediada em Campos. O programa dos alunos era transmitido na Rádio Continental de Campos, e durou até 1989.

Segundo Amarante (2010) o projeto surgiu em 1986, no governo de Leonel Brizola no Rio de Janeiro, que apoiou a criação de várias radioescolas, as quais serviam para integrar os meios de comunicação às práticas de sala de aula.

A mesma autora destaca ainda que no Norte e Nordeste do país, outras experiências educativas nas escolas foram registradas, entre elas o projeto piloto de Rádios Comunitárias Escolas de Fortaleza, que teve início em 1997, com o envolvimento de seis escolas.

O projeto-piloto ganhou em qualidade devido à experiência precedente com a Rádio Nossa Voz Mix, da Escola José Valdo Ribeiro, do bairro Pirambu, que funcionou durante o recreio entre 1987-88. [...]. Através de caixinha de som no pátio, a Rádio Mix tinha programação garantida e uma organização

feita por seis equipes de redatores e repórteres que faziam parte do grêmio (AMARANTE, 2010, p. 249).

Na programação da emissora eram destaques temas como drogas, saúde, violência e outros que ajudavam os alunos a refletirem sobre o que ocorria na sociedade onde a escola estava inserida. Além disso, os alunos envolvidos no Projeto-piloto recebiam capacitação técnica, denominada “Formação contínua para comunicadores comunitários” (AMARANTE, 2010). E não demorou para que outras radioescolas surgissem, como Novo Tempo, Luar do Sertão, A voz do Dolores, A Voz da Escola, Sapiranga e O Guarany.

Em 2001, nasce em São Paulo o projeto Educom.Rádio fruto de uma parceria entre a Secretaria de Educação da Prefeitura e o Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Amarantes (2010) destaca que o projeto foi estendido mais tarde para região Centro-Oeste para capacitar alunos e professores de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do sul.

O Educom.Rádio, diferente de Fortaleza onde houve pouco apoio da Secretaria de Educação, foi instituído como política pública a partir do projeto de lei 556/02. A lei garantiu o rádio como ferramenta pedagógica de apoio nas escolas municipais de São Paulo.

A partir destas experiências várias outras foram desenvolvidas no país, mas a pesquisa foca na Amazônia, onde estudos sobre o uso do rádio no ambiente escolar são poucos. Há iniciativas de educação popular através do rádio, como a Rádio Margarida em Belém<sup>17</sup>, que busca através de radionovelas e *spots*<sup>18</sup> radiofônicos sensibilizar a população para os direitos de crianças e adolescentes, e há ainda, o Projeto Saúde e Alegria em Santarém, que através da Rede Mocaronga<sup>19</sup> de Rádio

---

<sup>17</sup> É uma organização da sociedade civil com sede em Belém (PA), que atua desde 1991 pela garantia dos direitos de crianças e adolescentes, da educação e da proteção ao meio ambiente. O modelo de educomunicação empregado pela ONG Rádio Margarida busca incorporar os cidadãos a um processo de mobilização social, por meio de ações e produtos artísticos e culturais (CAL, PAIVA, FERNANDES, 2016).

<sup>18</sup> Mensagem publicitária breve que busca chamar a atenção do ouvinte para um determinado tema ou produto.

<sup>19</sup> O projeto forma adolescentes e jovens através de oficinas de educomunicação como repórteres comunitários para a produção de programas de rádio, vídeos, jornais locais e blogs na internet (redemocaronga.org.br).



incentiva o protagonismo juvenil em comunidades ribeirinhas do município de Santarém.

#### 4.4 Rádio na Escola

Antes de entrar no lócus da pesquisa necessário se faz compreender esta nova proposta de uso do rádio como recurso pedagógico, visto que não são mais programas educativos voltados à educação de jovens e adultos, mas programas produzidos com o apoio ou pelos próprios alunos.

Pretto (2010) destaca que “o rádio vem atravessando os tempos, modificando-se tecnologicamente, mas não perdendo o princípio da oralidade”, o que favorece muito mais potencialidades de trabalho em sala de aula.

Ainda é através das ondas eletromagnéticas distribuídas pelos aparelhos de rádio espalhados pelo país que muitas pessoas, dentre as quais os milhões de analfabetos brasileiros, ficam sabendo sobre acontecimentos diários de suas comunidades e dos espaços mais distantes, obtêm informações de toda natureza que terminam sendo, em muitos casos, o único meio de Educação disponível (PRETTO, 2010, p. 62).

Isso porque as emissoras estão presentes em todas as cidades e lugares mais distantes, até mesmo onde não há outras tecnologias de comunicação disponível, como em lugares longínquos da região Amazônica, onde o acesso é difícil, mas as ondas eletromagnéticas atravessam rios e florestas para deixar seu recado à população.

Porém é importante ressaltar, que mesmo sendo abrangente, muitas rádios estão nas mãos de grandes monopólios, os quais em muitos casos não tem interesse em promover programas educativos, mas programas que gerem lucro para suas empresas. Tanto é, que em muitas emissoras “pipocam” os chamados programas de *disk jockey*, cuja preocupação maior é tocar músicas e dar pouca informação.

Neste contexto, movimentos pela democratização das comunicações, incluindo os movimentos de rádios livres e de rádios comunitárias tem se unido para superar as limitações de conteúdo impostas pelos “donos” dessas emissoras, e ampliar as vozes daqueles que muitas vezes não são ouvidos por esse canal midiático.

Trilhando esse mesmo caminho, estão as escolas, que buscam uma comunicação muito mais educativa e inclusiva para seus alunos, com o uso de tecnologias.

Assim, segundo Baltar (2012, p. 35),

a rádio escolar não pode ser concebida apenas como mais um recurso didático-pedagógico na escola, mas como um dispositivo que permite inserir professores e estudantes e toda a comunidade escolar num debate permanente sobre os textos e discursos que circulam na esfera da comunicação, espaço altamente privilegiado pela comunidade letrada contemporânea.

O autor acredita ainda, que o rádio no espaço escolar pode ajudar a cumprir o propósito de promover uma comunicação verdadeiramente emancipadora, em que de o aluno participe do processo, não apenas como receptor, mas como protagonista de seu conhecimento.

Além disso, o rádio na escola favorece a imaginação dos que o ouvem, é fácil de produzir, pois não é necessária muita mão de obra (um repórter e um gravador garantem uma pequena produção), e por conta disso, não são necessários muitos investimentos financeiros, e ainda contribui para uma linguagem didática, visto que para produzir um texto radiofônico é necessário lapidá-lo para que haja um bom entendimento por parte do ouvinte.

Baltar (2010, p.35) “sugere uma a efetiva construção de uma mídia própria e adequada a cada comunidade escolar. Uma mídia, onde os sujeitos envolvidos possam agir como atores capazes e responsáveis, decidindo como e, sobretudo, o que querem comunicar.

Ferraretto (2018) ressalta que a rádio na escola é interessante, pois ensina as pessoas a ouvirem rádio, e garante o ouvinte do futuro. Da mesma forma permite discutir temas que são frequentes no dia de hoje, como *bullying*, por exemplo, e melhorar as relações na escola. “O Rádio é relacionamento. Se a gente conseguir usar o rádio para melhorar esses relacionamentos entre as pessoas, melhor ainda” (FERRARETTO, 2018).

Neste sentido, professores, alunos e demais integrantes da comunidade escolar ao compreenderem que podem fazer uma rádio diferente do modelo posto na

sociedade darão passos importantes para exercerem seu papel de protagonistas sociais, pensando criticamente e agindo para a construção de uma educação dialógica.

E a rádio escolar se caracteriza por ser este instrumento de interação sociodiscursiva, e pode funcionar tanto para ensinar conteúdos, quanto para estimular o protagonismo juvenil, onde os jovens são estimulados a produzirem conhecimento.

Nesta perspectiva e para atender a LDB<sup>20</sup>, o Ministério da Educação (MEC) começou em 2008 a desenvolver o programa “Mais Educação”, que foi criado pela Portaria Interministerial nº 17/2007 e regulamentado pelo Decreto 7.083/10. O programa:

Constitui-se como estratégia do Ministério da Educação para indução da construção da agenda de educação integral nas redes estaduais e municipais de ensino que amplia a jornada escolar nas escolas públicas, para no mínimo 7 horas diárias, por meio de atividades optativas nos macrocampos: acompanhamento pedagógico; educação ambiental; esporte e lazer; direitos humanos em educação; cultura e artes; cultura digital; promoção da saúde; comunicação e uso de mídias; investigação no campo das ciências da natureza e educação econômica (PORTAL MEC).<sup>21</sup>

Inicialmente foram atendidas escolas que apresentavam baixo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), localizadas em capitais e regiões metropolitanas, com a participação de 1.409 escolas públicas estaduais e municipais de ensino fundamental localizadas em 54 municípios de 25 estados e o Distrito Federal. Hoje o programa está na maioria das escolas públicas do território brasileiro.

Para o desenvolvimento das atividades, o governo federal, repassa recursos que devem ser utilizados para o pagamento dos monitores, compra de materiais necessários, e aquisição de *kits* de materiais. As escolas também podem receber instrumentos para banda fanfarra, *hip hop* e rádio escolar.

As escolas que optaram pelo projeto Mais Educação, no macrocampo comunicação e uso de mídias, com foco no rádio, receberam *Kits*, os quais possibilitaram a implantação de rádios escolares. Foram contratados monitores para capacitar os estudantes, a fim de que conhecessem o funcionamento e a linguagem

---

<sup>20</sup> Lei de Diretrizes e Bases da Educação que foca no uso de tecnologias e suas linguagens

<sup>21</sup> Acessado em dezembro de 2018.

radiofônica para que produzissem os programas, e a proposta disseminou-se Brasil a fora.

Em Santarém, não foi diferente e várias foram as escolas que começaram a implantar o programa Mais Educação, e conseqüentemente as rádios escolares. Algumas funcionavam no horário do recreio para animar os intervalos, ou em data especiais, como dia das mulheres, dia do índio, dia do estudante e outras, com o objetivo de fomentar a reflexão sobre diversos assuntos.

Em 2018, das duzentas e setenta e três escolas (273) cadastradas para o programa Mais Educação em 2018, cinco escolas não estavam realizando as atividades, e apenas cinco escolas estavam desenvolvendo oficinas de comunicação, porém o rádio não era o foco. Dança, artesanato, futebol, pintura, capoeira, iniciação musical e leitura são as oficinas mais desenvolvidas pelas escolas de Santarém.

## 5 METODOLOGIA DA PESQUISA

Observar, averiguar e testar são algo inerentes do ser humano, que desde os primórdios usa seu instinto para tentar responder aos seus questionamentos. Gil (2008) destaca que o ser humano adquire grande quantidade de conhecimento pela observação. O mesmo autor destaca ainda, que para um conhecimento tornar-se científico é necessário determinar o método utilizado para se chegar a esse conhecimento.

Assim, neste capítulo será fundamentado o percurso metodológico percorrido para o desenvolvimento desta pesquisa, relacionando os métodos adotados para obtenção dos objetivos propostos.

### 5.1 Sintonizando a Pesquisa

Ao optar-se em estudar o rádio nas escolas como recurso pedagógico inicialmente pensou-se em fazer um estudo de caso, optando-se por escolas da rede municipal de ensino de Santarém. Em 2016, quando ainda estava na coordenação do projeto Rádio Pela Educação, que funcionava em parceria com a Secretaria de Educação do Município, existiam dados de todas as escolas que trabalhavam com o “Para ouvir e Aprender”, e as escolas que apenas recebiam formação da equipe pedagógica do projeto, visto que tinham sua própria programação.

Porém, ao solicitar informações à Secretaria de Educação do município, se detectou que os dados de quantas escolas utilizavam o rádio na escola não mais existiam. Obteve-se como resposta apenas via aplicativo de mensagens, que estas informações eram de propriedade da Rádio Rural de Santarém, responsável pelo Projeto Rádio Pela Educação. Em ofício encaminhado, recebeu-se um e-mail com a seguinte informação:

Em virtude da atualização no Programa Mais Educação, as escolas do município de Santarém não aderiram mais a oficina de Rádio na escola. Uma vez que agora a escolha é de cada educandário. Reforçamos que existe a

oficina de \*comunicação\* (e não específico de rádio), escolhida por algumas escolas.<sup>22</sup>

Com a ausência de dados começou-se uma busca pelas escolas que ainda utilizavam o rádio na escola como recurso pedagógico. Foram feitas visitas, telefonemas, e para surpresa os educandários tinham abandonado as rádios escolares. Alguns fatores contribuíram para o encerramento das atividades: a ausência de um profissional habilitado para a execução dos projetos; o encerramento do Rádio Pela Educação, que apoiava as formações, e a falta de apoio da Secretaria de Educação do município.

Na escola Sofia Imbiriba, por exemplo, onde há todo um equipamento sonoro (caixas de som), amplificador e microfone, o projeto foi paralisado, porque a responsável pelas atividades precisou fazer tratamento médico fora da cidade. Mas o diretor destacou em conversa informal durante visita que tinha intenção de retomar o projeto, que ele julga ser de suma importância para a escola. Atualmente o equipamento é utilizado para dar aviso aos estudantes, ou durante programações desenvolvidas pela escola.

Ubaldo Corrêa, Magalhães Barata, Padre Manoel Albuquerque, Boa Ventura Queiroz, Ecila Nobre, foram algumas escolas que desenvolviam projetos com o rádio na escola com o apoio do Rádio Pela Educação, mas como o fim da iniciativa, também encerraram suas atividades. Apenas a escola Rotary continuou, mas por iniciativa da direção e dos professores envolvidos diretamente na ação.

Por conta disso, um primeiro pensamento foi desistir da pesquisa, ou enveredar por outros caminhos, visto que não poderia falar apenas de um projeto escolar. Porém, surgiu a possibilidade de participar do projeto iniciado em 2018 pela Escola Madre Imaculada, da rede Estadual de ensino, a qual solicitou formação para os estudantes selecionados para desenvolver as atividades da rádio. Não era a intenção, mas foi uma oportunidade de ampliar a pesquisa observando a partir de dentro como participante do processo.

---

<sup>22</sup> Em resposta ao ofício nº 001/2018, enviado à Assessoria de Comunicação Secretaria Municipal de Educação de Santarém – SEMED, em 01 de agosto de 2018.

## 5.2 Estudo de Caso – Escola Rotary

Optou-se por fazer estudo de caso com abordagem qualitativa na escola Rotary e uma pesquisa participante na Escola Madre Imaculada, com o objetivo de investigar se o rádio ainda apresenta potencialidades como recurso pedagógico em sala de aula, na interface comunicação/educação, denominada de educomunicação.

A abordagem qualitativa busca analisar e interpretar aspectos mais profundos descrevendo a complexidade do comportamento humano. Segundo Lakatos e Marconi (2010) em ciências sociais este tipo de abordagem preocupa-se com uma realidade que não pode ser quantificada, o foco são os motivos, as aspirações, os valores, as atitudes. É importante ressaltar que neste tipo de investigação, o elemento humano é fundamental, pois é a partir dele, que vai se obter os resultados desejados ou não. “Os dados qualitativos consistem em descrições detalhadas de situações a fim de compreender os indivíduos em seus próprios termos” (GOLDEBERG, 2015, p. 58).

A sensibilidade e a experiência do pesquisador são fundamentais para que os resultados estejam mais próximo da realidade possível, garantindo reflexões e aprofundamento dos temas estudados.

Já o estudo de caso, segundo Goldenberg (2015, p.35), é uma das principais modalidades de pesquisa qualitativa em ciências sociais, pois não é uma técnica específica, mas uma análise que considera a unidade social estudada como um todo, seja um indivíduo, uma família ou uma instituição no sentido de compreendê-lo.

Para YIN (2001) este método de pesquisa é uma forma de olhar para realidade reunindo informações numerosas e detalhadas para compreender a totalidade de informações de acontecimentos contemporâneos, e neste caso, o rádio como recurso pedagógico na escola.

O que diferencia o estudo de caso de outras pesquisas históricas é a sua capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências, como documentos, artefatos, entrevistas e observações.

Neste sentido, para que se alcançasse os objetivos da pesquisa foram necessárias várias abordagens metodológicas. Goldenberg (2015) resalta que não é possível formular regras precisas sobre as técnicas a serem utilizadas. Além disso, a

autora destaca que o pesquisador deve estar preparado para lidar com uma grande variedade de problemas teóricos e com descobertas inesperadas que podem reorientar o estudo.

O ponto de partida foi a pesquisa bibliográfica para compreender em que momento educação e comunicação se cruzam. Lakatos e Marconi (2010) argumentam que a pesquisa bibliográfica consiste em um contato direto do pesquisador com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre o determinado assunto a ser pesquisado.

Nesta perspectiva, buscou-se compreender a função do rádio como um instrumento de ensino aprendizagem, observando desde o início da história desta mídia até os dias atuais. Para Goldenberg (2015), o método bibliográfico é uma maneira de revelar como as pessoas universalizam a época histórica em que vivem.

Ao lado da pesquisa bibliográfica, fez-se a pesquisa documental. Esse tipo de pesquisa, segundo Lakatos e Marconi (2010) permite a coleta de documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias, as quais podem ser feitas quando o fato ou fenômeno ocorre, ou depois. Esse método é essencial para confirmar e valorizar as evidências encontradas em outras fontes.

Os documentos constituem também uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentem afirmações e declarações do pesquisador. Representam ainda uma fonte "natural" de informação. [...] Uma vantagem adicional dos documentos é o seu custo, em geral baixo. Seu uso requer apenas investimento de tempo e atenção (LÜDKE. MARLI, 1986, p. 39).

Um dos documentos pesquisados foram os roteiros dos programas e das radionovelas desenvolvidos pela escola Rotary, bem como a pesquisa de mestrado de Rodrigues (2012) que faz um relato do projeto Rádio Pela Educação, projeto impulsionador das rádios escolares em Santarém.

Ainda como método utilizou-se entrevistas, considerada uma das mais importantes fontes de informação do estudo de caso, pois favorece a coleta de informações junto a sujeitos do processo comunicativo ou mesmo estudiosos da área que possam contribuir com a pesquisa.



Além disso, segundo Lakatos e Marconi (2010), a técnica “é um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social”.

Yin (2001) afirma que as entrevistas podem assumir formas diversas, tanto podem ser abertas ou espontâneas. Essa natureza das entrevistas permite que você tanto faça perguntas chaves, quanto peça a opinião dos entrevistados sobre determinados assuntos que julgar relevante para a pesquisa.

Nesta pesquisa, como o público investigado eram alunos e professores optou-se por entrevistas espontâneas, as quais possibilitaram uma maior absorção dos assuntos tratados. Lüdke e Marli (1986) destacam que a entrevista é uma das principais técnicas de obtenção de dados nas pesquisas de educação. Os autores reforçam que a técnica pode permitir um aprofundamento de pontos levantados, ou permitir correções e esclarecimentos.

Na escola Rotary foram entrevistados a coordenadora do projeto Sintonia na Educação, a diretora da escola, quatro crianças da educação infantil e três professores que trabalham o programa na sala de aula. Com cada um foi estabelecido um diálogo prévio a fim de deixá-los mais à vontade para responder os questionamentos.

A mesma técnica foi utilizada na escola Madre Imaculada, porém optou-se em entrevistar apenas dois professores coordenadores da Rádio Fala, Galera! e alunos integrantes do projeto.

Outro procedimento requerido pelo estudo de caso são as visitas de campo e a observação direta, a fim de mostrar que o fenômeno de interesse não consiste apenas em um fato histórico, mas está disponível para a observação de comportamentos e dos ambientes onde as ações são desenvolvidas.

As provas observacionais são, em geral, úteis para fornecer informações adicionais sobre o tópico que está sendo estudado. Se o estudo de caso for sobre uma nova tecnologia, por exemplo, observar essa tecnologia no ambiente de trabalho prestará uma ajuda inestimável para se compreender os limites ou os problemas dessa nova tecnologia (YIN, 2001, p. 94).

Porém, esta técnica não foi possível ser desenvolvida em sua totalidade, pois o programa Sintonia na Educação estava com as atividades paralisadas, primeiro

porque a coordenadora estava em tratamento médico, e depois porque foi interrompida a parceria com a Rádio Rural de Santarém, que gravava os programas. Além disso, alguns programas foram apresentados ao vivo, mas em datas esporádicas, e não foi possível acompanhar o seu desenvolvimento em sala de aula.

### **5.3. Pesquisa Participante na Escola Madre Imaculada**

Na escola Madre Imaculada desenvolveu-se uma pesquisa participante. A escolha foi por acaso, visto que se trata de um projeto da escola, e houve uma solicitação à Universidade, onde a pesquisadora ministra aulas de radiojornalismo, para a formação da equipe de estudantes envolvidos diretamente na rádio escolar. Neste sentido, devido a carência de escolas para o estudo de caso, optou-se em fazer este tipo de investigação.

Gil (2002) destaca que a pesquisa participante se caracteriza pela interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas, ou seja, consiste na imersão do pesquisador no campo de estudo a ser investigado.

A descoberta do universo vivido pela população implica compreender, numa perspectiva interna, o ponto de vista dos indivíduos e dos grupos acerca das situações que vivem. Para tanto, os pesquisadores devem adotar preferencialmente técnicas qualitativas de coleta de dados e também uma atitude positiva de escuta e de empatia. Isso pode implicar conviver com a comunidade, partilhar seu cotidiano (GIL, 2002, p.150).

Neste tipo de pesquisa, segundo o autor, o planejamento para a coleta de dados é bastante flexível. Desta forma, o primeiro passo foi o reconhecimento da escola, considerada uma das melhores em termos de estrutura com salas climatizadas e laboratórios, porém onde estudam uma camada grande de jovens da periferia da cidade.

O segundo momento foi o conhecimento do projeto de rádio a ser executado na Escola Madre Imaculada feito por meio de reunião com os professores responsáveis pela proposta. Em seguida, foi realizada visita *in loco* para verificar o espaço e os equipamentos disponíveis para a execução do projeto.

Feito o diagnóstico inicial, fizeram-se algumas sugestões e deu-se início as oficinas de formação. Foram realizados em torno de oito encontros, os quais focaram a história do rádio, a linguagem radiofônica, técnicas de locução, técnicas de produção de roteiro e apresentação de programas. Além disso, houve participação direta no primeiro programa feito através de entrevista conduzida pelos alunos.

Para obtenção de dados fez-se entrevistas com os professores e os alunos envolvidos diretamente no Projeto de Rádio Escolar, e observações sobre o desenvolvimento da iniciativa, verificando a aceitação por parte do grupo docente e alunos da escola.

Estar diretamente envolvida na ação foi difícil, porque embora tenha mais facilidade de observar, corre-se o risco de muitas vezes querer interferir de forma mais direta na ação, e em muitos casos teve esse desejo, porém observou-se que não poderia modificar o andamento do processo.

## 6 LÓCUS DA PESQUISA

A pesquisa sobre o uso do rádio na escola como instrumento pedagógico dá-se em Santarém, município localizado no Oeste do Pará, como cerca de 300 mil habitantes. A escolha se deu devido ao registro de projetos educativos através do rádio.

O primeiro surge a partir da fundação da Rádio Rural de Santarém, em 1964, pelo então bispo Dom Tiago Ryan, que tinha o pensamento de levar por meio do programa radiofônico do MEB, educação àqueles lugares distantes, aonde as pessoas não tinham oportunidade de estudar na escola regular, e eram analfabetas.

Mesmo não sendo a emissora pioneira na radiodifusão local, a Rádio Rural ganhou status de ser a maior, tanto pelo seu alcance em audiência, quanto pela importância social para a região com o trabalho voltado para a educação de jovens e adultos, principalmente aos moradores das comunidades rurais do município de Santarém, aonde a educação não chegava pela ação do Estado (RODRIGUES, 2012, p. 67).

Pelo seu pioneirismo na educação, a emissora ajudou várias pessoas que moravam em comunidades distantes da cidade, não apenas a ler e escrever, mas a tomar consciência de seu papel transformador na sociedade.

Nós fazíamos campanhas educativas de sanitário, de pomares, e orientávamos sobre organização comunitária. Pra você ter uma ideia, o primeiro conselho comunitário que surgiu em Santarém foi na comunidade São Braz. [...] Criamos junto com as comunidades, os clubes de futebol, os clubes de mães, os grupos de vendas, grupos de jovens. Isso tudo nos idos dos anos 70. Eu tenho certeza que o MEB contribuiu para essa outra coisa, que hoje a gente tem fácil, que é essa visão de mundo. As pessoas começaram a refletir e a exigir o que necessitavam em suas comunidades. (AURENICE GABLER, 2014. p.47).<sup>23</sup>

Para atender as comunidades, as aulas aconteciam no período da noite. No entanto, segundo Rodrigues (2012, p. 72):

Isso representava um grande desafio, considerando que a iluminação era precária, todos estavam cansados, e em alguns lugares o sinal da Rádio

---

<sup>23</sup> Entrevista registrada na Revista de 50 anos da Rádio Rural de Santarém. V.1.

Rural chegava com dificuldades e ainda havia o incômodo pela presença de mosquitos comuns nessas regiões.

Por falta de recursos financeiros, os programas de educação radiofônica do MEB na Rádio Rural de Santarém, que atenderam cerca de 400 comunidades, entre os municípios de Santarém, Monte Alegre e Alenquer, foram extintos na década de 1980.

No entanto, a proposta de promover uma educação a partir do Rádio foi retomada em 1999 com o Projeto Rádio Pela Educação de iniciativa da então jornalista Cíntia Camargo, com o apoio financeiro do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef). O objetivo era contribuir para a qualidade de educação no ensino fundamental em municípios da Amazônia, a partir de processos de educomunicação, fomentados pela mídia rádio.

Diferente do MEB, que promovia aulas radiofônicas para adultos, o Rádio Pela Educação, através do programa “Para Ouvir e Aprender”, era destinado às escolas da rede municipal de ensino de Santarém.

Sua mobilização principal é desenvolvida a partir de um programa educativo denominado ‘Para Ouvir e Aprender’, o qual professores e alunos acompanham nas escolas com base nas orientações passadas por meio do Guia Pedagógico – cartilha entregue aos educadores (RODRIGUES, 2012, p. 75).

O Para ouvir e Aprender era veiculado em dois horários na Rádio Rural para atender aos alunos do período da manhã e da tarde. Rodrigues (2012) ressalta que “no momento do programa as aulas eram interrompidas, ou a produção radiofônica era incorporada ao plano de aula”.

Em algumas unidades escolares há sistemas de sonorização (caixinhas de som espalhadas nas salas), mas em outras, principalmente na zona rural, o recurso tecnológico pode ser um receptor à pilha ou mesmo à corda, caso não haja energia elétrica (RODRIGUES, 2012, p.79).

Ao longo dos anos, o programa teve grande aceitação por parte de alunos e professores da rede municipal de ensino de Santarém, que viam no rádio uma possibilidade de trabalhar a oralidade, a produção textual através de cartas e recados

que eram lidos nos programas, bem como os gêneros textuais, apresentados no Guia Pedagógico distribuídos às escolas.

Além disso, o Rádio Pela Educação incentivava o protagonismo juvenil com a Rede de Repórteres Educativos, que era formada por crianças e adolescentes que reportavam de suas escolas e comunidades os acontecimentos do dia a dia, exigiam melhorias, ou faziam denúncias.

O Projeto disseminou ações de educomunicação com uso do rádio nas escolas de Santarém, pois além do Programa Para Ouvir e Aprender, a iniciativa ajudou a instalar equipamentos de rádio em várias escolas do município, dando autonomia para que produzissem seus próprios programas.

O programa completaria em 2019, 20 anos de atuação, porém a falta de recursos financeiros, e de uma equipe habilitada para a produção do programa contribuíram para que a iniciativa, reconhecida nacionalmente como referência em Educomunicação na Amazônia, fosse encerrada em 2016.

Porém, muitas escolas passaram a utilizar a mídia como um recurso pedagógico. Outras, no entanto, foram além e com investimento próprio, ou do Ministério da Educação, através do Mais Educação, ou do programa de Educação Fiscal implantaram suas próprias rádios, as quais receberam a denominação de rádios-escolares que foram incluídas nas experiências educacionais espalhadas pelo país.

A primeira de Santarém foi a Escola Diocesana São Francisco, que implantou o projeto “Rádio na Escola: a comunicação a serviço da educação cristã”, que começou a funcionar em 2004. A partir daí, outras experiências foram iniciadas tanto nas escolas estaduais como Álvaro Adolfo, Frei Othmar, e mais recente a escola Madre Imaculada, quanto nas municipais destacando-se a escola Rotary.

### **6.1. A Escola Rotary**

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Rotary, fundada em 22 de dezembro de 1956 tem como filosofia “Contribuir para a formação integral do educando, resgatando princípios éticos, políticos, democráticos e cristãos

indispensáveis para o exercício da cidadania, e pilares básicos para a construção de uma sociedade mais justa e fraterna”.

Atualmente, a Escola tem 521 alunos distribuídos em sete turmas do ensino fundamental UM e nove turmas do fundamental II. É dirigida pela Pedagoga Francimar Farias, que está à frente do educandário desde 2012.

A escola tem 25 professores, e conta com 08 salas de aula, Laboratório de Informática, Biblioteca, e uma Sala de Recursos Multifuncionais do Atendimento Educacional Especializado.

### 6.1.2 Sintonia da Educação

O Sintonia da Educação é um projeto de Educação Fiscal<sup>24</sup> da Escola Rotary iniciado em 2015, que utiliza o rádio como ferramenta pedagógica de ensino. O objetivo é proporcionar no ambiente escolar, momentos de discussão e informação acerca da educação fiscal e das diversas temáticas de cunho social presentes na sociedade brasileira.

Segundo Farias (2019), antes do Sintonia da Educação, a escola difundia os programas do Rádio Pela Educação, que eram transmitidos pela Rádio Rural de Santarém. Porém, sentiu-se a necessidade de a escola criar seus próprios programas de rádio com as temáticas que eram interessantes para os adolescentes e para as crianças atendidas pelo educandário.

Em 2014, a proposta foi lançada, e em 2015 o laboratório de informática atendeu o chamado da direção para começar o projeto. Aí começou com as oficinas para as crianças terem acesso ao rádio, como funciona um programa de rádio, como se elabora um programa de rádio, trabalharam a questão da locução com essas crianças e a partir da preparação das equipes é que a escola começou a produzir os primeiros programas. [...] Fizemos concurso de logomarca com os alunos, sempre dentro da proposta de educação fiscal do município (FARIAS, 2019).

Desenvolvido há quatro anos o Sintonia da Educação é parte do Projeto Político Pedagógico da Escola (PPP), e no início de cada ano, quando é feito o planejamento

---

<sup>24</sup> O Programa Municipal de Educação Fiscal atua em Santarém há 12 anos, numa parceria da Receita Federal do Brasil, Secretaria Estadual da Fazenda (Sefa), Secretaria Estadual de Educação (Seduc), por meio da 5ª Unidade Regional de Educação (5ª URE) e Secretaria Municipal de Educação de Santarém (Semed). O objetivo é fomentar a consciência tributária para despertar a prática da cidadania.

das atividades escolares com os professores<sup>25</sup>, o projeto é debatido, visto que são os docentes os mediadores do processo em sala de aula.

Porém, não são apenas os professores que decidem sobre as propostas, os estudantes escolhiam as temáticas a serem trabalhadas em cada programa a partir de uma relação de temas propostos pelo corpo docente da escola.

O projeto até o ano de 2018 contava com a parceria da Rádio Rural de Santarém, que cedia o estúdio para gravação e o profissional José Maria Gama que fazia a edição do programa e encaminhava à coordenação do projeto para que fosse veiculado.

Eram programas curtos, e as professoras recebiam antecipadamente as propostas pedagógicas que elas poderiam desenvolver dentro da sala de aula a partir da escuta. Então, no dia que o programa ia ao ar, toda a escola parava para ouvir no sistema de rádio interno, tanto de manhã, quanto à tarde, e após as professoras começavam a trabalhar pedagogicamente aquela temática, e os alunos tinham como tarefa produzir algo a partir do que entenderam. Eram desenhos, paródias, jornais e outros (FARIAS, 2019).

O Sintonia da Educação tem em média dez minutos de duração, e as temáticas são trabalhadas pelos professores nos 45 minutos de aula, a partir dos roteiros que são disponibilizados previamente. Em 2015, quando o programa iniciou, foram produzidos 14 programas e executados apenas no turno da tarde. Temas como o dia internacional da mulher, alcoolismo, drogas ilícitas, violência familiar, abuso e exploração sexual de crianças e adolescente, até os programas do governo Federal de incentivo à educação foram refletidos pelos alunos e professores.

Destaca-se o programa do dia 11 de maio de 2015, cujo tema foi a violência familiar. Percebe-se pelo roteiro, que para o desenvolvimento do assunto foi realizada uma pesquisa, tendo como instrumento um questionário com os alunos da escola, os quais relataram já terem sofrido algum tipo de violência, tanto física, quanto verbal.

Loc.2: A segunda pergunta foi: você já sofreu algum destes tipos de violência na sua casa? E 62% dos alunos responderam que já sofreram agressão verbal e 27% física.

---

<sup>25</sup> Todos os professores da Escola Rotary também receberam formação para a utilização dos programas de rádio em sala de aula. Algumas capacitações foram ministradas na Rádio Rural, na época do Projeto Rádio Pela Educação.



Loc.1: E sabia que quando perguntados quem eram os agressores responderam o seguinte: irmãos ou irmãs: 27%; tio ou tia: 9%; Pai 20%; mãe: 24%; primo: 2%; avô (ó) 4%

Loc:2: Nossa! Os maiores agressores são os irmãos (trecho do programa 11 de maio de 2015).

Após o programa, o debate continuou em sala de aula com a orientação dos professores, refletindo sobre as consequências da violência para o ser humano.

Na entrevista com Rego (2018) foi possível perceber que o programa ajudou as crianças a se abrirem e falarem sobre situações que vivenciavam “eles expõem situações que a gente nem imagina que vivenciam no cotidiano deles, e acabam compartilhando com outras crianças, e assim expressando essas ideias”.

Pelos roteiros, percebe-se que além da pesquisa sobre os assuntos, os alunos também faziam entrevistas com “especialistas”, os quais partilhavam mais informações sobre os temas. No programa do dia 29 de maio de 2015, por exemplo, a entrevistada foi com uma conselheira Tutelar que esclareceu sobre abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes.

Após o programa, os professores foram orientados a falar com os alunos sobre as principais violações de direitos contra as crianças e adolescentes: exploração econômica (trabalho infantil), negligência, o abandono, e as violências: física, sexual e psicológica.

Já em 2016, foram produzidos 16 programas. Bullying, educação no trânsito, gravidez na adolescência, esporte e cidadania, patrimônio público e cultural do município foram alguns dos temas trabalhados no Sintonia da Educação. No programa sobre trânsito, os alunos além de explicarem o que é educação no trânsito, entrevistaram um educador, e deram dicas que ajudam a garantir a segurança de motoristas e pedestres.

A professora Aurenice Ferreira comenta que o tema foi interessante, pois permitiu ir além da teoria, e colocar o tema em prática.

Passando dessa teoria os alunos foram para prática. Fizemos blitz na frente da escola, conseguimos a pintura da faixa de pedestre, e as crianças começaram a colocar em prática a orientação de levantar a mão para atravessar a rua, ter a certeza de que o carro vai parar. Então são coisas que a gente trabalha muito na teoria, mas quando vai pra prática a gente vê que realmente funciona. Foram confeccionadas placas de sinalização e as crianças têm agora realmente conhecimento do que significa. Então o que é

bom desse programa é que tem alguns temas que a gente realmente consegue sair da parte teórica para a prática (FERREIRA, 2018).

Ferreira (2018), que trabalha a disciplina de Língua Portuguesa em sala de aula, afirma que o rádio é uma ferramenta a mais, pois facilita a escrita, a leitura, e até mesmo “os pequeninos produziam resultados fabulosos”.

Para o professor Jaime Costa, que leciona matemática, como o programa trabalha temas transversais de acordo com os PCNs, como drogas, gravidez na adolescência, é possível fazer a interação com a disciplina a partir de dados estatísticos.

Esses assuntos quanto a gente passa para o ensino da matemática trabalha estatística, dados que foram coletados, tabelas, percentuais. Então esse conteúdo que é trabalhado dentro da rádio veio justamente para ajudar, pra facilitar, pra dá um enfoque das disciplinas de matemática que são trabalhadas de uma maneira um pouco descontextualizadas. Então a gente trabalha a parte teórica, mas o programa de rádio vem para casar a parte prática (COSTA, 2018).

Costa (2018) argumenta ainda, que com o programa os alunos conseguem perceber melhor porque se deve pagar os tributos, e qual o percentual de arrecadação dentro dos produtos que que é repassado em melhoria, em termos de serviços de saúde, de educação, e outros. A professora Jucélia Rego, reforça tal afirmativa ao destacar que o rádio é sempre um diferencial, pois chama a atenção da criança para o novo.

Em 2016, como sugestão dos professores as crianças do primeiro ao quinto ano foram incluídas no Programa no Espaço criança, em que apresentavam paródias, poesias e emitiam suas opiniões sobre os assuntos tratados. Foi uma forma de ampliar não somente a participação, mas permitir que as crianças de menos idade pudessem opinar sobre temas de relevância, não apenas para a comunidade escolar, como também para a sociedade como um todo.

Antes eles não paravam pra ouvir, não ficavam quietos, e depois que foram preparados para aquele momento eles começaram a dar importância, e principalmente, quando dentro do programa foi inserido o espaço da criança (espaço que era deles). Foi uma sugestão até da educação infantil de incluí-los, não só como ouvintes, mas também como locutores. Então isso, tornou mais interessante pra eles (REGO, 2018).

Em 2017, a proposta foi trabalhar na produção de radionovelas<sup>26</sup>, e só foram produzidos três programas, os quais foram apresentados ao vivo. Temas como o poder do cidadão, saúde pública e seus desafios, direitos de todos, foram alguns dos temas desenvolvidos pelos alunos, que pesquisaram, escreveram e gravaram as radionovelas.

[...] as radionovelas, em um total de onze foram produzidas por alunos do oitavo ao nono ano. A gravação e a edição foram feitas na Rádio Rural de Santarém, que é parceira do projeto. [...] Essas radionovelas foram concluídas no final do ano e serão trabalhadas com as turmas no ano de 2018 (SOUSA, 2018).

Mesmo com pouco tempo de projeto (4 anos), a direção da escola e os professores relatam avanços significativos, entre os quais o desenvolvimento da oralidade e da escrita dos alunos em sala de aula, e o interesse pela pesquisa.

Costa (2018) destaca que os alunos sabem fazer, tem o conhecimento, e que a escola somente formaliza. “Isso ele vê na televisão, leem em uma revista, e quando vem para formalização do assunto, pensam que é coisa do outro mundo, e com o programa fica tudo mais explícito, facilitando ainda mais o aprendizado”.

Na mesma vertente, Rego (2018) reforça que não se pode subestimar o conhecimento que a criança tem, pois muitas vezes são situações muitas vezes vivenciada no seu dia a dia em casa, que eles compartilham. “Evoluem sim, porque perdem o medo de falar, e ao mesmo tempo colocam em prática a questão da cidadania, da denúncia”.

Farias (2019) acredita que com o programa a escola atingiu o objetivo proposto que era “fazer com que os alunos compreendessem determinadas temáticas e colocassem em prática o que estavam ouvindo através do rádio”.

Para Sousa (2018) algo significativo é a mudança de comportamento, visto que as crianças passaram a cuidar mais do patrimônio público (escola) e não desperdiçar mais merenda. Além disso, houve uma maior procura em participar dos debates, cujos temas não eram bem aceitos pela maioria. “Hoje já conseguem

---

<sup>26</sup> Radionovela é um formato que faz parte do gênero dramático da comunicação radiofônica. É uma história dramatizada dividida em capítulos. No início da programação radiofônica brasileira foi um formato muito utilizado para entreter os ouvintes e garantir audiência na programação.

perceber a importância que isso traz, e como reflete na vida, por isso procuram e querem participar”.

As crianças também conseguem perceber avanços no seu desempenho. Uma das apresentadoras destacou que com o Sintonia da Educação estão aprendendo sobre o passado, a educação fiscal e o meio ambiente. “Então eu comecei a pesquisar mais, até as minhas redações melhoraram muito com as pesquisas que eu fazia para o roteiro”.

Eram duas semanas para preparar o roteiro. Pesquisava na internet algumas coisas, depois era pergunta em campo mesmo. [...] Aí montava o roteiro com introdução, conclusão e depois passava para o grupo de locutores. A equipe era dividida entre roteiristas e locutores, mas às vezes tinha mudança. E depois íamos para Rádio gravar, mas depois foi apertando e passamos a fazer ao vivo (LOCUTORA, 2018)

Na entrevista com as crianças da educação infantil, que tinham entre dez e doze anos, percebeu-se desenvoltura na oralidade e no modo de expressar-se, demonstrando o quanto o programa tem contribuído para que prestem mais atenção para saber o que é bom ou ruim.

Na sala de aula, a professora fazia algumas tarefas com a gente e fazíamos uma colaboração no projeto. Nas atividades falávamos sobre malefícios e benéficos de coisas. Em 2017 a gente escrevia, fazia atividade, sobre computador, celular, tablet. Porque não é o dispositivo, mas sim o vício. A pessoa fica viciada e não quer mais largar o “negócio”. Aí, os pais tem que tomar alguma atitude, tomando o celular e colocando ela para fazer outra coisa. Eu sinto muito orgulho dos meninos que falam no programa, pois tem coragem, falam rápido (CRIANÇA 1, 2018).

O programa sintonia na educação é um programa “pras” crianças ou adultos aprenderem coisas que a gente não sabia. Eu aprendi muita coisa. Aprendi a ouvir mais, a fazer meus deveres, a prestar mais atenção. Não sou mais tímida. De vez enquanto eu faço leitura na igreja. Eu acho que os que falam tem muita coragem e responsabilidade (CRIANÇA 2, 2018).

Eu aprendi mais educação. A se interessar mais pelas coisas, a ler e a fazer todas as atividades, e nunca deixar em branco. Eles (apresentadores) não estão em uma faculdade, mas estão dando exemplo do que eles podem. Pode ser difícil no começo, mas eles conseguem (CRIANÇA 3, 2018).

As crianças também destacaram que o programa é um meio de comunicação do Rotary, pois além de passar informações na escola passa para outras pessoas. “É uma educação que é passada adiante.”

Para Sousa (2019) o programa de rádio abre a possibilidade de fazer a educação que se acredita, no qual o aluno seja o protagonista, pesquisando, analisando criticamente, e que ele se perceba como alguém que também pode produzir conhecimento.

Então dentro do programa de rádio eu consegui ver o quanto isso é viável, porque o que eu pretendia fazer dentro de outros projetos, por exemplo, eu consigo fazer através desse projeto maior. [...] Então a partir de um tema gerador a gente consegue fazer com que os nossos alunos pensem, analisem, produzam, que eles escrevam bem, que eles leiam bem, e dentro da educomunicação a gente consegue que eles façam isso. Quem olha de fora pode até dizer que é uma perda de tempo, uma hora e meia para fazer um programinha de 5 a 10 min, mas o resultado é que é uma produção deles (SOUSA, 2019).

Porém, em 2018 e 2019, o Sintonia da Educação não foi desenvolvido como nos anos anteriores. O término da parceria com a Rádio Rural e a falta de equipamentos técnicos na escola contribuíram para que o processo fosse interrompido. No entanto, é intenção da direção da escola retomar o projeto.

O projeto de rádio vai continuar dentro da programação da escola já com uma nova roupagem. Nós temos outras ideias para continuar [...], com novas equipes, novos cursos para esses alunos que tem interesse pelo rádio e a partir disso manter o projeto até a escola achar que é interessante (FARIAS, 2019).

Para esta nova etapa, foram selecionados oito alunos do quinto e sexto ano, os quais vão receber formação para produção de roteiros, edição e apresentação de programas. Segundo Sousa (2019), a ideia é reformular o Sintonia da Educação, oportunizando novas experiências para os alunos envolvidos. Isso porque, nas etapas anteriores, os estudantes pesquisavam os temas a partir de uma lista apresentada pelos professores, faziam o roteiro e gravavam na Rádio Rural, agora todo o processo será conduzido por eles, visto que a parceria com a emissora não existe mais.

A gente já está trabalhando na perspectiva da educomunicação, mas vai corrigir agora o que estava em deficiência. Por exemplo, o tema eram os professores que escolhiam, agora não, eles vão fazer o que querem pesquisar, porque eu via que tinham temas que eles faziam com mais vontade, aqueles que eram mais interessantes para eles (SOUSA, 2019).

Mesmo com o bom desempenho do projeto, e a boa aceitação por parte dos professores e alunos, a escola tem dificuldades no desenvolvimento da proposta, visto a carência de recursos técnicos. O educandário dispõe apenas de uma mesa amplificada, um microfone e as caixas de som nas salas para transmissão. Porém, falta um local apropriado para a apresentação e gravação dos programas, visto que a produção dos roteiros é feita na sala de informática, sem acústica necessária para tal trabalho. A escola também não dispõe de um computador para gravação e edição do material.

No entanto, a ideia é que o programa seja gravado e disponibilizado em *podcast*<sup>27</sup> para que outras escolas possam utilizá-lo de acordo com a sua realidade. É importante ressaltar, que hoje, o Sintonia da Educação é referência para outras escolas do município de Santarém, pois estas buscam sempre saber como funciona o projeto.

Sousa (2019) acredita na potencialidade do rádio, que se apresenta como oportunidade e como desafio. “a gente sabe que hoje o rádio é um desafio pra fazer, principalmente, dentre todas as tecnologias existentes hoje, como computador, celular.” No entanto, na Amazônia é uma oportunidade, sobretudo, para se trabalhar a questão do ouvir, a oralidade e dar oportunidade das crianças e jovens conhecer como se faz, e não apenas receber os discursos prontos, dando a oportunidade de pensar criticamente sobre os temas que são trabalhados.

---

<sup>27</sup> Podcast é um arquivo digital de áudio transmitido através da internet, cujo conteúdo pode ser variado, normalmente com o propósito de transmitir informações, podendo assim ser acessado a qualquer momento por qualquer pessoa.

## 6.2. Escola Madre Imaculada

A escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Madre Imaculada está localizada na área urbana do município de Santarém, e tem 58 anos de fundação. Foi criada em 1961, na capela do Santíssimo Sacramento, por iniciativa das professoras Francisca do Rosário Cardoso e Rosilda das Chagas Wanghon. As duas eram coordenadoras da Campanha Nacional da Erradicação do Analfabetismo em Santarém.

A escola funcionou na Capela até 1962, quando foi concluída a construção da escola no terreno doado pelo Padre Manuel Albuquerque na av. Presidente Vargas. O primeiro nome foi “Escola Reunida de Santarém”. Após dois anos, assumiu a direção da Escola a professora Iza Ramos Sena, e em 1973 o educandário passou a ser chamada de “Madre Imaculada”.

Atualmente a escola é coordenada pelo professor Jardisson Luís Rocha, e atende 1.178 alunos, divididos entre o Ensino Fundamental II, Ensino Médio, Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Educação Especial. São 12 salas de aula, laboratório de informática, estúdio de rádio, quadra esportiva e área de lazer.

### 6.2.1 Fala, galera!

O “Fala, Galera!” é um projeto de Rádio Escolar da Escola Madre Imaculada, que tem como objetivo “integrar currículo e práticas sociais a cultura digital vivenciada pelos interlocutores da locução e humanizar a formação e as condições de trabalho do professor”.

Os primeiros passos foram dados pela professora Joelma Portugal Freitas, que em suas aulas de Língua Portuguesa estimulou os alunos a produzirem programas de rádio para serem apresentados no horário do recreio, como atividade de conclusão da disciplina.

Há três anos atrás, eu comecei a pensar com as turmas do terceiro ano para que eles apresentassem programas de rádio, na hora do intervalo na escola, que não seria só a questão de música, mas que eles tratassem de alguma temática e apresentassem para os colegas. A princípio, eles queriam fazer ao vivo no refeitório [...], mas por conta do nervosismo, eles decidiram fazer gravado e levar para apresentar na hora do intervalo lá no pátio pra toda escola, e eles fizeram (FREITAS, 2019).

A atividade foi bem avaliada pelo professor Sebastião, que sugeriu ampliar a iniciativa para toda a escola com a ajuda de mais um professor. Foi então que convidaram o professor de História, Alenilson Ribeiro, o qual contribuiu na reformulação<sup>28</sup> do projeto para a instalação de uma rádio escolar.

Após a reelaboração, o projeto foi apresentado à direção da escola que aprovou a iniciativa, e os três professores deram início a criação dos critérios de seleção dos alunos que integrariam a Rádio Escolar. Também solicitaram um espaço físico para que pudessem montar o estúdio.

Além disso, os professores decidiram fazer parceria com uma universidade para a formação dos alunos. Foi feito contato com o Centro Universitário da Amazônia (Unama), em Santarém, que cedeu a sua docente o curso de jornalismo, que além de ministrar a disciplina de radiojornalismo, pesquisa o uso do rádio na sala de aula.

A primeira oficina foi ministrada no dia 4 de maio de 2018 com a participação de vinte alunos dos turnos da manhã e da tarde, os quais receberam informações sobre a história do rádio educativo no Brasil, rádio escolar e seu objetivo. Foram realizadas ainda oficinas sobre linguagem radiofônica, técnica de locução e dicção, produção de roteiros, texto radiofônico, e outros.

Paralelo às oficinas, foi iniciada a montagem do estúdio na sala cedida pela direção da Escola. Freitas (2019) comenta que foram realizadas várias promoções a fim de arrecadar os recursos necessários para organizar o espaço da Rádio Escolar.

Ao mesmo tempo nós começamos a fazer as promoções para angariar verba, já que a escola há quatro anos não recebe recurso financeiro do governo. [...] Não foi fácil, porque além de nós termos de ministrar nossas aulas, muitas vezes tivemos que sair correndo da sala pra contactar com os “meninos”, porque já ia haver uma oficina no outro dia, e a gente precisava que eles estivessem presentes. Em outros momentos, a gente precisava fazer reuniões para verificar a questão das promoções (FREITAS, 2019).

Um concurso para a escolha do nome e da logomarca da rádio também foi desenvolvido com a participação dos alunos da escola, os quais optaram pelo Programa Fala, Galera! A Rádio tem um estúdio próprio, construído com a ajuda dos

---

<sup>28</sup> Já existia um projeto da professora Joelma Portugal escrito para seleção de mestrado na Ufopa.



alunos, professores e colaboradores. A mesa de som, computador e microfone a escola já tinha de um outro projeto. Também foram compradas caixa de som, que foram instaladas nas salas de aula para que todos pudessem acompanhar os programas no momento da transmissão.

Depois de um ano de preparação e construção do estúdio para apresentação dos programas, a rádio foi inaugurada no dia 14 de dezembro de 2018, com a apresentação de um programa experimental.

No entanto, os primeiros programas da Rádio Fala, Galera! começaram a ser produzidos e apresentados em 2019. São dez minutos, e cada um traz uma temática que tem o objetivo de envolver alunos e professores em um diálogo pós programa.

É importante ressaltar que toda a produção, da pesquisa, escrita e apresentação do programa é feita pela equipe de alunos, sob supervisão dos coordenadores de cada turno. Freitas (2019) resalta que essa é uma forma de estimular os estudantes a serem os sujeitos do seu aprendizado. “Que eles possam entender que são eles os protagonistas de tudo o que acontece na vida deles, que eles devem nortear pra onde querem ir, quais são os caminhos” (FREITAS, 2019).

Em cada turno, dois alunos são responsáveis em organizar as equipes de produção e os temas a serem debatidos. Reis (2019) conta que para coordenar as equipes usa o exemplo de casa:

em casa meus pais nunca gritaram comigo, nunca levantaram a voz, foi sempre na base do diálogo, e eu aprendi muito com isso. Se eu consigo respeitar eles dessa forma talvez eu tendo a mesma liderança, os alunos talvez possam me respeitar ou até mesmo me escutar, e foi isso que eu fiz. Eu sempre fui a pessoa de chegar “olha você me ajudar nisso”, nunca fui chegando dando ordem. Porque quando eu peço eles me atendem, me ajudam.

Santos (2019) também utiliza a mesma tática. Mesmo já exercendo liderança, antes do início do projeto, como representante dos alunos no conselho da escola, conta que foi difícil, pois não tinha muito contato com as turmas da manhã.

[...] eu não tinha muito contato com a turma da manhã, já que eu estudava à tarde. Sempre houve uma relação de respeito. Eu como líder sempre ouço eles. Às vezes deixo eles à vontade para fazer o que quiserem, mas sempre dentro do limite, porque é como se fosse uma hierarquia: eu sou líder deles,

mas eu também tenho uma liderança, que é a coordenação pedagógica, a direção da escola e os responsáveis pelo projeto.

Mesmo com apenas quatro meses de funcionamento já é possível perceber alguns avanços a partir da execução do projeto de rádio escolar. Os alunos, por exemplo, que eram tímidos no início do processo desenvolveram a oratória e passaram a se expressar mais. Essa percepção foi possível durante as entrevistas, visto que nas oficinas eles pouco falavam, e tinham receio de participar das atividades.

Além disso, Freitas (2019) destaca que os jovens envolvidos no projeto ganharam autonomia.

essa capacidade de decisão vem acontecendo entre eles cada vez mais, inclusive na sala de aula a gente percebe essas lideranças, essa facilidade de expressão[...]. É apaixonante a gente vê esse desenvolvimento que vai acontecendo com os nossos alunos.

A mesma reflexão tem Costa (2019) ao destacar que percebe “a evolução pelo depoimento dos alunos, pela forma como transmitem o programa e pela interação que estabelecem com quem está em sala de aula. É uma evolução bastante significativa”.

Os jovens integrantes do Fala, Galera! também vislumbram avanços no seu desempenho como aluno, e como futuros profissionais.

Eu me tornei uma pessoa que chega na escola falando com todo mundo, e isso melhorou muito o meu desenvolvimento de querer falar, de perder o medo de falar. Eu aprendi fazer roteiro, eu falo para escola toda ouvir, os alunos me reconhecem [...]. Eu quero avançar nisso. Eu penso em fazer jornalismo. Quando eu cheguei aqui eu queria fazer psicologia, mas falar é o que eu quero, porque é o que eu gosto. E por conta disso, eu continuo me envolvendo no projeto e quero continuar nisso até encerrar os estudos (REIS, 2019).

Isso acabou com a minha timidez. Eu creio que esse projeto é fantástico! Maravilhoso! Que desperta o interesse, inclusive pelo jornalismo, porque nós temos alunos que eram do projeto que estão cursando jornalismo. Eu fico muito feliz por isso, eu inclusive também pretendo ingressar nesta área. A minha vida mudou completamente com a chegada desse projeto na escola (VINICIUS, 2019).

Quando eu comecei a participar, o projeto me abriu um leque de conhecimento: de como eu vou falar, de como eu vou me comportar, como

eu vou interagir com as pessoas, e acho que isso foi muito importante pra mim. Consegui falar mais com as pessoas e desenvolver a questão da oralidade. Foi muito importante para mim e para a “galera” da minha sala. E a partir disso daí, eu comecei a me desenvolver mais, tanto no projeto quando com as pessoas também (FEITOSA, 2019).

No entanto, mesmo percebendo avanços, e o Projeto dispondo de toda estrutura para seu funcionamento, o Fala, Galera! de início teve dificuldade para funcionar, visto que os alunos não estavam habituados a “ouvir” em sala de aula, um programa para depois debater.

Todos sabem que é muito bom, mas é preciso criar na sala de aula a cultura do ouvir, do participar do programa, do interagir com a turma com a temática que é abordada. Então, isso é um dos desafios que nós do projeto assim vivenciamos na escola, mas gradativamente vamos superando, os professores dão sugestões, os alunos dão sugestões, e assim a tendência é melhorar, e fazer com que o projeto realmente possa continuar e os alunos possam participar como uma atividade enriquecedora na formação de todos (COSTA, 2019).

Além disso, o programa ainda não foi incorporado às atividades curriculares da escola, e os coordenadores encontram algumas dificuldades na execução da proposta.

A direção nos deu liberdade pra fazer, nos deu condições para trabalhar, mas faltou entender que o projeto é da escola, por isso é necessário trabalhar junto. Então, enquanto a escola não entender que esse é um projeto dela, e que é preciso que todos apoiem, que todos abracem, todos compreendam como ele funciona e todos façam acontecer, infelizmente vai ficar sempre aquilo que ele fica quase como uma marginal dentro das atividades da escola (FREITAS, 2019).

Freitas (2019) ressalta ainda, que tem tido muito trabalho para transformar o projeto em um gerador de aprendizado de fato na escola, visto que tem alguns professores que se sentem incomodados com a iniciativa, e acreditam que o programa atrapalha o processo de ensino em sala de aula. Uma das justificativas para isso, talvez seja, a ausência de dicas pedagógicas para que os professores trabalhem em sala de aula.

Observa-se, por exemplo, o roteiro<sup>29</sup> do programa do dia 08 de abril de 2019, o qual busca fazer uma reflexão sobre os motivos de se cantar o Hino Nacional na escola.

Loc. 1: Algumas vezes me encontro a pensar: Qual o objetivo de ensinar o Hino Nacional na escola? O hino nacional é um símbolo da pátria, representa o nosso povo e a valorização do nosso país. Ele tem a letra de Joaquim Osório Duque Estrada e a música de Francisco Manoel da Silva. Surgiu na época da independência do Brasil. Traz o contexto desta época.

Loc2: Essas informações são muito importantes Eliton. Sabemos que o hino, por não ser trabalhado nas escolas como deveria, faz com que muitos alunos apresentem dificuldades de entendê-lo.

Loc.1: Este é o mais importante motivo de se cantar o hino nacional brasileiro nas escolas. Muitos alunos entram e saem das escolas, se formam em faculdade, mas não sabem cantar o hino da nossa pátria e isso pode se tornar uma vergonha para nós brasileiros.

Loc.2: É verdade Eliton! Cantar o hino nacional brasileiro nas escolas, em eventos, em solenidades e dentre outros, é, acima de tudo, uma forma de respeito e reverência ao nosso país, é conhecimento e cultura (Trecho do roteiro do programa do dia 08 de abril).

Ao final do programa<sup>30</sup>, os apresentadores dão alguns avisos de interesse dos alunos, porém não há uma orientação de como os professores podem trabalhar a temática em sala de aula, e alguns não utilizam.

Outro problema destacado nas entrevistas é a falta de responsabilidade de alguns integrantes, os quais não se sentiam responsáveis pelas produções e acabavam sobrecarregando os demais, porém, é um obstáculo superado e hoje todos participam.

Apesar das dificuldades, é perceptível que a dinâmica de a escola mudou após o início do projeto. Os alunos se sentem motivados a participar e a contribuir nas produções. Tanto que Costa (2019) recomenda a iniciativa para outras escolas, destacando que os alunos são talentosos e tem habilidades que precisam ser desenvolvidas, e em uma rádio escolar pode ser este espaço.

A proposta da coordenação do projeto de Rádio Fala, Galera! é apresentar o programa também via internet, através de uma rádio *web*, mas somente após a consolidação da iniciativa na escola.

---

<sup>29</sup> Não tivemos acesso a todos os roteiros de produção dos programas, visto que não há um arquivamento tanto dos programas escritos, quanto gravados.

<sup>30</sup> Os programas são veiculados no início de cada turno de aula.

### **6.3. Algumas Considerações em Relação aos Projetos de Rádio Escolar**

Considerando-se o cenário atual, onde se vive em meio às novas tecnologias da informação e comunicação, as quais permitem aprendizados múltiplos em qualquer lugar e em qualquer momento é necessário romper com o conceito de que somente a escola é espaço de educação. Orozco Gomez (2014) reforça tal pensamento ao afirmar que os meios de comunicação de massa, as diversas tecnologias e as redes sociais estão educando, mesmo sem serem educadores, ou seus conteúdos necessários e profundos a ponto de suscitar uma reflexão crítica de quem os recebe. Para ele, “o ensino é restrito e a aprendizagem é aberta, quase interminável”, pois permite ao ser humano estar em constante descoberta.

Neste sentido, incorporar tecnologias às escolas é abrir a possibilidade de não apenas receber informação, mas apropriar-se das ferramentas e dos conhecimentos, e produzir conteúdo de forma conjunta. Isto porque, perde-se muito tempo nas plataformas e telas recebendo e compartilhando informações, e pouco em processos de produção do conhecimento.

Sabe-se, no entanto, que romper com este paradigma é uma tarefa difícil para a escola, principalmente, quando há carência de investimentos por parte dos governos tanto para os estabelecimentos de ensino, quanto para formação dos professores.

Na escola Rotary, por exemplo, há carência de recursos financeiros para a compra de materiais necessários ao desenvolvimento da atividade do projeto Sintonia na Educação, e os professores foram capacitados para o uso da mídia pela própria escola, e por atores externos, visto que a Secretaria de Educação do município não dispõe de profissional capacitado para atender tal demanda.

Já escola Madre Imaculada, embora tenha equipamentos disponíveis e uma sala preparada para a produção e veiculação dos programas de rádio, nem todos os professores foram capacitados para a utilização desta mídia como recurso de ensino em sala de aula, ou mesmo para uso de tecnologias, o que acaba prejudicando o andamento da proposta.

É importante ressaltar ainda, que muitos equipamentos tecnológicos são caros e pouco acessíveis para a grande maioria da população. Sabe-se, porém, que

milhões de pessoas tem acesso a aparelhos celulares, televisão, rádio, mas poucos possuem condições para acessar a internet em seus dispositivos ou mesmo em casa, principalmente, na região Amazônica, onde os investimentos são escassos, ou quase inexistentes. No entanto, não os utilizar é ficar de fora da chamada “modernidade”.

E é por carência de recursos financeiros, e pela facilidade de acesso que muitas pessoas ainda têm preferência pelo rádio. É ele o principal mensageiro para quem mora em comunidades distantes da cidade. Pesquisa publicada em 2019 pela *Revenue Analytics*<sup>31</sup>, empresa norte americana, aponta que “o rádio está preparado e adaptado aos novos desafios no consumo de mídia”, ou seja, mesmo considerado por alguns como um dispositivo “ultrapassado”, é uma tecnologia que rompeu barreiras e adaptou-se ao tempo para continuar atendendo o seu público.

Além disso, o rádio é essa mídia que se volta as diferentes necessidades do ser humano, seja para entreter, informar, ou mesmo ser companhia para aqueles que se sentem sozinhos. Corazza (2016) corrobora com este pensamento ao afirmar que “o rádio é a arte de comunicar com leveza, mais ligado ao lúdico e ao afeto”. Comunicar com leveza é utilizar uma linguagem simples, agradável aos ouvidos e acessível a todos, desde o intelectual, até àquela pessoa que não teve oportunidade de “conhecer as letras”.

Neste sentido, percebe-se que nas escolas, os alunos têm facilidade em se apropriar da linguagem radiofônica para levar diferentes mensagens a comunidade escolar. Cativam seus ouvintes pela leveza das palavras utilizadas em cada programa produzido.

O Rádio também é interatividade, e essa interação favorece uma aprendizagem dialógica, na qual estudantes e professores se sentam juntos para debater sobre os temas a serem trabalhados em cada programa. É o sair da sala de aula, e experimentar novos espaços de produção do conhecimento. Para Sodré (2012) educação é uma experiência concreta entre indivíduos que se permitem testar, avaliar e refazer. E esse processo dialógico é perceptível nas duas escolas, visto que

---

<sup>31</sup> Pesquisa divulgada pela site da Abert: [www.abert.org.br/web/index.php/notmenu/item/26647-radio-e-o-meio-mais-adaptado-ao-consumo-de-midia-revela-pesquisa](http://www.abert.org.br/web/index.php/notmenu/item/26647-radio-e-o-meio-mais-adaptado-ao-consumo-de-midia-revela-pesquisa). O estudo completo da Revenue Analytics está disponível para download em <https://research.revenueanalytics.com/2019MediaTrends>

estudantes e educadores criam momentos para debater os temas dos programas e avaliá-los em vistas a melhorar.

A mídia também é uma possibilidade de exercitar a escuta e a oralidade. Na escola Madre Imaculada constatou-se que no início do projeto os jovens estudantes não estavam acostumados a esse processo tão natural do ser humano (escutar). Foi preciso empenho dos professores para que pudessem absorver as informações repassadas e dialogar sobre os assuntos em sala de aula. Por outro lado, os estudantes que participam diretamente dos programas (locutores, produtores) melhoraram a oralidade, pois compreenderam a importância, não só de se expressar, mas garantir seu espaço de fala dentro da escola.

Kaplún (1998) destaca que são “os próprios sujeitos que devem fazer seu processo de mudança, aos educadores cabe o estímulo e o acompanhamento”. E tanto na escola Rotary, quando na Escola Madre Imaculada percebe-se que os alunos são protagonistas, mas tem ao seu lado professores que os orientam e os incentivam a trilhar seus próprios caminhos.

É importante considerar ainda, que a produção do conhecimento não pode isolar-se do exercício da cidadania. E ao apropriar-se das ferramentas de comunicação, professores e alunos tem a possibilidade de não apenas falar dos problemas que afetam a sociedade, mas propor melhorias e exigir que seus direitos sejam garantidos. Exemplo, são aos temas tratados no programa Sintonia da Educação da Escola Rotary, e as conquistas adquiridas, como por exemplo, a colocação da faixa de pedestre em frente ao educandário.

Para Kaplún (1998), os cidadãos precisam escutar não apenas os discursos de derrota, mas a multiplicidade de suas vozes, o negativo de suas ações e principalmente as conquistas, e a escola pode ser esse canal de reflexão, e tomada de atitude, pois a educação deve ser pensada a partir da realidade, não isolada.

Neste sentido, o desafio das escolas, segundo Orozco Gomez (2014), é formar audiências para assumirem-se emissores e interlocutores reais. Se antes formava-se o cidadão para receber informações, hoje faz-se necessário formá-lo para a produção e emissões criativas que estimulem os jovens a apropriar-se das ferramentas de comunicação, e a utilizá-las como instrumento de conhecimento e poder.

O mesmo autor, considera que os novos participantes da comunicação (estudantes) devem aprender a ser comunicadores, observando que para comunicar é necessário mergulhar no universo a ser “comunicado”, não apenas observando, mas experimentando e sentindo.

Considera-se ainda, que muitos professores reconhecem a importância da utilização de novas tecnologias em sala de aula para facilitar o ensino, porém tem dificuldade em compreender como funcionam e como utilizá-los. Eles também têm consciência de que o uso de tais ferramentas de comunicação são atividades educacionais, que favorece a comunidade escolar revisar suas relações de comunicação em vista a uma educação dialógica.

Neste sentido, Soares (2014) argumenta que “a educomunicação, enquanto teia de relações não emerge espontaneamente. Precisa ser construída intencionalmente”. Sabe-se, porém, que existem obstáculos, e o maior deles talvez seja a resistência às mudanças. Isso, porque trabalhar com tecnologia nas escolas requer tempo para planejar, acompanhar e avaliar o processo, e em muitos casos, os educadores não dispõem de tempo suficiente para estas demandas, visto que trabalham não apenas em uma escola.



## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar o rádio como recurso pedagógico nas escolas, em um primeiro momento pode parecer algo ultrapassado, em vistas aos inúmeros aparatos tecnológicos aos quais os estudantes têm acesso.

No entanto, ao se observar a realidade do país, logo se percebe que o rádio atravessou o tempo e reinventou-se, adequando-se a nova realidade. A caixinha mágica da comunicação que antes era parte da casa e agrupava as famílias, está no carro, no ônibus, nos computadores do trabalho, ou na palma da mão, informando, entretendo e fazendo companhia a milhares de ouvintes espalhados em diversas regiões do Brasil.

Na Amazônia, por exemplo, ele continua tão atual quanto antes. É o meio utilizado para denunciar, cobrar ações dos governantes, ou mesmos mandar e receber mensagens. Onde se demora a chegar, as ondas sonoras do rádio chegam rompendo as barreiras geográficas, ou de recursos. E mesmo quando as frequências não podem ser sintonizadas, criam-se espaços de comunicação radiofônica para que as vozes das comunidades sejam ampliadas.

Também em áreas urbanas, onde disputa espaço com a televisão e os aparelhos celulares conectados à internet, o rádio tem seu público cativo.

Assim, ao estudar o uso do rádio na escola percebe-se que mesmo em meio a tantas tecnologias disponíveis, a mídia ainda apresenta potencialidades como recurso pedagógico, não apenas em sala de aula, mas em todo o espaço escolar, especialmente onde há carência de recursos financeiros.

Percebe-se que a rádio escolar se apresenta como uma potencialidade que dá aos jovens a oportunidade de serem protagonistas de seu próprio aprendizado. Passam a compreender que eles são os protagonistas do seu aprendizado, e ao empodera-se possam não apenas a ouvir programas gravados e transmitidos de uma emissora, mas a produzir seu próprio conteúdo a partir do conhecimento de mundo que tem.

Nesta perspectiva, os estudantes compreendem que a escola, mais do que um lugar de “disciplina” e repasse de lições tiradas dos livros didáticos, é um espaço de diálogo, pesquisa e produção do conhecimento.

Isso pode-se perceber tanto no Sintonia da Educação do Rotary, quanto na Rádio Fala, Galera! do Madre Imaculada. Nos dois projetos, as crianças e adolescentes demonstram desenvoltura com as palavras ao se expressar e ao produzirem os programas que são apresentados nas suas respectivas escolas. Percebe-se ainda uma consciência cidadã crítica, que os estimula a denunciar os problemas da sociedade, e a solicitar melhorias tanto para a escola, quanto para a comunidade próxima.

Verifica-se ainda, que o uso do rádio na escola também dá aos professores a possibilidade de se trabalhar com assuntos do curriculum escolar como matemática, história, geografia, etc., mas sem dúvida, a disciplina de Língua Portuguesa é a mais beneficiada, visto que os alunos ao produzirem os programas pesquisam, fazem entrevistas, ouvem músicas, escrevem e gravam, utilizando os vários gêneros textuais. Para cada uma dessas etapas são exigidos não apenas conhecimento, mas desenvoltura com as palavras já que eles também são formadores de seus colegas de turma.

Os programas também contribuem para se trabalhar temas transversais como: educação no trânsito, violências, educação fiscal, drogas, meio ambiente e outros, ensejando uma consciência crítica das crianças e adolescentes envolvidas diretamente no projeto, ou não.

Também é importante salientar que os projetos foram e são espaços de aprendizado tanto para os professores, quanto para os alunos que juntos compreenderam que o rádio quando bem utilizado serve para fortalecer as reivindicações da escola e da comunidade, e oportunizar resultados positivos, como uma simples faixa de pedestre.

Ademais, os dois projetos servem ainda para destacar que é possível fazer a diferença no espaço escolar mesmo com poucos recursos, unindo força de vontade, trabalho conjunto e ousadia, e que também a educação se faz com parcerias.

Da mesma forma, percebeu-se um crescimento individual de cada estudante envolvido nas rádios escolares: alguns venceram a timidez e passaram a exercitar

com mais desenvoltura a oratória e o diálogo, melhoraram a escrita e passaram a exercer liderança entre seus colegas de turma.

No entanto, é importante ressaltar que para que a rádio escolar não seja apenas mais um aparato tecnológico na escola com pouco uso, ou apenas como um mecanismo de mensagem para os alunos, é necessário que todos os envolvidos no processo tenham claros os objetivos que querem alcançar e as competências e habilidades que esta proporciona tanto em sala de aula, quanto no espaço escolar.

Neste contexto, o educador também deve tornar-se um incansável consumidor de conteúdos críticos, para que possa dar o apoio necessário aos estudantes, a fim de que possam através do diálogo compreender as formas de manipulação utilizadas pelos veículos de comunicação tradicionais, que por estarem a serviço de seus donos, em muitos casos acabam por distorcer as informações repassadas à população.

Assim sendo, as rádios escolares além de serem um recurso pedagógico de aprendizagem, é uma mídia da chamada educomunicação, e um espaço de democratização da comunicação, visto que tanto professores e alunos, quando a comunidade escolar e do entorno tem a possibilidade de falar de seus problemas e propor soluções de melhoria tanto do ensino, quando da vida cotidiana.

Que esta mídia tão importante para os povos da Amazônia se consolide como uma política pública dos governos, para que mais jovens e crianças tenham a oportunidade de usufruí-la nos espaços escolares, e que haja formação para os professores a fim de tenham habilidades e competências necessárias para mediar a aprendizagem dos estudantes contribuindo para a formação de uma consciência crítica.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Lia Calebre de. **No tempo do Rádio: Radiodifusão e cotidiano no Brasil – 1923 – 1960.** Rio de Janeiro, 2002.
- BALTAR, Marcos. **Rádio Escolar: uma experiência de letramento midiático.** 1.ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação.** São Paulo: Brasiliense, 2007.
- BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é comunicação.** 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: do conhecimento à ação política.** Rio de Janeiro: Casa da Moeda, 2006.
- CITELLI, Adilson Odair. COSTA, Maria Cristina Castilho. **Educomunicação: construindo uma nova área do conhecimento.** São Paulo: Paulinas, 2011.
- CONSONI, Marciel. **Como usar o rádio na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2007.
- DEL BIANCO, Nélia. KLÖCKNER, Luciano. FERRARETTO, Luiz Artur. (org). **80 anos das rádios Nacional e MEC.** In: DEL BIANCO, Nélia. PINHEIRO, Elton Bruno Barbosa. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. P. 12 – 32.
- FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática.** São Paulo: Summus, 2014.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.
- \_\_\_\_\_. **Extensão ou comunicação.** 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia: sete saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Política e Educação.** 5.ed. São Paulo. Cortez, 2001.
- FILHO, André Barbosa. **Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em**
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Como elaborar projeto de pesquisa.** 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: Como fazer pesquisa qualitativa em Comunicação Social**. 1ed. Rio de Janeiro. Record, 2015.

KAPLÚN, Mário. **Una pedagogía de la comunicación**. Madri: De la Terra, 1988.

KLOCKNER, Luciano. FERRARETTO, Luiz Arthur. E o rádio? Novos horizontes midiáticos. In: RIBEIRO, Adriana Gomes. **Rádio Educação – maneiras de conjugar**. Porto Alegre: Edipucrs, 2010. P. 286 – 300

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. **Comunicação e educação caminhos cruzados**. Loyola: São Paulo, 1986.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 7ª Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LÜDKE, Menga. MARLI, E. D. A. André. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, Epu, 1986.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **A Comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

MOREIRA, Sonia Virgínia (org). 70 anos de radiojornalismo no Brasil 1941 – 2011. In: COSTA, Luciana Miranda. **Aonde só o rádio chega**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011. P. 293 – 304.

NAGAMINI, Eliana (org). Questões teóricas e formação profissional em comunicação e educação. In: ROMANCINI, Richard. **Comunicação e educação as distintas trajetórias no espaço ibero-americano**. Vol. 1. Bahia: ESC, 2016. P. 23 – 42.

\_\_\_\_\_. **Questões teóricas e formação profissional em comunicação e educação**. In: SILVA, Camila de Alvarenga Assis. Vol. 1. Bahia: ESC, 2016. P. 55 – In 69.

\_\_\_\_\_. **Questões teóricas e formação profissional em comunicação e educação**. In: CORAZZA, Helena. Vol. 1. Bahia: ESC, 2016. P. 128 – 144.

NEUBERGER, Rachel Severo Alves. **O Rádio na Era da Convergência das Mídias**. Cruz das Almas/BA: UFRB, 2012.

OROZCO GÓMES, Guillermo. **Educação: recepção midiática, aprendizagem e cidadania**. São Paulo: Paulinas, 2011.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A Informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. São Paulo: Summus, 1985.

PRADO, Magaly. **História do Rádio no Brasil**. São Paulo: Da Boa Prosa, 2012.

PRETTO, Nelson de Luca. TOSTA, Sandra Pereira (org.) Do MEB à WEB: o rádio na Educação. In: FILHO, José Peixoto. **O Rádio e a Educação: A experiência do MEB e as contribuições para a educação popular.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

PEREIRA, José Haroldo. **Curso básico de Teoria da Comunicação.** 4ª ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2007.

\_\_\_\_\_. **Do MEB à WEB: o rádio na Educação.** In: PRETTO, Nelson de Luca. BONILLA, Maria Helena Silveira. SARDEIRO, Carla. **Rádio web na educação: possibilidades e desafios.**

RABAÇA, Carlos Alberto. BARBOSA, Gustavo Guimarães. **Dicionário essencial de comunicação.** 1ªed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2014.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias da Comunicação.** 2ª Ed. Lisboa: Editorial Presença, 1997.

RODRIGUES, Rosa Luciana de. **Rádio Popular na Amazônia: o processo comunicacional do Projeto Rádio Pela Educação.** UFPA, 2012.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação e Pesquisa.** São Paulo: Hacker, 2001.

SCHLESENER, Anita Helen. **Marxismo(s) e educação** (Locais do Kindle 794-795). SciELO – Editora UEPG. Edição do Kindle.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: contribuições para a reforma do ensino médio.** 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho: Uma teoria da comunicação linear e em rede.** 7ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

WOLTON, Dominique. **É preciso salvar a comunicação.** São Paulo: Paulus, 2006.

YIN, Roberto K. **Estudo de caso: Planejamento e métodos I.** 2ed. Porto Alegre. Bookman, 2001.

ZUCULOTO, Valci. LOPEZ, Débora. KISCHINHEVSKY, Marcelo (org). Estudos Radiofônicos no Brasil: 25 anos do grupo de pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom. In: AMARANTE, Maria Inês. **O papel do rádio na educação e no desenvolvimento local. Experiências marcantes no Brasil e em outros países da América Latina.** E-books 22. São Paulo: Intercom, 2016.

## APÊNDICES

### LUIZ ARTHUR FERRARETTO – PORTO ALEGRE – NOVEMBRO 2018

#### **Como você vê o uso do rádio nas escolas públicas?**

Acredito que há duas derivações essa tua pergunta. Primeiro, eu acho que é interessante ensinar as pessoas a ouvir rádio. Então tu vais gerar o ouvinte do futuro. E a segunda, é assim, como é que tu ensinas as pessoas a ouvir rádio? Fazendo os alunos brincarem de fazer rádio nos intervalos do colégio. Tem muito projeto neste sentido no Brasil. E ali tu tens também um jogo de interação. É um jogo de interação via rádio, que pode permitir que a escola discuta com a sua comunidade, com aquelas pessoas que estão ali naquele sistema de autofalante, web rádio, se for uma coisa mais sofisticada, discuta com a sua comunidade problemas que estão acontecendo hoje que são essenciais que sejam discutidos neste tipo de ambiente. Entender a pessoa que é diferente, diminuir o bullying, trabalhar com questões como as pessoas com menos capacidades, problemas de ordem física, as pessoas que tem outras opções sexuais, enfim a diversidade da sociedade humana pode ser trabalhada ali através do rádio. E isso amplia o poder do meio junto aquelas crianças, aqueles jovens e amplia o poder do meio na sua inserção com a sociedade, melhorando essas relações. Rádio é relacionamento. Se a gente conseguir usar o rádio para melhorar esses relacionamentos entre as pessoas, melhor ainda.

#### **Você acredita que a partir daí o rádio pode se fortalecer ainda mais?**

Olha eu acho que toda emissora de rádio em uma comunidade pequena se tiver a oportunidade de, devia olhar para aquelas escolas, e trabalhar com essas escolas. Não precisa dá suporte para fazer um pequeno sistema de alto falante. Isso aí, é fácil de fazer. Mas pode ser, em alguns momentos, ir conversar com essas pessoas para que tenham um sistema de alto-falante e até fazer alguns programas da escola, né. E porque não, programas com crianças e jovens na sua emissora. Não precisa ser um programa fixo, mas fazer um programa no sábado à tarde, por exemplo (sábado de tarde é um horário morno numa cidade, em termos de rádio). Se for fazer um programa

com a escola daquela comunidade, os pais das crianças vão ir, as crianças vão ir, e tu vai criar barulho em torno do rádio e daquela escola, isso é bom. Vai chamar atenção, e vai jogar isso, se possível para as redes sociais para chamar atenção.

### **ENTREVISTA COM A PROFESSORA SANDRA 19.01.18**

#### **Como surgiu a proposta do Sintonia na Educação?**

O programa Sintonia da educação surgiu da vontade de nós trabalharmos através da rádio a proposta da educação fiscal e as temáticas sociais, e aí como temos uma gestora que sempre trabalhou na área da comunicação, e quando estávamos pensando o projeto de educação fiscal ela sempre teve esse desejo e colocava “vamos utilizar a rádio”, já que temos um sistema de som que alcança as turmas vamos utilizar. Então foi pensado a partir disso. Utilizar a rádio como ferramenta pedagógica para gente trabalhar a questão cidadania, através da temática educação fiscal e das temáticas sociais.

#### **Quanto tempo o programa existe?**

O programa existe desde 2015 quando foram produzidos e apresentados 18 programas. Em 2016 foi dado continuidade com 16 e em 2017 foram produzidas radionovelas que serão trabalhadas nos programas de 2018. Foram produzidas 11 radionovelas e 3 programas. A produção da radionovela requer um maior tempo e por conta disso que houve a produção apenas de 3 programas.

#### **Como é desenvolvido e qual a participação dos alunos?**

Inicialmente ele é desenvolvido em nossa semana pedagógica quando é feito o planejamento com os professores. Na verdade, o programa atinge toda a escola. Ele é produzido por uma equipe de 12 alunos que trabalham na produção dos roteiros, nas gravações e depois esse programa recebe as nossas orientações pedagógicas para que o professor possa trabalhar em sala de aula. O professor recebe esse roteiro produzido pelos alunos com a orientação de como ele trabalhar, mas essa orientação também é livre. O professor tem a liberdade de fazer mais, alguma coisa diferente. E a gente escolhe um dia da semana, em acordo, que não tenha atividade, que não tenha prova, e a escola toda para. No início da aula é colocado o programa que tem



em média de 08 a 10 minutos e após o professor trabalha a proposta da temática que o programa traz naquele dia. Então são aproximadamente 45 minutos que se consegue trabalhar. A partir de 2016 como sugestão dos professores, na semana pedagógica quando se avaliou o primeiro ano do projeto, se pediu que a inclusão também das crianças, do primeiro ao 5º ano e aí a gente criou juntamente com eles o Espaço criança, onde em cada programa as crianças tem sua participação. Eles fazem em sala de aula com os professores, produzem parodia, poesias, dão opinião deles. Em 2017 a proposta foi trabalhar com as radionovelas e só foram feitos três programas. As radionovelas foram produzidas por alunos do oitavo ao nono ano e foram produzidas 11 radionovelas. Tem uma parceria com a Rádio Rural que faz a edição dos programas e radionovelas. Em 2017 os programas não foram gravados na rádio como era anteriormente foram veiculados ao vivo na escola. Essas radionovelas foram concluídas no final do ano e agora em 2018 serão trabalhadas. Nós temos três produções do projeto. Primeiro ano temos todos os roteiros os programas e as sugestões para o professor. O segundo ano também e em 2018. Temos um registro do que é produzido e essa produção é totalmente dos alunos.

### **Houve mudança no comportamento deles?**

No processo educativo a gente sabe que qualquer mudança ela não acontece do dia para noite, vai acontecendo devagar, mas o que a gente percebe são pequenas ações, não mudanças bruscas, mas no momento em que eles param para analisar as situações que eles fazem como o patrimônio público. Situações que eles param para reconstruir aquilo que eles mesmos destruíram, seja riscando. A própria merenda, as vezes a gente via que eles deixavam jogado os recipientes da merenda, e a gente consegue ver menos isso agora, até mesmo no desperdício da merenda, mas ainda são mudanças ainda pequenas. A principal mesmo é na participação deles, como eles tinham dificuldade de emitir opinião, e a gente já vê uma procura, eles já buscam participar do programa. Quando começou eles diziam essas temáticas são mais difíceis, chatas. Por que não trabalhar temáticas mais voltadas à juventude, mas hoje já conseguem perceber a importância que isso traz e como reflete pra eles. Quando eles dizem, procuram e querem participar. “a gente sabe que hoje o rádio é um desafio pra gente fazer, principalmente dentre todas as tecnologias que a gente tem hoje, com

computador, celular. Tudo muito moderno, mas a gente não pode deixar e vê que o rádio ele é uma ferramenta, que ele também é uma mídia e não é uma mídia ultrapassada. E trabalhar principalmente a questão do ouvir” essa aí foi uma mudança que a gente percebeu também. Antes a gente chamava a atenção. Olha ouve, presta atenção, hoje a gente já vê que eles ouvem, porque depois comentam. Quando termina o programa eles vão discutir, demonstrando pra gente que eles já têm mais atenção.

### **O programa é uma ação educomunicativa na escola? Porque?**

Sim. O programa é uma ação educomunicativa dentro da escola. Porque a gente usa uma mídia que está ali, que nós temos acesso, que o aluno tem acesso e trabalha temáticas importantes dentro da escola. Nosso desafio esse ano é trabalhar momentos que eles vão conduzir, que são os momentos de intervalo. Além do momento que eles vão está trabalhando a questão da cidadania, algo mais sério, mas reflexivo, eles também vão ter um momento ali de descontração pra eles. No momento quando eles fazem o programa eles já escolhem a música, hoje eles já perguntam se está de acordo com determinado tema. Hoje eles já estão parando para vê a questão das letras, o que elas significam. “Então é uma forma de através da comunicação educar, e essa educação perpassa por esse momento de reflexão. O primeiro momento é o ouvir, o segundo é de reflexão quando há essa discussão e ela culmina com a produção, que é o resultado daquilo que eles viram, que eles discutiram e que eles foram capazes de criar e propor soluções alternativas. Isso tudo dentro do espaço da sala de aula”. A produção toda do roteiro do programa, de toda a seleção do que vai ser pesquisado, todo o processo acontece dentro do espaço do laboratório de informática e depois a produção que é o programa em si vai ser ouvido por toa a escola, então todas as 16 turmas da escola em cada um dos seus turnos (8 de manhã e 8 à tarde) ouvem o programa, e naquele momento elas param e depois trabalham as temáticas. O programa hoje Sintonia com a Educação ele faz parte da aprendizagem dos alunos na escola Rotary, tanto que está incluindo no Projeto Político Pedagógico da escola e faz parte da aula de todas as turmas

## **AURENICE SANTOS LAMEIRA FERREIRA, ATUA HÁ CINCO ANOS NA ESCOLA ROTARY. – 03 DE DEZEMBRO 2018**

### **Como a senhora vê a utilização de um programa de rádio na escola?**

A gente vê como uma ferramenta a mais na sala de aula. Durante os anos que nós tivemos o rádio pela educação, em parceria com a Rádio Rural, e foi interessantíssimo porque houve uma integração e participação dos alunos. Então, os alunos eram a voz do programa e os outros alunos que não participavam eles inspiravam em fazer parte. Logicamente que os benefícios foram vários, né. A questão de trabalhar a timidez; questão de trabalhar temas relevantes do dia a dia do aluno. Então a professora Sandra, sempre dava o roteiro pra gente um dia antes (sempre na segunda-feira) e com base no roteiro que ela nos dava nós elaborávamos a nossa aula. Eram 10 minutos de programa, mas a gente estendia por mais algum tempo dentro da nossa disciplina o desenvolvimento da atividade, dependendo do tema. Então nós tivemos assim, temas maravilhosos, referente ao trânsito, referente a questão da própria democracia, referente a questão do respeito, a questão da violência, e dentro das nossas possibilidades preparava material para que o aluno pudesse realmente expor a sua opinião, expor realmente o que ele pensa, como ele vê realmente a nossa sociedade, como ele vê a nossa atuação, né, nosso trabalho em sala de aula. Então, o aluno tinha esse espaço. O que era interessante é que no decorrer do desenvolvimento da própria aula, pós programa é que até mesmos os pequenininhos apresentavam resultados fabulosos. Então é uma ferramenta mais que nós temos

### **A senhora conseguiu pontuar alguma coisa que melhorou no desenvolvimento dos seus alunos?**

Olha, uma coisa que foi interessante foi a questão da semana do trânsito. Então a gente saiu um pouco do papel. Então a gente discutiu muito, nós tivemos a participação do professor Levi, que ele também é educador voltado para essa área de trânsito. Então as crianças fizeram entrevistas com ele. Ele deu dicas. Passando dessa teoria os alunos foram para pratica. Fizemos blitz na frente da escola, conseguimos a pintura da faixa de pedestre, e as crianças começaram a colocar em pratica a orientação de levantar a mão para atravessar a rua, ter a certeza de que o

carro vai parar. Então são coisas que a gente trabalha muito na teoria, mas quando vai pra pratica a gente vê que realmente funciona. Foram confeccionadas placas de sinalização e as crianças tem agora realmente conhecimento do que significa. Então o que é bom desse programa é que tem alguns temas que a gente realmente consegue sair da parte teórica para a prática.

**E na sua disciplina o que a senhora consegue perceber?**

Olha, a minha disciplina é especialmente a Língua Portuguesa. Então a gente sabe que a leitura e a produção de texto é um processo a longo prazo. Não é apenas único programa que a gente vai conseguir alavancar um sucesso total na sala de aula, mas a sementinhas que a gente planta. Então, aquele aluno que tem dificuldade de falar o que ele pensa, de explicar o que significa determinadas placas. Através desse programa dentro da minha disciplina devagar a gente consegue tirar algumas informações desses alunos. Alunos tímidos demais, que não gosta de falar, que não gosta de ler, não é questão de ele não saber, mas por ele ser tímido demais, e por conseguinte a questão da leitura fica comprometida (a leitura não sai legal, o tom de voz não sai legal, a pontuação não sai legal) então nos ajuda fazer com que este aluno aos poucos comece a participar de uma maneira mais ativa na sala de aula. Tanto na fala, quanto na escrita. Mas esse é um processo a longo prazo que a gente só vai perceber no final do ano letivo o quanto aquele aluno evoluiu.

**O programa hoje é trabalhado de quinze em quinze dias, mas se fosse possível ampliar, a senhora gostaria de trabalhar com ele, ou atrapalharia?**

Desde que fizesse parte dos conteúdos, porque assim, dependendo da disciplina, dependendo do professor, quinze a vinte minutos que a gente tira é um tempo que a gente deixa de trabalhar o conteúdo. Tá certo que dependendo do tema que a gente trabalha a rádio pela educação dá para cumprir, nem sempre. A gente trabalha com temas transversais e eu vejo os temas transversais como um tema complementar do que você está trabalhando na sala de aula. Eu aceitaria desde que se sentasse e fizesse um planejamento em conjunto, para que o meu trabalho fosse o seguimento

do trabalho do próximo professor e assim sucessivamente. Mas que ele é válido na sala de aula ele é sim, mesmo sendo apenas na segunda-feira.

**PROF. JAIME SILVA COSTA – PROFESSOR DO SEXTO AO NONO ANO DO  
ROTARY**

**A utilização do programa de rádio na sala de aula tem ajudado no desenvolvimento do conteúdo de sua disciplina?**

De certa forma sim, principalmente pelo fato dos temas transversais. Como o programa ele tem a temática de educação fiscal, então ele tem trabalhando diversos temas que são trabalhados como temas transversais de acordo com os PCNs com drogas, gravidez na adolescência, então esses assuntos quanto a gente passa para o ensino da matemática a gente trabalha estatística, dados que foram coletados, dados e tabelas, percentuais, então esse conteúdo que é trabalhado dentro da rádio ele veio justamente para ajudar, pra facilitar, pra dar um enfoque das disciplinas de matemática que são trabalhadas de uma maneira um pouco descontextualizadas. Então a gente trabalha a parte teórica, mas o programa de rádio vem para casar a parte prática. Então onde é que vão utilizar a porcentagem dentro da gravidez na adolescência, das drogas, dentro dos tributos. Porque que devemos pagar os tributos, qual é o percentual de arrecadação dentro dos produtos que é repassado para o governo e o que que é repassado em de melhoria, termos de serviços dentro da saúde, dentro da educação.

**O senhor consegue perceber se os alunos conseguem abstrair esses conteúdos e colocar em prática?**

Isso é bem mais fácil para eles compreender o assunto quanto está contextualizado, do que quando a gente trabalha com o processo inicial. Então a gente trabalha a parte teórica, explica como funciona o cálculo tudo. De uma maneira mais prática quando tem esses assuntos dentro do programa Sintonia da Educação, eles conseguem perceber melhor onde é aplicado. Então de uma maneira mais rápida a receptividade

do assunto fica muito mais explicita pra eles do que quando a gente passa um assunto descontextualizados.

**Tem como perceber se os alunos se desenvolveram, intelectualmente, melhoraram as notas, conseguiram ter um diálogo melhor em sala de aula?**

Sim, inclusive muitos deles participavam. Então não era um trabalho feito pelos professores o desenvolvimento do roteiro do programa. eles faziam a própria pesquisa e repassavam para os colegas. Como tinha a parceria com a Rádio Rural, então eles gravavam nos estúdios e aí passavam o programa e a gente aplicava as temáticas. Eles sabem fazer, eles têm o conhecimento, a escola só vem para formalizar. Isso ele vê na televisão, leem em uma revista, e quando vem para formalização do assunto. eles pensam que é coisa do outro mundo, e com o programa fica tudo mais explícito facilitando ainda mais o aprendizado.

**Se o programa fosse mais de uma vez na semana?**

Como a gente trabalha com hora atividade, nem sempre o professor que vai está no horário é o de português ou de matemática, às vezes é um outro professor que só tem uma aula na semana, então pra ele é um pouco prejudicial. Por mais que ele tente adequar o trabalho dele dentro do assunto, mas tem coisas que são outras situações, como por exemplo, ensino religioso. Dá pra trabalhar sim, mas nem sempre consegue trabalhar os assuntos para a temática do programa. então, é uma vez por semana é suficiente sim. Nem sempre é possível. A gente tem o material, mas não tem estúdio pra fazer fica mais difícil. A gente ia tentar a experiencia de fazer ao vivo, mas fica um pouco mais demorado, porque demanda um pouco mais de preparação, tem o nervosismo das crianças. Quando é gravado não, errou dá pra voltar. Dá pra refazer, e muitas vezes depende tudo das parcerias.

**Teve alguma formação específica para trabalhar com o programa de rádio?**

Sim, inclusive na própria Rádio Rural que tinha aquele programa de rádio para as escolas. E com o advento da educação fiscal isso facilitou muito. E com os profissionais mesmo do rádio pela educação.

**PROF. JUCÉLIA MARIA PEREIRA REGO – DA EDUCAÇÃO INFANTIL HÁ 8 ANOS.****Como a senhora tem percebido a utilização do programa de rádio com a turma da educação infantil?**

A rádio é sempre um diferencial, porque foge da rotina da criança, e só aí já chama a atenção da criança, fazer algo diferente do que ela está acostumada. No início, sempre como todo trabalho novo, sempre tem uma dificuldade de fazer a criança para ouvir, mas como a gente tem recebido todo um roteiro com antecedência, então a gente faz um trabalho de preparação, então hoje em dia, eles já são acostumados, já sabem o dia que vai acontecer o programa, sabem que vão ouvir e logo depois vão fazer uma atividade. Então já ficam mais atentos, habituados. Antes eles não paravam pra ouvir, não ficavam quietos, e depois que foram preparados para aquele momento eles começaram a dar importância, e principalmente quando dentro do programa inserido o espaço da criança (espaço que era deles). Foi uma sugestão até da educação infantil de inclui-los, não só como ouvintes, mas também como locutores. Então isso, tornou mais interessante pra eles.

**Então eles gostam mais de estar inseridos no processo e não apenas está ouvindo?**

Com certeza, porque toda atividade com criança ela não pode durar muito tempo. Então o programa tem uma duração curta o suficiente para prender a atenção deles. Então, logo que o programa termina a gente já vai com uma atividade prática, então é tudo cronometrado, organizado, porque se não for assim organizado previamente não vai surtir efeito. Então por isso que o programa tem dado certo na escola. Não é uma coisa cansativa, demorada, que se estende demais. O tema é único para toda a escola, mas o professor tem a oportunidade de preparar de acordo com a sua faixa etária, porque há turmas que as crianças já escrevem e leem com mais fluência. Então o interessante é isso, a gente pode se preparar.

**São crianças muito pequenas, mas a senhora consegue perceber alguma evolução a partir da utilização do programa de rádio.?**

Com certeza, porque a gente trabalha muito a oralidade da criança e a gente não pode subestimar o conhecimento que a criança tem, a gente imagina que são temas complexos, mas a partir da realidade deles, do que eles vivenciam na casa deles, eles expõem situações que a gente nem imagina que eles vivenciam no cotidiano deles e eles trazem expõem aquelas situações e acabam compartilhando com crianças e assim expressando essas ideias. Evoluem sim, porque eles perdem aquele medo de falar e ao mesmo tempo que eles expressam essas ideias eles colocam em prática a questão da cidadania, a questão da denúncia, que as vezes surge ideias, situações que são preocupantes, que chegam até nós, e que as vezes a criança não tem noção de que aquilo ali ela está envolvida em um crime, situação de descaso, e ela se percebe dentro da situação a partir de histórias, a partir de como o programa trabalha aquele tema ela se percebe dentro daquela situação, ela tem coragem de expor, mas dentro da ingenuidade dela, e o professor se tiver atento ele vai perceber e poder ajudar.

**Quanto a aumentar o tempo de veiculação?**

Eu acredito que para o fundamental um seria possível, mas no fundamental dois não seria viável por conta do tempo corrido. Mas acredito que da forma como tem acontecido tem sido suficiente.

**Professora a senhora recebeu alguma preparação para trabalhar com o rádio na sala de aula?**

Não, porque não houve uma preparação específica de rádio, porque nós tínhamos que trabalhar pratica de sala de aula, a partir de uma temática. A gente recebe o roteiro do programa com a temática exatamente como a gente vai ouvir.se não tiver o roteiro fica complicado, porque aconteceu de muitas vezes recebermos na previa, muito em cima.

**LOCUTORA– NONO ANO DA ESCOLA ROTARY – está desde o inicio no projeto.**

**O que o projeto de rádio te ajudou como estudante aqui na escola?**



Acho que foi muito no ponto de fiscalização, porque nós estamos aprendendo a educação fiscal, sobre o passado, meio ambiente. Então eu comecei a pesquisar mais, até para minhas redações melhoraram muito com minhas pesquisas que eu fazia para o roteiro.

### **Como é produzido o programa?**

Eram duas semanas para preparar o roteiro. Pesquisava na internet algumas coisas, depois era pergunta em campo mesmo. Íamos atrás de pessoas que viveram, por exemplo, no bosque Vera Paz que era praia. Aí montava o roteiro com introdução, conclusão e depois passava para o grupo de locutores. A equipe era dividida entre roteiristas e locutores, mas às vezes tinha mudança. E depois íamos para Rádio gravar, mas depois foi apertando e passamos a fazer ao vivo.

### **E tu gostavas de participar?**

Eu gostava bastante. Porque o conhecimento era bastante para gente. E depois começamos produzir radionovelas também e foi a escola toda. Foi muito legal!

### **E o programa de ajudou em que?**

Ajudou bastante, principalmente em redação.

## **GRUPO DE CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**Criança1:** eu acho que o programa é muito bom. Ele ensina a gente a preservar. A prestar mais atenção nas coisas e a saber o que é ruim e o que é bom. Na sala de aula a professora fazia algumas tarefas com a gente e fazíamos uma colaboração no projeto. Nas atividades falávamos sobre malefícios e benéficos de coisas. Em 2017 agente escrevia, fazia atividade, sobre computador, celular, o tablet. Porque não é o dispositivo, mas sim o vício. A pessoa fica viciada e não quer mais largar o negócio. Ai, os pais tem que tomar alguma atitude, tomando o celular e colocando ela para fazer outra coisa. Eu sinto muito orgulho dos meninos que falam no programa, pois tem coragem, falam rápido.

**Criança 2:** o programa sintonia na educação é um programa pras crianças ou adultos aprenderem coisas que a gente não sabia. Eu aprendi muita coisa. Aprendi a ouvir mais, a fazer meus deveres, a prestar mais atenção. Não sou mais tímida. de vez enquanto eu faço leitura na igreja. Eu acho que os que falam tem muita coragem e responsabilidade.

**Criança 3:** É um meio de comunicação da escola, que além de passar para escola pode passar para outras pessoas, por isso que se chama Sintonia na Educação, justamente que não é só para ficar na escola aquela educação, mas passar adiante. Eu aprendi mais educação, a se interessar mais pelas coisas, a ler e a fazer todas as atividades e nunca deixar em branco. A professora falava sobre os assuntos do programa. um dia ela falou sobre o uso do celular, sobre o que devemos ou não fazer com ele, pois é importante ter a educação dos pais para saber a hora exata da criança ter um celular. eles (apresentadores) não estão em uma faculdade, mas estão dando exemplo do que eles podem. Pode ser difícil no começo, mas eles conseguem.

**Criança 4.** O programa é muito legal. É muito educativo. Ele ensina bastante coisa pra gente, e também mostrou coisas que a gente nem sabia. eu acho muito bacana e legal, porque tudo o que eles aprendem, eles ensinam pra gente. E a gente vê eles como exemplos pra gente.

#### **PROFESSORA SANDRA MÔNICA OLIVEIRA DE SOUSA - COORDENADORA DO PROJETO – JUNHO DE 2019**

Nesse ano (2019) a gente vai começar uma nova equipe, então vai ser um processo de base para formar. Quem já está aqui já sabe que já existe. A ideia é que a gente consiga pelo menos produzir uns dois com essa equipe nova. A equipe a gente já tem, agora é fazer as oficinas e tentar elaborar pelo menos dois. Porque assim, a ideia é fazer tudo aqui, até eles fazem a edição, apesar de não contarmos com um equipamento bom para fazer isso, mas dentro das possibilidades. Então hoje é mais de reestrutura, porque a nossa equipe de 2005 todos já foram embora. A perspectiva agora é que a gente não tem uma parceria fora para fazer a gravação, então a gente

pretende fazer ao vivo, se a gente tentar gravar algum, mas fazendo com que eles participem agora desse processo de edição, porque antes não tinha. Eles faziam a parte de pesquisa, elaboração e paravam na parte da gravação, agora a gente vai tentar fazer com que também eles sejam responsáveis por isso, consigam perceber como é esse processo, consigam fazer dentro das limitações que tem hoje.

### **Além da falta de equipamento, quais outras dificuldades enfrentam para desenvolver o projeto?**

Na verdade, hoje o maior problema é de recursos financeiros. A gente não tem um local apropriado. Por exemplo, no dia que a gente gravou aqui, tava gravando (tem uma sala de aula em cima), arrastava a cadeira, parava, então não temos esse local apropriado. Então no dia que a gente fez, a diretora trouxe todo o material, porque a gente não dispõe, computador com uma boa memória. Hoje o que a gente tem é o material que tem nas salas. A veiculação, isso a gente tem. A gente tem um sonho de um espaço pra montar. Porque a gente quer gravar também para disponibilizar, porque você sabe, fez ao vivo fica registrado só o que tá no papel, você não tem um áudio, então a gente pretende como fez anteriormente. Porque a ideia do programa: do projeto é de não ser só pra gente, mas o material de a gente tem outra escola poder utilizar a partir de sua realidade.

### **Essa nova equipe é formada por quantos alunos?**

Nós estamos com outra dificuldade, porque de manhã a professora que fazia o trabalho com a gente não está mais. Então hoje, eles (secretaria) lotaram alguém no laboratório que é técnico, não é professor. Então, assim, a gente vai montar uma equipe de tarde com oito alunos para poder começar o trabalho. Então houve essa regressão assim, porque voltou como era no primeiro ano só a tarde. Porque precisa ter alguém para fazer essa coordenação, porque embora a gente queira que eles sejam os protagonistas, mas precisa de alguém que vai conduzindo de alguma maneira. Então a gente já está trabalhando na perspectiva da educomunicação, mas a gente vai corrigir agora o que estava em deficiência, por exemplo o tema eram os professores que escolhiam, agora a não eles é que vão fazer, o que ele quer

pesquisar, porque eu via que tinham temas que eles faziam com mais vontade, aqueles que eram mais interessante para eles.

### **Como pretendem trabalhar o segundo semestre deste ano (2019)?**

A ideia é em agosto começar as oficinas e em setembro já começarem os programas. Para pelo menos produzir dois programas. E nas oficinas a gente vai perceber em que eles se identificam mais se é na produção, locução, mas a gente quer que eles passem por todos os percursos.

### **O que mudou no seu trabalho com o envolvimento em um projeto que utiliza o rádio?**

Como eu fico sem ser na sala de aula, então eu vi a parte da rádio uma grande oportunidade de fazer uma educação que a gente acredita, que é fazer com que o aluno ele seja o protagonista, fazer com que ele faça aquela análise crítica mesmo, que ele se perceba alguém que pode produzir. Então dentro do programa de rádio eu consegui ver o quanto isso é viável, porque o que eu pretendia fazer dentro de outros projetos por exemplo, eu consigo fazer através desse projeto maior. E que a gente consegue envolver a escola como um todo, a gente consegue envolver tem interdisciplinares. Então a partir de um tema gerador a gente consegue fazer com que os nossos alunos pensem, analisem produzam, que eles escrevam bem, que eles leiam bem, e dentro da educomunicação a gente consegue que eles façam isso. Quem olha de fora pode até dizer que é uma perda de tempo, uma hora e meia para fazer um programinha de 5 min, mas o resultado é que é uma produção deles.

E hoje um dos grandes desafios da educação é a gente querer ensinar o aluno que às vezes não quer aprender. E tu tem que motivar eles, e a partir do que eles querem. E hoje quando a gente pensa em rádio, pode se dizer que é uma tecnologia ultrapassada e não é. Porque nós vivemos hoje, alunos, diferente da gente, em que as novas tecnologias fazem parte da vida deles. Mas mesmo assim, como muitos que não tem acesso em casa. E criar podcast para colocar nas plataformas e disponibilizar para outras escolas.

## **FRANCIMAR FARIAS – diretora da escola**

### **Como surgiu a ideia de implantar o Sintonia da Educação na Escola?**

Bom, a ideia surgiu a partir do que já existia na escola – o Projeto Rádio Pela Educação – que era transmitido a partir da Rádio Rural. Depois surgiu a ideia da própria escola criar os seus programas de Rádio, com os temas que eram interessantes para os adolescentes e para as crianças já que a escola atende de 1º ao nono ano. Em 2014 a proposta foi lançada e em 2015 o laboratório de informática atendeu o chamado da direção para começar o projeto. Aí começou com as oficinas para as crianças terem acesso ao rádio, como funciona um programa de rádio, como se elabora um programa de rádio, trabalharam a questão da locução com essas crianças e a partir da preparação das equipes é que a escola começou a produzir os primeiros programas. A escola concorreu a prêmios, ganhou prêmios com o programa Sintonia da Educação, que foi o nome dado ao projeto. Fizemos concurso de logomarca com os alunos, sempre dentro da proposta de educação fiscal do município. Então as temáticas de educação fiscal, bullying, combate ao preconceito, e outros. O programa sempre teve a parceria da Rádio Rural até suas últimas veiculações. Qual era a parceria: as crianças produziam os programas, as crianças que faziam a locução iam para a Rádio Rural, nós gravávamos e utilizavam o estúdio, depois o profissional da Rádio, que era seu Zé Maria Gama, faziam a edição e encaminhava para a escola. Eram programas curtos e as professoras recebiam antecipadamente as propostas pedagógicas que elas poderiam desenvolver dentro da sala de aula a partir da escuta. Então no dia que o programa ia ao ar toda a escola parava para ouvir no sistema de rádio interno, tanto de manhã, quanto a tarde, e após as professoras começavam a trabalhar pedagogicamente aquela temática, e os alunos tinham como tarefa que produzir algo a partir do que entenderam, que eram desenhos, paródias, jornais, e outros.

### **O projeto é parte do PP da Escola?**

Faz! É um dos projetos que fazem parte do PP da nossa escola, apesar que nestes anos de 2018 e 2019 a gente não desenvolveu projeto da maneira como antes como vinha sendo desenvolvido. Nós temos alguns programas para veiculação que já estão

prontos, que são as radionovelas que foi um projeto executado em 2018 pelos nossos alunos, e por questões internas mesmo da escola nós não pudemos veicular, mas ainda temos condições de veicular. A partir disso a gente vai melhorar o nosso projeto político pedagógico a partir do ano que vem (2020), porque o nosso PPP encerra neste ano. O projeto de rádio vai continuar dentro da programação da escola já com uma nova roupagem. Nós temos outras ideias para continuar o programa de rádio, com novas equipes, novos cursos para esses alunos que tem interesse pelo rádio e a partir disso manter o projeto até a escola achar que é interessante manter esse projeto na escola.

**Você percebeu alguma mudança de antes quando eles apenas ouviam o programa, para depois que passaram a produzir?**

Como eles escolhiam a temática, a partir da seleção dos temas propostos pelo corpo docente da escola, e faziam a produção dos programas, eles eram os primeiros a obter conhecimento. e como eles usavam uma linguagem bem do jeito do jovem, os ouvintes (alunos e professores) tinham facilidade em compreender cada temática proposta.

**Então, pode-se considerar que houve uma evolução?**

Houve, com certeza! Digamos que a gente conseguiu atingir os objetivos propostos pelo projeto que era esse “fazer com que os alunos compreendessem determinadas temáticas e colocassem em prática aquilo que eles estavam ouvindo através do rádio.

**A proposta agora é fazer uma nova roupagem. Já tem algumas ideias iniciais?**

Primeiro a gente quer fazer a seleção desses alunos porque tem muito aluno interessado. Aluno de 5º ano, 6º ano. Então pra gente é muito mais interessante trabalhar com esses alunos das séries iniciais do fundamental II porque eles teriam mais tempo dentro da escola. Como a gente também trabalha a questão da produção textual com eles a disciplina de Português era muito beneficiada quando o programa estava sendo veiculado, porque eles precisam ler, eles precisam pesquisar, eles precisam escrever corretamente. Então a gente quer resgatar o programa, levar mais para esse lado da Língua Portuguesa, porque os “meninos” estão mais difíceis pra

leitura estão mais interessados pra parte tecnológica, jogos e eles leem menos. Com o programa eles são primeiro levados a leitura e a pesquisa, e segundo aprender a fazer um programa alegre, divertido que chame atenção de colegas da idade deles não é muito fácil, mas eles vão conseguir fazer. E todos saem ganhando.

## **ESCOLA MADRE IMACULADA**

**PROFESSORA JOELMA PORTUGAL FREITAS – PROFESSORA DE LÍNGUA PORTUGUESA I E II DA ESCOLA MADRE IMACULADA. TRABALHA HÁ 14.**

### **Como surgiu na escola a proposta de se trabalhar um projeto de rádio?**

Há muitos anos, eu trabalho no município há 21 anos, e desde que comecei a trabalhar sempre tive aquela preocupação de colocar práticas de Língua Portuguesa que envolvessem coisas que os alunos gostassem, e que tivessem aquela dinâmica, uma dinâmica que permitisse que eles interagissem com outros colegas, e que eles pudessem desenvolver ainda mais a oralidade e não só a escrita. Então no município eu comecei a trabalhar isso com meus alunos do ensino fundamental II, e quando eu vim trabalhar no Estado eu tive a oportunidade de identificar que os alunos também se identificavam com essas propostas, que eles conseguiam interagir muito bem com isso. Eu comecei a fazer trabalhos pontuais em sala de aula, que envolviam equipes que faziam programas de rádio para serem apresentados para turma. E há três anos atrás, eu comecei a pensar a fazer isso mas voltado para escola, no turno da manhã com as turmas do terceiro ano para que eles apresentassem programas de rádio, na hora do intervalo na escola, que não seria só a questão de música, mas que eles tratassem de alguma temática que apresentassem para os colegas. A princípio eles queriam fazer ao vivo no refeitório, e eu disse a eles que poderia, mas que envolvia questão de materiais que talvez nós não tivéssemos acesso, como caixas de som ponte, a questão de você ter um microfone de qualidade, de saberem utilizar de maneira que não permitisse a microfonia, que talvez na hora eles talvez esquecessem alguma coisa já que a gente não tinha feito oficina suficientes com ensaios da questão de voz do programa, então depois que a gente discutiu muito na sala de aula, e por conta do nervosismo deles, eles decidiram fazer gravado e levar para apresentar na

hora do intervalo lá no pátio pra toda escola e eles fizeram. Foi o trabalho de encerramento da disciplina deles e durante uma semana no mês de dezembro. no final dessa atividade, o professor Sebastião disse que havia gostado muito do trabalho, mas gostaria de expandir para todos os turnos e eu disse a ele que nunca tinha pensado em fazer isso, porque eu só trabalho de manhã, então pra mim seria inviável já que a tarde eu estou em outra rede de ensino, e não poderia ficar acompanhando esses “meninos” nesse horário. E ele disse, que exatamente por trabalhar a tarde e à noite seria perfeito, ele só trabalha duas manhãs. E eu disse a ele, que então seria interessante então montar um projeto que fosse bem mais extensivo, e que contaria com uma programação maior e que nós teríamos que verificar em ter um espaço próprio e que a gente precisaria de mais um apoio (professor) que desse suporte pro projeto, então nós convidamos o professor Alenilson que é o professor de história para contribuir conosco e ele aceitou. Nós fizemos então uma primeira reunião só com os professores, e como eu havia montado um projeto anos atrás, depois reelaborei esse projeto, que era um projeto para mestrado na Ufopa, e acabei trazendo esse projeto pra cá, e a gente adaptou de acordo com os interesses de cada professor. Depois que fizemos isso, criamos os critério de seleção dos alunos e depois conversamos com a direção, levamos o projeto já impresso para que a direção pudesse fazer a apreciação, e quando eles aprovaram nós fizemos uma primeira investigação entre os alunos para saber se havia interesse da parte deles de trabalhar com esse projeto, e como a aceitação foi muito grande nós começamos a chamar os estudantes para que trabalhassem com a gente. Quando nós recebemos o aval da direção uma das coisas que fizemos questão de solicitar é que fosse aberto um espaço físico onde pudesse ser montado o estúdio, e eles ofereceram a sala que era do PROEMIR. E começou-se a pensar como nós faríamos para montar o nosso estúdio, e o professor Sebastiao veio com uma proposta de nós fazermos uma junção nossa com a Universidade, e eu e professor Alenilson concordamos e ele entrou em contato com a Unama, que se prontificou em ceder um docente para fazer a formação com os alunos, foi quando deu-se início as oficinas, e foram várias, sobre vocalização, sobre a história da rádio, sobre preparar a pauta do programa e de acordo com que foi fazendo, ao mesmo tempo nós começamos a fazer as promoções para angariar verba, já que a escola há 4 anos não recebe recurso



financeiro do governo, para poder montar a sala, e mais colabores que pudesse fazer o trabalho abaixo do mercado e aos poucos fomos vendo o nosso sonho se tornar realidade.

Não foi fácil, porque além de nós termos de ministrar nossas aulas, muitas vezes nós tivemos que sair correndo da sala pra contactar com os “meninos” porque já ia haver uma oficina no outro dia e a gente precisava que eles estivessem presente, e em outros momentos a gente precisava fazer reuniões para verificar a questão das promoções. Foi um ano inteiro só de preparação para que a rádio pudesse começar a funcionar, e ao final do ano foi feita a inauguração da sala e neste ano (2019) nós demos início a programação. No turno da manhã nós temos o Erlon Vinicius, juntamente com o Eliton que é responsável em organizar as escalas (equipes) e as temáticas a serem trabalhadas no programa. e quando nós colocamos os dois como responsáveis eu disse a eles que estou como suporte, eu sou o apoio, mas não sou eu que vou organizar e não sou eu que vou dizer, olha vocês tem que apresentar isso, vocês não podem apresentar aquilo, eles tem de ter discernimento suficiente para saber o que eles querem colocar na rádio. Claro que sempre eles vêm, eles conversam, a gente debate, as vezes até discute, já aconteceu de eu brigar muito com eles, até por conta da maneira que eles apresentam. Que já aconteceu de virem apresentar se sentindo um pouco mal, e apresentam sem ânimo, sem vontade, o que não pode acontecer. E tem outros alunos que entraram, já tivemos novas formações para os novatos, queremos fazer outras, mas agora com esses alunos que fizeram oficina para que eles possam repassar para os novatos aquilo que eles já aprenderam

*Então antes de qualquer coisa, esse nosso projeto visa que esses nossos estudantes possam ser sujeitos do seu aprendizado, que eles possam entender que são eles que são os protagonistas de tudo o que acontece na vida deles, que eles devem nortear pra onde eles querem ir, quais são os caminhos. Essa ideia de que eles têm oportunidade de comandar de fato a vida deles, que não é aí um caminho que está nublado, mas que eles podem fazer acontecer. E a gente vê que essa autonomia, essa capacidade de decisão vem acontecendo entre eles cada vez mais, inclusive na sala de aula a gente percebe essas lideranças por parte deles, essa facilidade de expressão, inclusive João Feitosa, os meninos sempre dizem, professora o João já se*

desenvolveu tanto que ele já fala demais. Mas é apaixonante a gente vê esse desenvolvimento que vai acontecendo com os nossos alunos.

**Professora, a senhora menciona que já percebe alguma evolução dos alunos envolvidos do projeto, e os que ouvem os programas?**

Olha, a princípio nós percebemos que eles não tinham esse hábito de parar e ouvir, foi bem difícil, a primeira semana a gente sentiu, porque eles queriam falar ao mesmo tempo que estavam ouvindo a programação. Neste sentido foi bem difícil, depois começamos a ter um controle maior sobre a turma, pedindo para eles ouvirem e ao final pedíamos para eles estabelecerem relação entre o que tinha sido discutido na rádio e o que eles conheciam, permitindo que dentro da sala de aula eles pudessem comentar a programação. E em muitas turmas melhorou sensivelmente, porque eles começaram a perceber que para eles comentassem depois era preciso ouvir e prestar atenção. E alguns programas foram tão bons que prendiam mesmo a atenção dos alunos. Mas só que nós tivemos outros problemas, por incrível que pareça, nós tivemos problemas com professores. Alguns colegas se sentiram incomodados, alguns colegas começaram a dizer que a gente atrapalhava, alguns colegas começaram a dizer que a equipe ficava nervosa na apresentação do programa. não utilizavam o programa em sala de aula para ensinar alguma coisa. E até hoje, nós temos pelo menos dois professores que batem de frente com o projeto. Professores que no início até apoiavam, mas que depois começaram a incentivar as turmas não aceitassem o projeto, passavam para as turmas que eles não gostavam e que programas de rádio na escola é chato. Então eu tinha que entrar depois desses colegas e desconstruir essa ideia, e reconstruir uma nova, e sem que fosse antiético. E a gente vem se controlando.

**E a direção?**

A direção nos deu liberdade pra fazer, nos deu condições para trabalhar, mas faltou entender que o projeto é da escola, por isso é necessário trabalhar junto. Então enquanto a escola não entender que esse é um projeto dela, e que é preciso que todos apoiem, que todos abracem, todos compreendam como ele funciona e todos façam acontecer, infelizmente vai ficar sempre aquilo que ele fica quase como uma

marginal dentro das atividades da escola. Nós temos tido um trabalho muito grande tentar transformar isso em algo que gera aprendizado de fato.

## **ELITON REIS 17 ANOS – ALUNO DO 2º ANO DO ENSINO MÉDIO – ESCOLA MADRE IMACULADA**

### **Que mudança tu sentiste no teu aprendizado depois do programa?**

Olha o meu desenvolvimento assim melhorou muito. Por conta que ano passado eu chegando aqui no Madre eu era uma pessoa muito tímida, eu era aquele tipo de pessoa que falava com pouquíssimas pessoas, e por conta disso quando a professora Joelma me fez o convite para entrar no projeto eu fiquei muito pensativo. Será que eu vou conseguir realmente falar pra escola toda? Sempre me falavam que eu tinha uma voz boa, que eu tinha um jeito de locutor, mas eu nunca coloquei isso em prática. Aí eu aceitei, mas disse uma oficina eu desisto, aí passou a primeira, e disse na segunda eu desisto, aí passei a segunda e na terceira eu já estava apaixonado pelo projeto, eu já queria realmente participar. Com ele eu conheci pessoas novas, com essas pessoas e com essas, outras pessoas novas e eu me tornei uma pessoa que chega na escola falando com todo mundo. e isso melhorou muito o meu desenvolvimento de querer falar, de perder o medo de falar, eu aprendi fazer roteiro, eu falo para escola toda ouvir, os alunos me reconhecem, falam ah, eu te ouvi na rádio. Me sinto até um pouco famoso, entre aspas. E eu agradeço muito por isso.

Eu quero avançar nisso. Eu penso em fazer jornalismo. Quando eu cheguei aqui eu queria fazer psicologia, mas falar é o que eu quero, porque é o que eu gosto, é o que quero. E por conta disso eu continuo me envolvendo no projeto e quero continuar nisso até encerrar os estudos. Realmente eu me interesso muito pelo projeto e quero levar ele pra vida como aprendizado. Até estava brincando de que já posso estagiar em algum jornal e dizer que a referência é a escola Madre Imaculada.

Eu quero continuar falando, continuar fazendo roteiro, e levar para outros alunos o que eu posso, o que eu pesquiso, conseguir informar eles de uma forma que entendam, de uma forma divertida de jovem para jovem.

### **Como tu te sentes líder de outros jovens?**

Olha pra falar a verdade, no começo foi meio complicado, porque adolescente é um bicho difícil. Eu sou um adolescente, que se irrita com a atitude de outros adolescentes. Mas quando eu topei ser um dos coordenadores, comandar algumas pessoas, ajudar, questionar, eu realmente fiquei muito pensativo, como é que eu vou fazer isso? Ano passado eu fui presidente de classe e isso me ajudou muito a coordenar a rádio, porque lá eu tinha uma convivência com eles, e o que eu aplicava lá, tentar aplicar na rádio também, que foi ser uma pessoa muito simpática. Em casa meus pais nunca gritaram comigo, nunca levantaram a voz foi sempre na base do diálogo e eu aprendi muito com isso. Se eu consigo respeitar eles dessa forma talvez eu tendo a mesma liderança, os alunos talvez possam me respeitar ou até mesmo me escutar e foi isso que eu fiz. Eu sempre fui a pessoa de chegar “olha você me ajudar nisso”, nunca fui chegando dando ordem. Porque quando eu peço eles me atendem, me ajudam. No começo eu chegava e jogava muito pra costa do Erlon. Erlon, fala pra aquele pessoal ali que eles têm de fazer aquilo, isso... e o Erlon me questionava porque tu não vais lá e falar, e eu dizia “não sei, não vão me escutar”. E depois de um tempo eu chegava, passava mensagem, às vezes quando as pessoas não podiam fazer o roteiro, eu mesmo fazia, querendo sempre ajudar. E com isso eu fui tendo uma liderança maior. Hoje eu consigo um desenvolvimento melhor com eles. E isso aconteceu de uma forma que nem eu mesmo esperava de uma pessoa que falava com duas ou três pessoas na sala conseguir comandar três alunos de cada turma e são várias turmas. E eu questionava como eu consegui isso? Porque eu nunca me senti um líder.

### **JOÃO VICTOR FEITOSA – 17 ANOS. ENSINO DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO**

De primeira logicamente eu aceitei, porque a professora Joelma sempre foi u parceira comigo, não só comigo, mas com a minha turma, e foi uma forma de retribuir tudo o que ela ensinou pra gente, tudo o que a gente aprendeu. É uma de ajudar a escola, de ajudar os alunos e de me ajudar também. Como eu era muito tímido antes de entrar nesse projeto eu não falava muito. Acho que todo o mundo quando chega na escola se fecha nesse mundo isolado da gente e não consegue mostrar o que a gente é de verdade. Quando eu comecei a participar, o projeto me abriu um leque de

conhecimento, de como eu vou falar, de como eu vou me comportar, como eu vou interagir com as pessoas, e acho que isso foi muito importante pra mim. Esse projeto só foi uma alavanca para eu produzir aquilo que eu sei. Eu sempre me sai bem nos textos, mas quando a professora me chamou eu fiquei com receio. Será que eu vou conseguir produzir aquilo que ela quer? No início eu queria sair, mas ficava pensando em como eu iria falar isso pra professora, eu iria decepcionar ela. Aí eu disse, eu vou ficar até onde eu aguentar. Aí eu comecei fazer os cursos preparatórios e aí eu comecei dizer “Eu consigo”, e seu eu consigo eu vou produzir textos incríveis, vou produzir outras coisas, consegui falar mais com as pessoas e desenvolver a questão da oralidade. Foi muito importante para mim e para a “galera” da minha sala. E a partir disso daí, eu comecei a me desenvolver mais tanto no projeto, quando com as pessoas também.

**Você citou muitos benefícios, mas durante esse percurso, quais são as dificuldades enfrentadas?**

Sempre teve dificuldade desde o início, mas com esse ano que foi o ápice, a gente via algumas pessoas que estavam na rádio por conta do pedido dos professores, mas a gente não conseguia ver o desempenho deles. E aí a gente pedia para fazer textos, mas sempre sobrava para aqueles que eram as cabeças. E a gente sempre dizia, se a gente consegue eles conseguem também. Mas eles já chegavam com essa ideia, não eu não consigo falar. Eu não consigo produzir o texto jornalístico e etc. eu sempre digo, se eu tive dificuldade e hoje consigo, vocês também conseguem. E a gente sempre ficava com um monte de trabalho pra fazer. Mas a gente conseguiu atravessar esse obstáculo, porque a gente sempre buscava uma solução. Como eu já estou no terceiro ano, e é meu último ano no colégio, eu tenho de desenvolver o diálogo, porque vou precisar disso na universidade. E hoje todo mundo me respeita na minha sala, eu também respeito, tem um certo limite, e é importante isso. No início do ano, eu tava fazendo redação e as pessoas sabiam que eu sabia, e eu comecei a ensinar. E eu sempre dizia pra eles, eu não estou aqui me achando, nem nada, eu estou procurando ensinar aquilo que eu sei. Não é uma área que eu quero (rádio), mas é uma área que a gente pode usar pra outras coisas e outras áreas do conhecimento.

## **ERLON VINICIUS – ALUNO DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO**

Assim, a princípio quando eu fui convidado a fazer parte do projeto, eu ainda não era aluno da professora Joelma. Eu estudava no turno vespertino e meu tratado era com o professor Sebastião. E aí, ele sabe do amor que tenho pela escola, e que sempre incentivei, participei dos projetos que a escola desempenha, e aí quando eu soube do projeto, já tinha em mente que o professor Sebastiao iria me chamar para fazer parte. E aí quando ele me chamou, como eu já sabia um pouquinho como funcionava o projeto, eu disse professor eu não quero essa parte de ficar falando para escola toda ouvir, e ai ele disse: Como eu sei que tu tens liderança tu vais trabalhar para coordenar os alunos. Aí neste ano, eu passei pra manhã e a professora Joelma escolheu eu e o Eliton para coordenar a equipe da manhã. Faço parte do conselho da escola, represento os alunos no conselho, mas questão de falar, eu nunca fui muito de falar e de escrever também não. Eu creio que depois que eu entrei pro projeto melhorou tudo em mim, a questão de falar, de escrever. A professora Joelma no início do ano a professora Joelma me corrigia muito. E com o passar do tempo eu vi os alunos apresentando, e eu disse, ei porque eles apresentam e eu não, também quero apresentar. E isso acabou com a minha timidez. Eu creio que esse projeto é fantástico, maravilhoso, que desperta o interesse, inclusive pelo jornalismo, porque nós temos inclusive alunos que eram do projeto que estão cursando jornalismo. Eu fico muito feliz por isso, eu inclusive também pretendo ingressar nesta área. Mudou também como compromisso. A minha vida mudou completamente com a chegada desse projeto na escola.

### **Como tu te sentes líder de outros jovens?**

É assim, eu sempre executei essa liderança desde o sexto ano, eu era escolhido para ser representante de turma. Em 2017 houve eleição e eu fui escolhido para ser representante dos alunos no conselho da escola, mas eu não tinha muito contato com a turma da manhã, já que eu estudava à tarde. Sempre houve uma relação de respeito. Eu como líder sempre ouço eles, às vezes deixo eles à vontade para fazer o que eles quiserem, mas sempre dentro do limite, porque é como se fosse uma

hierarquia. Eu sou líder deles, mas eu também tenho uma liderança, que é a coordenação pedagógica, a direção da escola e os responsáveis pelo projeto.

## **PROF. SEBASTIÃO SOUZA DA COSTA – 11 ANOS DE DOCÊNCIA EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA E REDAÇÃO.**

### **Prof. Como foi o início do projeto de Rádio?**

Essa proposta ela nasceu do nosso trabalho aqui na escola de Língua Portuguesa, mas ela partiu da iniciativa da professora Joelma Portugal da disciplina de Língua Portuguesa, que ela começou a desenvolver um trabalho com os nossos alunos do ensino médio a produção de um jornal. Então esses alunos fizeram uma atividade e apresentaram na área da escola. Então depois que eu vi essa atividade eu a convidei para que nós pudéssemos juntos desenvolver um projeto maior que seria na rádio na escola e ela aceitou o desafio e assim surgiu a ideia. Nós chamamos mais um professor, professor de história, prof. Alenilson e desde então essa equipe começou a reunir, a planejar, pensar o projeto e dessa forma nós articulamos e depois do projeto escrito passamos para a direção da escola, e depois que a direção aprovou nós começamos a trabalhar para conseguirmos colocar a rádio em funcionamento.

### **Professor, mesmo com pouco tempo do projeto, o senhor já consegue perceber uma evolução por parte dos alunos envolvidos?**

Nós passamos um ano num processo de formação e construção da rádio, e os alunos que foram convidados e se inscreveram para fazer parte do projeto eles passaram por formação técnica para poderem atuar na rádio. Mas foi neste ano (2019) que eles começaram a apresentar o programa e o que eu percebo é que no início, evidentemente, eles tiveram barreiras e desafios na apresentação do programa, mas como o programa é diário o que eu percebo é que com certeza eles tiveram uma evolução bastante significativa, principalmente na linguagem oral. Passaram a trabalhar a linguagem oral, na apresentação dos trabalhos, e eles veem um crescimento deles nesse aspecto da oralidade, do uso das ferramentas da rádio, da modalidade de escrita, pois se sentem mais preparados e se percebem como alunos que veem evoluindo dentro do projeto. Eu vejo assim uma evolução pelo depoimento

deles, eu ouço a rádio, eu vejo como eles interagem, como eles transmitem o programa, a interação que estabelecem com quem está na sala de aula, e uma evolução bastante significativa.

**Professor, durante esse período houve alguma dificuldade para o desenvolvimento do trabalho?**

Claro que todo projeto, toda atividade a gente encontra um desafio, e com o projeto da rádio não podia ser diferente, até porque a Rádio ela é um projeto que mexeu e mexe com toda a escola, em cada sala e até na área tem as caixinhas de som. Então assim, a programação ela se estende para o ensino fundamental e médio e é um programa diário. Então como nós não tínhamos essa experiência na produção e apresentação de um programa, então logo no início nós tivemos o desafio, desafio de montar o programa, desafio de os próprios alunos apresentarem esses programas, fazerem a seleção de música, de temas. Então foram desafios assim, que nós enfrentamos, mas que foram superados. Fora essa barreira que vem sendo vencida a dificuldade foi com a própria escola mesmo, o corpo docente de assimilar o projeto, de procurarem estar em mais sintonia com a programação em sala de aula com os alunos. Então como nós não tínhamos esse projeto na escola, nós passamos por um processo de adaptação e aceitação. Todos sabem que é muito bom, mas é preciso criar na sala de aula a cultura do ouvir, do participar do programa, do interagir com a turma com a temática que é abordada no programa, então isso é um dos desafios que nós do projeto assim vivenciamos na escola. Mas gradativamente vamos superando, os professores dão sugestões, os alunos dão sugestões, então assim a tendência é melhorar e fazer com que o projeto realmente possa continuar e os alunos possa participar e fazer eles funcionar mesmo como uma atividade enriquecedora na formação de todos. que o programa traga uma temática que tenha essa linha pedagógica, porque essa foi a proposta e o principal objetivo do projeto, de usar a rádio como uma ferramenta metodológica de ensino e formação de nossos alunos.

**E como o senhor se sente fazendo parte do projeto?**

Eu me sinto muito feliz, porque na verdade eu gosto muito da comunicação. Eu gosto muito de falar, de escrever, e com esse projeto eu me sinto realizado em ver os alunos



participando e fazer algo que é importante para escola, que é um projeto no qual eles se identificam também já que eles escrevem, falam, então eu me sinto muito feliz por vê-los envolvidos nesse projeto da rádio escolar, porque a gente acaba trabalhando a nossa criatividade, a dinâmica da escola é outra com esse projeto. Me sinto realizado porque eu contribuo para que esse projeto se concretizasse. O projeto logicamente que não é meu, não é dos outros professores, mas o projeto é da escola, de todos os alunos, e dessa forma que realmente eu vejo. E eu só tenho de agradecer a Deus, a escola e a direção pelo fato de termos esse projeto da rádio escolar.

**Você recomendaria um projeto como este para outra escola?**

Olha, com certeza absoluta. Eu vejo assim, que os nossos alunos eles são muito criativos. Os alunos eles precisam de um ambiente, de um espaço pra falar, pra desenvolver suas habilidades, desenvolver seus talentos. Os alunos são muito talentosos, tem muitas habilidades, e a escola precisa aproveitar e eu vejo que é uma ferramenta importante, é um instrumento que dentro de uma escola pode funcionar e fazer com que os alunos possam se formar, possam produzir. Porque o aluno é o protagonista do processo ensino aprendizagem, o professor é o intermediador. Esse projeto permite que o aluno seja o protagonista, porque é ele que está à frente, é ele que está apresentando. É ele que está produzindo, e isso faz com que ele tenha responsabilidade, maturidade, faz com que ele desenvolva a sua potencialidade, e se perceber que ele pode crescer, que ele pode ser, quem sabe um jornalista, porque é uma forma de você descobrir as suas habilidades. E o ideal seria que todas as escolas pudessem ter um projeto desse funcionando porque é um instrumento que contribui na dinâmica do ensino/aprendizagem na escola.

## ANEXOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ  
Laboratório Oficiber

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

#### Dados de identificação

Título do Projeto:

Pesquisador Responsável:

Você está sendo convidado (a) para participar, da pesquisa "RÁDIO E EDUCAÇÃO: PRÁTICAS E DESAFIOS DO USO DA TECNOLOGIA NAS ESCOLAS DE SANTARÉM", de responsabilidade da pesquisadora Joelma Viana dos Santos.

Leia cuidadosamente o que segue e me pergunte sobre qualquer dúvida que você tiver. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso aceite fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que consta em duas vias. Uma via pertence a você e a outra ao pesquisador responsável. Em caso de recusa você não sofrerá nenhuma penalidade.

#### **Declaro ter sido esclarecido sobre os seguintes pontos:**

1. O trabalho tem por finalidade descrever os processos de utilização do rádio como recurso pedagógico na escola por professores do ensino fundamental a partir do diálogo entre educação e comunicação (educomunicação);
2. A minha participação nesta pesquisa consistirá em descrever os processos a partir de observações e escutas nas escolas com alunos e professores envolvidos no processo. Também serão realizadas entrevistas gravadas com professores e alunos, bem como fotos.
3. Ao participar desse trabalho estarei contribuindo para divulgação das ações desenvolvidas na escola com o uso do rádio, beneficiando outras escolas que tenham interesse em trabalhar com esta mídia.
4. A minha participação neste projeto deverá ter a duração de uma tarde, tempo médio de cada entrevista para coleta de relatos.
5. Não terei nenhuma despesa ao participar da pesquisa e poderei deixar de participar ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e não sofrerei qualquer prejuízo.
6. Fui informado e estou ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação, no entanto, caso eu tenha qualquer despesa decorrente da participação na pesquisa, serei ressarcido.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ  
Laboratório Oficiber

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

7. Se for do meu desejo, meu nome será mantido em sigilo, assegurando assim a minha privacidade, e se eu desejar terei livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

8. Fui informado que os dados coletados serão utilizados, única e exclusivamente, para fins desta pesquisa, e que os resultados poderão ser publicados.

9. Qualquer dúvida, pedimos a gentileza de entrar em contato com Joelma Viana dos Santos, pesquisadora responsável pela pesquisa, telefone: (93) 99134-5865, e-mail: [joelmaviana@gmail.com](mailto:joelmaviana@gmail.com).

Eu, Jaime Silva Costa, RG nº 5114378 declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

Santarém, 24 de junho de 2019.

Jaime Silva Costa  
Assinatura do participante

Joelma V. dos Santos  
Nome e assinatura do responsável por obter o consentimento





UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ  
Laboratório Oficiber

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

7. Se for do meu desejo, meu nome será mantido em sigilo, assegurando assim a minha privacidade, e se eu desejar terei livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

8. Fui informado que os dados coletados serão utilizados, única e exclusivamente, para fins desta pesquisa, e que os resultados poderão ser publicados.

9. Qualquer dúvida, pedimos a gentileza de entrar em contato com Joelma Viana dos Santos, pesquisadora responsável pela pesquisa, telefone: (93) 99134-5865, e-mail: [joelmaviana@gmail.com](mailto:joelmaviana@gmail.com).

Eu, \_\_\_\_\_, RG nº \_\_\_\_\_ declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

Santarém, 19 de junho de 2019.

Edilton Sousa Reis  
Assinatura do participante

Joelma V. dos Santos  
Nome e assinatura do responsável por obter o consentimento

Autorização do responsável: Ana Lídia Pinto Sousa



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ  
Laboratório Oficiber

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

7. Se for do meu desejo, meu nome será mantido em sigilo, assegurando assim a minha privacidade, e se eu desejar terei livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.
8. Fui informado que os dados coletados serão utilizados, única e exclusivamente, para fins desta pesquisa, e que os resultados poderão ser publicados.
9. Qualquer dúvida, pedimos a gentileza de entrar em contato com Joelma Viana dos Santos, pesquisadora responsável pela pesquisa, telefone: (93) 99134-5865, e-mail: [joelmaviana@gmail.com](mailto:joelmaviana@gmail.com),

Eu, Julia Maria Pereira Reis de Sá, RG nº 3875965 declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

Santarém, 25 de junho de 2019.

[Assinatura]  
Assinatura do participante

Joelma V. dos Santos  
Nome e assinatura do responsável por obter o consentimento





**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ**  
Laboratório Oficiber

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

7. Se for do meu desejo, meu nome será mantido em sigilo, assegurando assim a minha privacidade, e se eu desejar terei livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

8. Fui informado que os dados coletados serão utilizados, única e exclusivamente, para fins desta pesquisa, e que os resultados poderão ser publicados.

9. Qualquer dúvida, pedimos a gentileza de entrar em contato com Joelma Viana dos Santos, pesquisadora responsável pela pesquisa, telefone: (93) 99134-5865, e-mail: [joelmaviana@gmail.com](mailto:joelmaviana@gmail.com).

Eu, Sandra Márcia Uliúcia de Sousa, RG nº 2712736 declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

Santarém, 19 de junho de 2019.

[Assinatura]  
Assinatura do participante

Joelma Viana dos Santos  
Nome e assinatura do responsável por obter o consentimento







**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ**  
Laboratório Oficiber

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

7. Se for do meu desejo, meu nome será mantido em sigilo, assegurando assim a minha privacidade, e se eu desejar terei livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

8. Fui informado que os dados coletados serão utilizados, única e exclusivamente, para fins desta pesquisa, e que os resultados poderão ser publicados.

9. Qualquer dúvida, pedimos a gentileza de entrar em contato com Joelma Viana dos Santos, pesquisadora responsável pela pesquisa, telefone: (93) 99134-5865, e-mail: [joelmaviana@gmail.com](mailto:joelmaviana@gmail.com).

Eu, Sandra Mônica Uliúcia de Sousa, RG nº 2712736 declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

Santarém, 19 de junho de 2019.

Declaro ter sido esclarecido sobre os seguintes pontos:

[Assinatura]

Assinatura do participante

Joelma Viana dos Santos

Nome e assinatura do responsável por obter o consentimento





UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ  
Laboratório Oficiber

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

7. Se for do meu desejo, meu nome será mantido em sigilo, assegurando assim a minha privacidade, e se eu desejar terei livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

8. Fui informado que os dados coletados serão utilizados, única e exclusivamente, para fins desta pesquisa, e que os resultados poderão ser publicados.

9. Qualquer dúvida, pedimos a gentileza de entrar em contato com Joelma Viana dos Santos, pesquisadora responsável pela pesquisa, telefone: (93) 99134-5865, e-mail: [joelmaviana@gmail.com](mailto:joelmaviana@gmail.com),

Eu, Suzenimar Janias da Silva Lixeira, RG nº 2725711 declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

Santarém, 18 de junho de 2019.

Assinatura do participante

Nome e assinatura do responsável por obter o consentimento





UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ  
Laboratório Oficiber

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

7. Se for do meu desejo, meu nome será mantido em sigilo, assegurando assim a minha privacidade, e se eu desejar terei livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.
8. Fui informado que os dados coletados serão utilizados, única e exclusivamente, para fins desta pesquisa, e que os resultados poderão ser publicados.
9. Qualquer dúvida, pedimos a gentileza de entrar em contato com Joelma Viana dos Santos, pesquisadora responsável pela pesquisa, telefone: (93) 99134-5865, e-mail: [joelmaviana@gmail.com](mailto:joelmaviana@gmail.com).

Eu, Sebastião Sousa da Costa, RG nº 1849692 declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

Santarém, 25 de Junho de 2019.

Sebastião Sousa da Costa  
Assinatura do participante

Joelma Viana dos Santos  
Nome e assinatura do responsável por obter o consentimento





UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ  
Laboratório Oficiber

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO


7. Se for do meu desejo, meu nome será mantido em sigilo, assegurando assim a minha privacidade, e se eu desejar terei livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

8. Fui informado que os dados coletados serão utilizados, única e exclusivamente, para fins desta pesquisa, e que os resultados poderão ser publicados.

9. Qualquer dúvida, pedimos a gentileza de entrar em contato com Joelma Viana dos Santos, pesquisadora responsável pela pesquisa, telefone: (93) 99134-5865, e-mail: [joelmaviana@gmail.com](mailto:joelmaviana@gmail.com),

Eu, Joelma Portugal de Freitas, RG nº 1311593 declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

Santarém, 19 de junho de 2019.

  
Assinatura do participante

Joelma V. dos Santos  
Nome e assinatura do responsável por obter o consentimento





UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ  
Laboratório Oficiber

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

7. Se for do meu desejo, meu nome será mantido em sigilo, assegurando assim a minha privacidade, e se eu desejar terei livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

8. Fui informado que os dados coletados serão utilizados, única e exclusivamente, para fins desta pesquisa, e que os resultados poderão ser publicados.

9. Qualquer dúvida, pedimos a gentileza de entrar em contato com Joelma Viana dos Santos, pesquisadora responsável pela pesquisa, telefone: (93) 99134-5865, e-mail: [joelmaviana@gmail.com](mailto:joelmaviana@gmail.com).

Eu, Orlando Junnocius Sousa dos Santos, RG nº 7580122 declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

Santarém, 11 de junho de 2019.

Orlando Junnocius S. dos Santos  
Assinatura do participante

Joelma V. dos Santos  
Nome e assinatura do responsável por obter o consentimento





Universidade Federal do Oeste do Pará  
 Pró-reitoria de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação Tecnológica  
 Instituto de Ciências da Educação  
 Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação

Ofício nº 008/2019 – PPGE/Ufopa

Santarém, 19 de junho de 2019.

A Direção da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Madre Imaculada  
 Santarém-Pará

Assunto: **Pesquisa de campo**

Prezada senhora,

O Programa de Pós-graduação em Educação – Mestrado Acadêmico em Educação da Universidade Federal do Oeste do Pará, na linha de pesquisa “Formação humana em contextos e não formais na Amazônia”, acolhe o projeto de pesquisa “Rádio e Educação: práticas e desafios do uso da tecnologia nas escolas de Santarém,” desenvolvido pela mestrandia Joelma Viana dos Santos, sob orientação do Prof. Dr. Doriedson Alves de Almeida.

A pesquisa tem como objetivo investigar o uso do rádio como recurso pedagógico em duas escolas da área urbana de Santarém, a partir do diálogo entre comunicação e educação.

Para o desenvolvimento da pesquisa se faz necessário o contato direto com as turmas de 5º ao 9º ano para acompanhamento do andamento do projeto na escola.

Diante do exposto, solicitamos de V. Sa. Autorização para o desenvolvimento desta pesquisa. Deste já, destacamos que todos os procedimentos éticos que garantam o respeito aos participantes e seu anonimato, se assim desejarem, serão devidamente cumpridos.

Atenciosamente,

**Prof. Dr. Luiz Percival Leme Britto**  
 Coordenador do Programa de Pós-graduação em Educação  
 Portaria nº 216, de 29 de abril de 2019

Recebido e autorizado

**Simara Bernardes Lentos**  
 VICE-DIRETORA  
 Portaria 5510/2015 - SEDUC-PA

24.06.19





Universidade Federal do Oeste do Pará  
 Pró-reitoria de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação Tecnológica  
 Instituto de Ciências da Educação  
 Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação

Ofício nº 020/2018 – PPGE/Ufopa

Santarém, 18 de setembro de 2018.

A Direção da Escola Municipal de Ensino Fundamental Rotary  
 Santarém-Pará

Assunto: **Pesquisa de campo**

Prezada senhora,

O Programa de Pós-graduação em Educação – Mestrado Acadêmico em Educação da Universidade Federal do Oeste do Pará, na linha de pesquisa “Formação humana em contextos e não formais na Amazônia”, acolhe o projeto de pesquisa “Rádio e Educação: práticas e desafios do uso da tecnologia nas escolas de Santarém.”, desenvolvido pela mestranda Joelma Viana dos Santos, sob orientação do Prof. Dr. Doriedson Alves de Almeida.

A pesquisa tem como objetivo investigar o uso do rádio como recurso pedagógico em duas escolas da área urbana de Santarém, a partir do diálogo entre comunicação e educação.

Para o desenvolvimento da pesquisa se faz necessário o contato direto com as turmas de 5º ao 9º ano para acompanhamento do andamento do projeto na escola.

Diante do exposto, solicitamos de V. Sa. Autorização para o desenvolvimento desta pesquisa. Deste já, destacamos que todos os procedimentos éticos que garantam o respeito aos participantes e seu anonimato, se assim desejarem, serão devidamente cumpridos.

Atenciosamente,

**Prof. Dr. José Ricardo e Souza Mafra**

Vice- Coordenador do Programa de Pós-graduação em Educação  
 Portaria nº 134, de 7 de março de 2017

Recebido em:  
 25/09/2018

03/08/2019

Gmail - Fwd: Boa tarde! aqui esta a ficha do mais educação.



Joelma Viana &lt;joelmaviana@gmail.com&gt;

---

**Fwd: Boa tarde! aqui esta a ficha do mais educação.**

1 mensagem

---

**Keliane Tomé** <kelianetome@gmail.com>

16 de agosto de 2018 14:42

Para: joelmaviana &lt;joelmaviana@gmail.com&gt;

Em resposta ao ofício nº 001/2018, enviado à Assessoria de Comunicação Secretaria Municipal de Educação de Santarém – SEMED, em 01 de agosto de 2018, informamos que:

Em virtude da atualização no Programa Mais Educação, as escolas do município de Santarém não aderiram mais a oficina de Rádio na escola. Uma vez que agora a escolha é de cada educandário. Reforçamos que existe a oficina de \*comunicação\* (e não específico de rádio), escolhida por algumas escolas. Segue anexo a lista geral das escolas e programas escolhidos por elas, caso ajude.

----- Forwarded message -----

From: **Thayná Veras Aranha** <thaisverasalmeida@hotmail.com>

Date: Seg, 13 de ago de 2018 13:16

Subject: Boa tarde! aqui esta a ficha do mais educação.

To: kelianetome@gmail.com <kelianetome@gmail.com>

---



## APRESENTAÇÃO

Caro professor

Como resultado de uma experiência com a ferramenta pedagógica da Rádio Escolar na Escola Rotary, apresentamos a você as **Orientações Pedagógicas para o Professor Vol. 1**. Este material foi criado com o intuito de subsidiar as atividades desenvolvidas em sala de aula a partir do Programa de Rádio **Sintonia da Educação**, e de disseminar a temática Educação Fiscal. Este almeja proporcionar no ambiente escolar a construção de novos saberes, a partir da reflexão de ações vivenciadas no cotidiano dos alunos e da comunidade em que estão inseridos, as quais resultam de temáticas sociais de grande relevância, e que precisam ser discutidas no espaço da escola, tais como: drogas, violência, educação fiscal, educação no trânsito, meio ambiente e Programas do Governo Federal de incentivo à Educação, a fim de que nossos alunos analisem a origem destes problemas sociais, bem como ações que poderiam ser empreendidas pelo Estado através de políticas públicas, no sentido de amenizá-las, uma vez que somos um país com uma significativa arrecadação tributária.

Portanto, tal projeto surgiu a partir deste anseio de proporcionarmos aos nossos alunos uma aprendizagem realmente significativa, e permeada pelo exercício pleno da cidadania, por isso os 14 roteiros foram produzidos por 11 alunos das turmas de 6º, 8º e 9º ano da Escola Rotary, a partir de pesquisas, entrevistas, aplicação de questionários, produções dos alunos, enfim de uma caminhada de descoberta e construção de novos conhecimentos. E, para que possamos obter bons resultados com ações já mencionadas, disponibilizaremos à comunidade escolar as orientações pedagógicas como suporte para o professor desenvolver suas atividades em sala de aula, após o término do Programa de Rádio "**Sintonia da Educação**". As orientações foram elaboradas pela professora Sandra Mônica Oliveira de Sousa, e agora ficará à disposição, juntamente com os 14 programas em CD-ROM para que você professor possa utilizá-lo e adequá-lo a sua realidade, dando assim asas a sua imaginação e a de seus alunos. Bom aprendizado!





## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO-----	03
ROTEIRO Nº 01 – DIA INTERNACIONAL DA MULHER-----	07
ROTEIRO Nº 02– ALCOOLISMO-----	09
ROTEIRO Nº 03 – DROGAS ILÍCITAS-----	11
ROTEIRO Nº 04 – EDUCAÇÃO FISCAL- ABORDAGEM GERAL-----	14
ROTEIRO Nº 05 – VIOLÊNCIA FAMILIAR-----	17
ROTEIRO Nº 06 – ABUSO E EXPLORAÇÃO SEXUAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES -----	20
ROTEIRO Nº 07 ANIVERSÁRIO DO MUNICÍPIO DE SANTARÉM COM REFLEXÃO DA CIDADE QUE QUEREMOS A PARTIR DA APLICABILIDADE DOS NOSSOS IMPOSTOS -----	23
ROTEIRO Nº 08- PATRIMÔNIO PÚBLICO: CUIDADO E CONSERVAÇÃO -----	25
ROTEIRO Nº 09 – FOLCLORE- RESGATE CULTURAL-----	27
ROTEIRO Nº 10 –EDUCAÇÃO FISCAL - TRIBUTOS, IMPOSTOS E TAXAS E APLICABILIDADE NA PROMOÇÃO DO BEM ESTAR DO CIDADÃO-----	29
ROTEIRO Nº 11 – EDUCAÇÃO NO TRÂNSITO-----	31
ROTEIRO Nº 12 – MEIO AMBIENTE-----	33
ROTEIRO Nº 13 – HOMENAGEM AOS PROFESSORES A PARTIR DE UMA REFLEXÃO DO PAPEL SOCIAL DESTES PROFISSIONAL. -----	36
ROTEIRO Nº 14 – PROGRAMAS DO GOVERNO FEDERAL DE INCENTIVO À EDUCAÇÃO-----	39



PROGRAMA SINTONIA DA EDUCAÇÃO  
 PRODUÇÃO: LÍVIA FLORES, LUCAS GRABRIEL, VITÓRIA NASCIMENTO, ARISSA  
 PESSOA, DEYSE LIMA, LÍVIA BATISTA, SARA SABRINA.  
 APRESENTAÇÃO: LÍVIA BATISTA E VITÓRIA NASCIMENTO  
 DATA DE EXIBIÇÃO: 11/ 05/ 2015

TEC	Áudio abertura programa.
LOC 1	Boa tarde alunos! Está no ar mais um programa Sintonia da Educação.
LOC 2	O assunto de hoje é a violência familiar.
LOC 1	Violência familiar é quando uma pessoa é agredida dentro da sua própria casa, pelos seus familiares, tais como: pai, mãe, padrasto, irmãos, madrasta, marido.
LOC 2	Poxa, é difícil conviver em um ambiente em que regularmente você é espancando ou explorado.
LOC 1	Nós vemos através das notícias que é muito grande o número de mulheres espancadas no Brasil e no mundo. Mas também é preocupante a violência contra crianças e adolescentes.
LOC 2	Verdade. E se você já teve que andar por aí com hematomas, por mais que escondidos, isso é agressão, e os agressores devem ser denunciados rapidamente.
LOC 1	Mas é importante lembrar que a violência também pode ser verbal, ou seja, por meio das palavras.
LOC 2	Para entendermos melhor este assunto, aplicamos na escola, um questionário para 45 alunos, do turno vespertino da Escola Rotary, para vermos o que eles pensam e sentem do assunto.
LOC 1	Legal! Vamos apresentar agora estes resultados.
LOC 2	A primeira pergunta foi: Marque o que você considera violência.
LOC 1	75,5% dos alunos acham que xingar o outro é um ato de violência. Então vamos parar de apelidar o colega, pois isto ofende também sabia?
LOC 2	E 82% dos alunos também consideram violência humilhar o outro com palavras ofensivas, por isso antes de dizer palavras de ofensa a alguém, se coloque no lugar dele.
LOC 1	E a maioria dos alunos, totalizando 95,5% considera bater no outro ato de total violência. Fica a dica, se você gosta de fazer isto é tempo de parar, pois com certeza você não gosta de apanhar, então não faça com o outro o que não quer para você.
LOC 2	Agora vamos dar uma pausa para uma música. Ela também trará uma boa reflexão.
TEC	Música Por um mundo bem melhor
LOC 2	Viram? Quem ama cuida
LOC 1	Mas agora vamos retomar os dados da nossa pesquisa



LOC 2	A segunda pergunta foi: você já sofreu algum destes tipos de violência na sua casa? E 62% dos alunos responderam que já sofreram agressão verbal e 27% física.
LOC 1	E sabia que quando perguntados quem eram os agressores responderam o seguinte: Irmãos ou irmãs: 27%; Tio ou tia: 9%; Pai: 20%; Mãe: 24%; primo: 2%; avô (ó) 4%.
LOC 2	Nossa! Os maiores agressores são os irmãos.
LOC 1	A terceira pergunta foi: você já presenciou algum destes tipos de violência na sua casa?
LOC 2	E qual foi a resposta?
LOC 1	53% responderam que presenciaram agressão verbal e 33% agressão física.
LOC 2	E quem são os responsáveis por isso?
LOC 1	11% são os tios, 22% os irmãos, 15,5% os pais, 7% os padrastos, 9% as mães, 2% os primos.
LOC 2	Incrível os irmãos ainda são os maiores agressores!
LOC 2	A quarta pergunta foi: qual destes atos de violência você considera pior? Agressão verbal 35,5% agressão física 64%.
LOC 1	Muitos acham que a agressão física é a pior, mas à maneira que falamos e tratamos as pessoas deixa sequelas muito piores que muita das vezes são carregadas pra vida inteira.
LOC 2	Muito obrigada pela atenção.
LOC 2	Até o próximo programa.

#### **Orientações Pedagógicas de como abordar o conteúdo Programa em sala de aula.**

Após ouvir o Programa com a temática Violência Familiar sugerimos a você professor que promova uma reflexão em sala de aula, a partir de um debate, que deve ser composto por:

- Um diretor ou coordenador (que no caso será o professor) encarregado de abrir a seção, apresentar e concluir o tema, para isso ele deve conhecer o tema.
- Um secretário que cuidará para que todos participem e tenham o mesmo direito de tempo.
- Os debatedores.
- E para este debate apresentamos um roteiro de questões para a discussão:
- O que você considera violência e quais as consequências dela?



PROGRAMA	Agora vamos ver através de uma música como podemos combater este grande problema.
TEC	Música Carinho de verdade
LOC1	Obrigada alunos da Escola Rotary, pela atenção e até o próximo Sintonia da Educação.

### **Orientações Pedagógicas de como abordar o conteúdo Programa em sala de aula.**

Após ouvir o Programa com a temática: Abuso e violência Sexual de Criança e Adolescentes sugerimos a você professor que dê uma aula que aborde as várias formas de violência que as crianças e adolescentes sofrem.

As principais violações de direitos contra crianças e adolescentes são: a exploração econômica (trabalho infantil), negligência, o abandono, e as violências: física, sexual psicológica.

**O que é a exploração Econômica (também chamada de trabalho Infantil)?**

É quando crianças e adolescentes são constrangidos, convencidos ou obrigados a exercer funções e a assumir responsabilidades de adulto, inapropriadas à etapa de desenvolvimento em que se encontram.

**O que é a negligência?**

É a falta de cuidados com a proteção e o desenvolvimento da criança ou adolescente.

**O que é o abandono?**

É a ausência da pessoa de quem a criança ou o adolescente está sob cuidado, guarda, vigilância ou autoridade.

**O que é a violência física?**

É o uso da força física utilizada para machucar a criança ou adolescente de forma intencional, não-acidental. Por vezes, a violência física pode deixar no corpo marcas como hematomas, arranhões, fraturas, queimaduras, cortes, entre outros.

**O que é a violência psicológica?**

É um conjunto de atitudes, palavras e ações que objetivam constranger, envergonhar, censurar e pressionar a criança ou o adolescente de modo permanente, gerando situações vexatórias que podem prejudicá-lo em vários aspectos de sua saúde e desenvolvimento.

**O que a violência sexual?**





## PROGRAMA SINTONIA DA EDUCAÇÃO

PRODUÇÃO: LÍVIA FLORES, LUCAS GRABRIEL, VITÓRIA NASCIMENTO, ARISSA PESSOA, DEYSE LIMA, LÍVIA BATISTA, SARA SABRINA, LEANDRA MARIA.

APRESENTAÇÃO: Vitória Nascimento

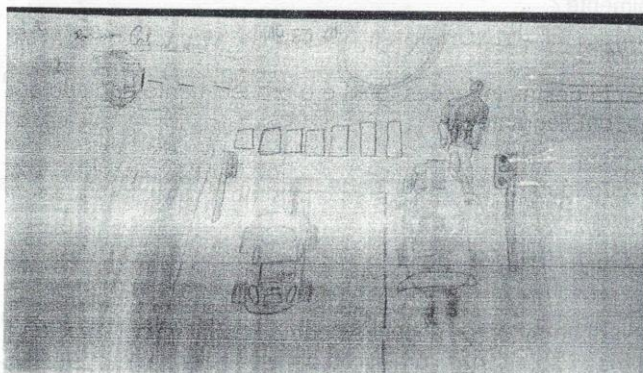
DATA DE EXIBIÇÃO: 25/ 09/ 2015

LOC 1	Está no ar o Programa Sintonia da Educação idealizado por Livia Flores, Lucas Gabriel, Vitória Nascimento, Arissa Pessoa, Leandra Maria, Livia Maria, Maria Deysiane, e Sara Sabrina, alunos do 6º, 8º e 9º ano da Escola Rotary. Como locutora Vitória Nascimento.
LOC1	Boa tarde, ouvinte, você que está ligado, mas uma vez no programa Sintonia da educação. Hoje o nosso tema é: Educação no trânsito.
LOC 1	Isso mesmo então preste atenção, pois este é um assunto muito importante no nosso dia a dia.
LOC 1	Bem, o que nós devemos saber sobre a educação no trânsito?
LOC 1	Bom, primeiramente ela serve para alertar à todos sobre os cuidados que devemos ter no trânsito.
LOC 1	Precisamos alertá-los dos perigos que o envolvem ao transitar pelas ruas, avenidas e estradas. Muitas pessoas erram de forma que lhes pode tirar a vida, como por exemplo: passar correndo na frente de um carro, usar cinto de segurança apenas na BR-163, colocar mais de três pessoas no banco de trás do carro, não trocar pneu que já está careca que podem causar uma derrapagem, entre outros.
TEC	Música Boa Viagem
LOC 1	Agora para falar melhor sobre este assunto, temos aqui no estúdio o educador de trânsito Levi.
LOC 1	Boa tarde! Obrigado pela sua participação. Para iniciar nossa conversa, o que você pode nos dizer em relação ao trânsito na nossa cidade? E onde você atua?
LEVI	Resposta
LOC 1	Diante do relatado por você sobre o trânsito, qual é a infração mas registrada atualmente?
LEVI	Resposta
LOC 1	E diante destas infrações, qual é o procedimento adotado quando a pessoa é pega em flagrante?
LEVI	Resposta
LOC 1	Em que perímetros da cidade são mais freqüentes as fiscalizações dos veículos? Por quê?
LEVI	Resposta
LOC 1	E nos dias de festas populares como no Sairé, carnaval, feriados, em que as pessoas vão para as praias ou para outras cidades em seus veículos, como são reforçadas as fiscalizações? E o que elas tentam prevenir?

LEVI	Resposta
LOC 1	Qual a estatística dos últimos dois anos em relação a mortes e acidentes com sequelas graves no trânsito de nossa cidade?
LEVI	Resposta
LOC 1	E o que você diria que é necessário para mudar a realidade do trânsito em nossa cidade? E como o poder público pode contribuir para isto?
LEVI	Resposta
LOC 1	Que mensagem você gostaria de deixar para os alunos da Escola Rotary sobre esta temática?
LEVI	Resposta
LOC 1	Agradecemos muito mais uma vez pela sua participação e contribuição.
LOC 1	E continuando agora iremos ouvir uma música sobre este tema.
TEC	Música Trânsito exemplar
LOC 1	Que legal! Prosseguindo, todos nós temos que saber um pouco sobre a educação no trânsito para quando formos adultos possamos ter consciência ao percorrermos as ruas de Santarém e talvez nas ruas de outras cidades.
LOC 1	Então é isso mesmo pessoal, até o próximo programa e lembrem sempre de olhar para os dois lados na hora de atravessar a rua. Tchau, tchau.
TEC	Vinheta de encerramento.

#### **Orientações Pedagógicas de como abordar o conteúdo Programa em sala de aula.**

Após ouvir o Programa com a temática Educação no Trânsito, sugerimos a você professor que conduza um debate em sala de aula acerca da importância de se trabalhar este tema nas escolas, em que juntamente com seus alunos montarão um painel em papel madeira com sugestões de ações para trabalhá-lo no decorrer do ano letivo de 2016, na Escola Rotary, a ser entregue no final da atividade em sala de aula para a coordenação do programa Sintonia da Educação. Sendo que estas ações serão discutidas com a equipe gestora e demais professores na semana pedagógica de 2016.



Desenho feito pelo aluno Rarisson da Silva do 2º ano sobre o trânsito.



## APRESENTAÇÃO

Caro professor

Como resultado de uma experiência com a ferramenta pedagógica da Rádio Escolar na Escola Rotary, apresentamos a você as **Orientações Pedagógicas para o Professor Vol. 2**. Este material foi criado com o intuito de subsidiar as atividades desenvolvidas em sala de aula a partir do Programa de Rádio **Sintonia da Educação**, e de disseminar a temática Educação Fiscal, sendo que no ano de 2016 a ênfase está no patrimônio histórico e cultural, em decorrência dos 60 anos da escola. Este almeja proporcionar no ambiente escolar, momentos de discussão, informação e ações práticas acerca do Patrimônio público e cultural, e das diversas temáticas, de cunho social, presentes na sociedade brasileira., a fim de que nossos alunos analisem a origem destes problemas sociais, bem como ações que poderiam ser empreendidas pelo Estado através de políticas públicas, no sentido de amenizá-las, uma vez que somos um país com uma significativa arrecadação tributária.

Portanto, tal projeto surgiu a partir deste anseio de proporcionarmos aos nossos alunos uma aprendizagem realmente significativa, e permeada pelo exercício pleno da cidadania, por isso os 16 roteiros foram produzidos por 14 alunos das turmas de 6º, 7º, 8º e 9º ano da Escola Rotary, a partir de pesquisas, entrevistas, aplicação de questionários, produções dos alunos, enfim de uma caminhada de descoberta e construção de novos conhecimentos. E, para que possamos obter bons resultados com ações já mencionadas, disponibilizaremos à comunidade escolar as orientações pedagógicas como suporte para o professor desenvolver suas atividades em sala de aula, após o término do Programa de Rádio "**Sintonia da Educação**". As orientações foram elaboradas pela professora Sandra Mônica Oliveira de Sousa, e agora ficará à disposição, juntamente com os 16 programas em CD-ROM para que você professor possa utilizá-lo e adequá-lo a sua realidade, dando assim asas a sua imaginação e a de seus alunos. Bom aprendizado!



## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	02
ROTEIRO Nº 01 – BULLYING .....	04
ROTEIRO Nº 02– 60 ANOS DA ESCOLA ROTARY: PATRIMÔNIO PÚBLICO E CULTURAL.....	06
ROTEIRO Nº 03 – EDUCAÇÃO NO TRÂNSITO .....	09
ROTEIRO Nº 04 – GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA.....	11
ROTEIRO Nº 05 – ESPORTE E CIDADANIA .....	13
ROTEIRO Nº 06 – NOS BASTIDORES DOS CONCURSOS DO HINO E DA LOGO DA ESCOLA .....	15
ROTEIRO Nº 07 – UM PASSEIO PELOS PATRIMÔNIOS PÚBLICOS E CULTURAIS DE SANTARÉM NOS SEUS 355 ANOS .....	17
ROTEIRO Nº 08 – A HERANÇA CULTURAL DAS FESTAS JUNINAS NO PARÁ ...	19
ROTEIRO Nº 09 – DIGA NÃO A VIOLÊNCIA .....	21
ROTEIRO Nº 10 – ESCOLA ROTARY RESGATANDO O FOLCLORE SANTARENO ..	23
ROTEIRO Nº 11 – CIDADANIA E PATRIOTISMO .....	25
ROTEIRO Nº 12 – COMPROMISSO CIDADÃO COM O MEIO AMBIENTE .....	28
ROTEIRO Nº 13 – A LUTA PELOS DIREITOS DAS CRIANÇAS .....	30
ROTEIRO Nº 14 – CONTROLE SOCIAL E A POLÍTICA BRASILEIRA .....	32
ROTEIRO Nº 15 – AÇÃO CIDADÃ COMO NOSSO PATRIMÔNIO PÚBLICO: ESCOLA ROTARY .....	34
ROTEIRO Nº 16 – RESGATANDO A HISTORIA CULTURAL E PATRIMONIAL DA ESCOLA ROTARY .....	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	38





## PROGRAMA SINTONIA DA EDUCAÇÃO

PRODUÇÃO: LUCAS GABRIEL, VITÓRIA NASCIMENTO, LUCAS SERRA, ELIAS SAMUEL, LUIZA MOITA, MARIA EDUARDA FONSECA E INGRID OLIVEIRA.

APRESENTAÇÃO: VITÓRIA NASCIMENTO E MARIA EDUARDA

DATA DE EXIBIÇÃO: 04/2016

TEMA: EDUCAÇÃO NO TRÂNSITO

TEC	Vinheta de abertura
LOC 1	Olá caros ouvintes da Escola Rotary estamos chegando com mais um programa Sintonia da Educação e hoje teremos como assunto principal a Educação no Trânsito.
LOC 2	E não se esqueça que teremos também o espaço criança que trará uma paródia .
LOC 1	Bem, para começar vamos definir o que é Educação no Trânsito.
LOC 2	Exatamente, a educação no trânsito serve para que todos possamos transitar com tranquilidade e segurança nas vias urbanas. Atualmente o Brasil conta com uma Lei Federal, que regulamenta o trânsito de veículos e pedestres: o Código de Trânsito. Nele podemos encontrar normas de circulação e conduta para que todos possam ir e vir com segurança e sem conflitos.
LOC 1	Com a criação do Código de Trânsito esperava-se que diminuísse os acidentes nas ruas e rodovias do Brasil, por meio das multas e penalidades. Mas infelizmente ainda ocorre muitas infrações, o que causa muitas mortes, bem como acidentes que deixam as pessoas mutiladas.
LOC 2	E em muitos desses acidentes a causa é a condição das ruas e rodovias que estão esburacadas e isso acontece pela falta de investimento dos impostos pagos pelos cidadãos.
LOC 1	Exatamente! Também ocorrem muitos acidentes por causa dos motoristas estarem bêbados no volante. Você sabia que o Brasil é o quinto país onde mais ocorre mortes no trânsito?
LOC 2	Pois é, e existem também ciclistas que não respeitam as leis de trânsito e andam atravessando na frente dos carros sem nenhum cuidado.
TEC	Paródia Vida de pedestre (tocar somente até 1 min e 10 segundos).
LOC 1	É preciso muito cuidado no trânsito caro ouvinte, e para conhecermos as consequências do trânsito em nossa cidade de Santarém em 2015, vamos ouvir o educador de Trânsito Clairberto Levy.
TEC	Áudio do Educador Clairberto Levy.
LOC 2	Nossa triste realidade do trânsito em Santarém.
LOC 1	E para quem está por fora dos cuidados que devemos ter nessa questão do trânsito daremos algumas dicas. Aí vai queridos ouvintes.
LOC 2	Não atravesse a rua correndo; Evite pontos "cegos", carros estacionados. Procure locais onde possa ver e ser visto por motoristas; Nunca atravesse fazendo zig-zag entre os carros; Olhar para os dois lados da pista quando atravessar;
LOC 1	Dicas bem legais que ajudam a preservar a vida. E agora fiquem com o espaço criança.
	Isso mesmo vamos ouvir a paródia Rua Sinalizada, do 1º ano, turma 102, da professora

LOC 2	Aldenis.
TEC	Paródia Rua Sinalizada
LOC 1	Bem bagana essa paródia, nos ensina bem como respeitamos a sinalização das ruas.
LOC 2	Exato e é de grande importância nós debatermos esse assunto em nossa escola para que possamos crescer com essa mentalidade de que devemos sempre ter o cuidado no trânsito.
LOC 1	É mesmo devemos ficar por dentro de tudo que estar relacionado com os cuidados no trânsito.
TEC	Música Banco de trás – Aline Barros ( tocar ate 1 min e 10 seg)
LOC 2	Assim como na música, se estamos tendo atitude errada no trânsito, vamos logo mudar a direção e andar numa nova estrada de forma segura.
LOC 1	Concordo, e assim garantimos nossa vida. Então é isso pessoal até o próximo programa. Tchau tchau
LOC 2	Até a próxima galera tchau tchau
TEC	Vinheta de Encerramento.

#### Orientações Pedagógicas

Após ouvir o Programa Sintonia da Educação com sua turma, converse com os alunos sobre os cuidados que devemos ter no trânsito e as consequências quando se age com imprudência. Depois desenvolva a seguinte atividade:

Fundamental I- A leitura da poesia mamãe, uma pedestre educada de Clairberto Levi, destacando palavras chaves na poesia da Educação no Trânsito.

Fundamental II- A leitura visual de exemplos de placas de regulamentação, de advertência, de indicação e de atrativos turísticos.





## APRESENTAÇÃO

Caro professor

### SUMÁRIO

Como resultado da experiência vivenciada ao longo de três anos com a ferramenta pedagógica da Rádio Escolar na Escola Rotary, apresentamos a você as **Orientações Pedagógicas para o Professor Vol 3**. Este material foi criado com o intuito de subsidiar as atividades desenvolvidas em sala de aula a partir do Programa de Rádio **Sintonia da Educação**, e de disseminar a temática Educação Fiscal, sendo que este ano trabalhamos esta temática através das radionovelas, as quais almejam proporcionar no ambiente escolar a construção de novos saberes, a partir da reflexão de ações vivenciadas no cotidiano dos alunos e da comunidade em que estão inseridos, as quais resultam de temáticas sociais de grande relevância, e que precisam ser discutidas no espaço da escola, tais como: saúde, educação, segurança, infraestrutura, administração pública, tributos, a fim de que nossos alunos analisem a origem destes problemas sociais, bem como ações que poderiam ser empreendidas pelo Estado através de políticas públicas, no sentido de amenizá-las, uma vez que somos um país com uma significativa arrecadação tributária.

Portanto, tal projeto surgiu a partir deste anseio de proporcionarmos aos nossos alunos uma aprendizagem realmente significativa, e permeada pelo exercício pleno da cidadania, por isso os 11 roteiros das rádios novelas foram produzidas por alunos das turmas de 8º e 9º ano da Escola Rotary, a partir de aulas temáticas, oficinas, pesquisas, produções dos alunos, enfim de uma caminhada de descoberta e construção de novos conhecimentos. E, para que possamos obter bons resultados com ações já mencionadas, disponibilizaremos à comunidade escolar as orientações pedagógicas como suporte para o professor desenvolver suas atividades em sala de aula, após o término do Programa de Rádio **"Sintonia da Educação"**, que apresentará as rádios novelas. As orientações foram elaboradas pela professora Sandra Mônica Oliveira de Sousa, e agora ficará à disposição, juntamente com os 11 rádiosnovelas em CD-ROM para que você professor possa utilizá-lo e adequá-lo a sua realidade, dando assim asas a sua imaginação e a de seus alunos. Bom aprendizado!

ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL ROTARY  
 ROTEIROS DAS RÁDIOS NOVELAS E DAS RESPECTIVAS ORIENTAÇÕES  
 PEDAGÓGICAS PARA SUAS AULAS EM SALA DE AULA.

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO-----	02
ROTEIRO Nº 01 – O PODER DO CIDADÃO-----	04
ROTEIRO Nº 02– NA CURVA DA ESTRADA-----	09
ROTEIRO Nº 03 – MAR DA VIDA-----	12
ROTEIRO Nº 04 – A ESCOLHA-----	15
ROTEIRO Nº 05 – MEU DIREITO-----	19
ROTEIRO Nº 06 – A CIDADÃ-----	22
ROTEIRO Nº 07 – FORÇA TOTAL-----	25
ROTEIRO Nº 08- SAÚDE PÚBLICA E SEUS DESAFIOS-----	33
ROTEIRO Nº 09 – UM DIREITO DE TODOS-----	36
ROTEIRO Nº 10 – UM NOVO OLHAR-----	38
ROTEIRO Nº 11 – A LUTA-----	41

AMANDA	Aiô!
NARRADOR	A mãe fala desesperada.
ANGELA	Meu filho está tendo um ataque de asma e não tenho o remédio necessário, preciso de ajuda, preciso de uma ambulância.
AMANDA	Desculpe, mas não temos uma ambulância para atendê-la, precisará trazer seu filho ao hospital.
ANGELA	O quê? Você tem certeza disso? Não tenho como levá-lo até lá. Ele está passando muito mal!
AMANDA	As ambulâncias estão na oficina, pois elas começaram a entrar peças e não tinham dinheiro para convertê-las.
ANGELA	Mas como assim? Como você ajuda? Possuo um longo trajeto, distâncias que não tem transporte? E agora, como vai ajudar meu filho?
NARRADOR	Angela lembrou de seu vizinho que tinha um carro e resolveu pedir sua ajuda.
TEC	Som de carro sendo ligado.
NARRADOR	Então ele a levou, e chegando lá se deparou com a enfermeira que disse:
AMANDA	Bom noite, posso ajudá-la?
ANGELA	Você não está vendo que meu filho já possui remédio aqui e ainda pergunta se pode ajudar? É lógico que pode, nem se pode como deve.
AMANDA	Você precisa pagar essa senha e esperar a sua vez, pois temos muitas suficientes, e o doutor está ocupado agora.
ANGELA	Como assim, ele está ocupado com o quê? Deixa lá estar aqui agora, para atender os pacientes, meu filho já está ficando muito ruim, como meu marido por causa de um ataque cardíaco. Já vou ir...



**ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL ROTARY**  
**ROTEIROS DAS RÁDIOS NOVELAS E DAS RESPECTIVAS ORIENTAÇÕES**  
**PEDAGÓGICAS PARA O USO DESTAS EM SALA DE AULA.**

RÁDIONOVELA: **O PODER DO CIDADÃO**

PRODUÇÃO: GABRIELLI DE SOUZA, ANDRESSA HEVELLYN, ELIAS RIBEIRO,  
 HERLON SANTOS, ISRAEL JÔNATAS . TURMA- 802 / TURNO: VESPERTINO

<b>CAPÍTULO I</b>	
TEC	Som de CHUVA
NARRADOR	João Lucas é filho de uma dona de casa chamada Ângela , que perdeu seu marido que faleceu de câncer no pulmão , por mal atendimento no hospital público. Em uma noite , João acorda passando mal, muito mal, com ataques de asma , e sua mãe acorda escutando o desespero de seu filho que gritava quase sem fôlego, ela correu desesperada para ajudá-lo, ligou para o hospital, a enfermeira atende e diz :
TEC	Som de Chamada de Ligação.
AMANDA	Alô!
NARRADOR	A mãe fala desesperada :
ÂNGELA	Meu filho está tendo um ataque de asma e não tenho o remédio necessário, preciso de ajuda, preciso de uma ambulância.
AMANDA	Desculpe, mas não temos uma ambulância para atendê-la, precisará trazer seu filho ao hospital.
ÂNGELA	O quê? Vocês tem certeza disso? Não tenho como levá-lo até aí. Ele está passando muito mal.
AMANDA	As ambulâncias estão na oficina, pois elas começaram a soltar peças e não tínhamos dinheiro para concertá-las.
ÂNGELA	Mas como assim? Como vocês ajudam pessoas de longas distâncias que não tem transporte? E agora, como vão ajudar meu filho?
NARRADOR	Ângela lembrou de seu vizinho que tinha um carro e resolveu pedir sua ajuda.
TEC	Som de carro sendo ligado
NARRADOR	Então ele á levou, e chegando lá se deparou com a enfermeira que disse:
AMANDA	Boa noite, posso ajudá-la?
ÂNGELA	Você não está vendo que meu filho tá quase morrendo aqui e ainda pergunta se pode ajudar? É lógico que pode, nem só pode como deve.
AMANDA	Você precisa pegar essa senha e esperar a sua vez, não temos macas suficiente, e o doutor está ocupado agora.
ÂNGELA	Como assim, ele está ocupado com o quê? Deveria estar aqui agora, para atender os pacientes, meu filho não vai perder a vida como meu marido por causa de um doutor medíocre que não tem





	responsabilidade nenhuma.
NARRADOR ÂNGELA AG. FISCAL	Ângela corre para a sala do doutor onde vê uma cena desagradável, ela vê o doutor numa sala sentado em uma cadeira com os pés em cima da mesa lendo uma revista da TODA TEEN sem fazer absolutamente nada. Então começa a gritar com ele...
ÂNGELA PAULO	O quê você acha que está fazendo sentado aí lendo essa revista? Você deveria estar atendendo os pacientes que estão quase morrendo lá fora.
PAULO	Até onde eu sei estou em horário de almoço, e as enfermeiras podem cuidar de tudo em quanto eu almoço.
ÂNGELA AG. FISCAL	Eles precisam de um doutor não de enfermeiras eles clamam por ajuda e você fica aí ouvindo eles sofrerem e não vai fazer nada? o trabalho da enfermeira é ajudar em um cirurgia ou buscando remédios, mas é isso que ela faz, ela não tem que tomar o lugar de um doutor.
NARRADOR	Ângela estava disposta a qualquer coisa para vingar a morte de seu marido, já que a enfermeira cuidou do seu filho no lugar do doutor.
ÂNGELA	Para sua sorte meu filho está melhor mas você não vai sair imune, um agente fiscal está a caminho daqui para avaliar essa "situação".
PAULO	Então acho que ele só vem aqui dá uma pernada porque não vejo nada de errado.
ÂNGELA PAULO	Eu pago IPTU, IPVA, todos os tipos de impostos pra chegar em um hospital e ser bem recebida e logo atendida, não pra perder meus familiares por causa de pessoas que não sabem arcar com suas responsabilidades.
PAULO ÂNGELA	Se não estou fazendo meu trabalho corretamente porque não vem você e faz?
ÂNGELA	Por que eu escolhi ser doméstica e não médica.
NARRADOR NARRADOR	O agente fiscal chega no hospital, depois de falar tudo isso, o filho de dona Ângela entra na sala dizendo que queria ir pra casa mas sua mãe diz que não pode porque ainda tem assuntos não resolvidos.
AG.FIC	Recebi uma denuncia informando que nesse hospital tem um doutor que não esta cumprido com o seu papel aqui. O nome do doutor é Paulo, é aqui mesmo que ele trabalha?
AMANDA	Sim, mas ele esta conversando com uma senhora agora não sei se ele pode falar.
AG.FIC	Então vou esperar no corredor.
NARRADOR TEC ÂNGELA	Enquanto o agente andava pelo corredor ele ouviu alguém falando um pouco mais alto que o normal na sala do doutor, resolveu interromper aquela exaltação entrando na sala e perguntou o que estava acontecendo.



AG. FISCAL	O que está acontecendo aqui?
ÂNGELA	Você é o agente que mandaram para resolver o problema que eu denunciei?
AG. FISCAL	Sim sou eu mesmo.
ÂNGELA	Bom, é que tem pessoas que não estão fazendo o seu trabalho.
PAULO	Não tenho culpa é que tá na folga da hora do almoço, e não tem como eu fazer as duas coisas ao mesmo tempo.
ÂNGELA	E o meu filho ia morrer em vão igual meu marido se eu não tivesse vindo aqui. E primeiro que esse folgado estava deitado e lendo uma revista brega.
AG. FISCAL	Vamos resolver essa situação como adultos e não como três crianças. Sim, dona Ângela esta correta no que diz, o senhor Dr. Paulo deveria se sacrificar, sacrificar um almoço para salvar a vida de pessoas você fez um juramento quando exerceu essa profissão. Não deveria realmente estar lendo uma revista enquanto pessoas estão em seu leito de morte sem poder fazer nada a não ser agonizar de dor.
ÂNGELA	Isso que é exercer uma profissão ao contrário de certas pessoas que preferem ficar de preguiçinha lendo revista.
PAULO	Já vi que tudo conspira contra mim. O que devo fazer agora então "Agente Fiscal"?
AG. FISCAL	Você vai ter que cumprir com suas obrigações e deveres, ao contrário você vai perder seu cargo de doutor aqui no hospital se não estiver em concordância com os termos do hospital.
PAULO	De acordo então já que não tenho muitas alternativas ou tenho?
AG. FISCAL	Não, você não tem.
PAULO	Entendido.
ÂNGELA	Assim espero. Vou fazer uma consulta outro dia e não espero ver a mesma cena que vi hoje....
NARRADOR	Então todos se acertaram, e Ângela foi embora com seu filho pra casa.
<b>CAPÍTULO II</b>	
NARRADOR	Alguns meses após tudo o que aconteceu, Ângela descobriu que aquele antigo doutor que à atendeu no hospital estava desviando dinheiro de algumas das instituições as quais ele "investia". Ela ficou sabendo disso através da antiga enfermeira Amanda que foi demitida por ele mesmo quando ouviu uma conversa enquanto passava perto de sua sala.
PAULO	- Depois de pegar esse dinheiro vou poder gastar sem me preocupar com essas instituições de criancinhas...
NARRADOR	Amanda liga para Ângela.
TEC	Som de discar e chamada de ligação.
AMANDA	Alô, eu fala com dona Ângela?
ÂNGELA	Sim, o que deseja?



AMANDA	Sou a Amanda do hospital, fui demitida de meu cargo porque pensavam que eu estava desviando dinheiro de algumas instituições do hospital, mas na verdade era o Dr. Paulo que estava, ouvir uma conversa dele quando passava pelo corredor, aí eu acho que foi ele que deu um jeito de me tirar do meu cargo.
NARRADOR	
ÂNGELA	Calma um pouquinho!
AMANDA	Espero que você me ajude a processá-lo para que eu possa conseguir meu trabalho de volta.
ÂNGELA	Calma, vamos dar um jeito nisso.
NARRADOR	Ângela ficou chocada com essa notícia pois pensava que o doutor tinha aprendido qual o seu papel na sociedade, não achou que ele fosse capaz de cometer algum crime tão cruel quanto esse.
ÂNGELA	Pra que ele iria querer todo esse dinheiro se ele já ganha tão bem? Ele deve estar querendo se aposentar mais cedo. Espero que possamos impedi-lo, mas não sei se vamos conseguir processá-lo, se ele tem tanto dinheiro vai ser difícil.
AMANDA	Vamos conseguir uma forma de impedi-lo.
NARRADOR	Ângela foi dormir aquela noite bastante pensativa no que estava acontecendo. Apesar de ainda acreditar que ele pode se tornar alguém melhor mesmo depois de tudo o que ele anda fazendo.
ÂNGELA	Será que podemos realmente processá-lo? Ele tem muito dinheiro vai ser meio difícil disso acontecer. Vou tentar falar com ele. Amanhã vou lá no hospital para ver se consigo resolver alguma coisa.
NARRADOR	Ângela teve uma ideia que pode dar certo mas tem probabilidades de ela não conseguir nada indo até o hospital. De manhã Ângela foi até o hospital mas antes passou pela casa da ex-enfermeira Amanda, para pedi-la que a acompanhasse.
TEC	Som de Batida na Porta.
ÂNGELA	Amanda você pode me acompanhar até o hospital? Quero tentar resolver logo essa situação, se não conseguir vamos até a delegacia para denunciá-lo, e você vai ser testemunha. Vamos?
AMANDA	Será que vai dar certo? Espero que não precisemos ter que ir a delegacia.
ÂNGELA	Também quero a mesma coisa que você, dependendo do que aconteça lá, vamos tomar uma decisão sobre esse caso.
NARRADOR	As duas ligam o carro e seguem em direção ao hospital.
NARRADOR	Seguem nos corredores do hospital em direção à sala do Dr. Então percebem que ele está vindo e se escondem.
TEC	Som de Passos.
NARRADOR	Então o celular de Paulo começa a tocar. Amanda desesperada começa a grava um áudio em seu iPhone.
TEC	Som de chamada de celular.
Dr. PAULO	...Sim mas é hoje que eu pego o dinheiro na instituição, não tenho

TEMÁTICA INSTRUÇÃO	tempo pra ir aí em casa, tô com dia muito cheio pra fazer a troca do dinheiro com os caras aí na instituição, e ainda tenho que fazer isso sem que ninguém perceba.
NARRADOR	Então ele sai e vai embora para a instituição. Ângela e Amanda ficam sem fazer nada.
ÂNGELA	O que vamos fazer agora. Você estava falando a verdade.
AMANDA	E ainda conseguir o áudio dele... e agora vamos denunciar?
ÂNGELA	Vamos antes que ele faça a troca!
NARRADOR	Então elas vão para delegacia e fazem todo o processo. E tiram Paulo de seu cargo e Amanda recupera seu posto de enfermeira. O dinheiro da instituição contribuiu com hospital, e está com boa qualidade de atendimento e infraestrutura junto com os impostos de Ângela e de todos da cidade. Todos continuam muitos felizes principalmente Ângela por exigir seu direito de cidadã.
TEC	Uma música pra terminar a Rádio novela .

#### Orientações Pedagógicas

Após ouvir a radionovela "O poder do cidadão" no Programa Sintonia da Educação com sua turma, estabeleça um diálogo com eles sobre a temática em questão: o exercício da cidadania. Depois peça que cada aluno escreva num pedaço de papel A4 uma ação que pode fazer acerca de um problema que está acontecendo em sua cidade em relação a saúde pública para colarem no mural preparado em papel madeira, estabelecendo posteriormente um paralelo com as ações do poder publico municipal e estadual em relação a saúde pública em Santarém.

## 'Fala, Galera!': estudantes da Escola Madre Imaculada estreiam programação de rádio

Alunos passaram por oficinas sobre o veículo e um estúdio foi construído em uma sala da escola. Programação será veiculada antes das aulas e nos intervalos.

Por Gustavo Campos, G1 Santarém — Pará  
14/12/2018 20h21 Atualizado há 7 meses

---



'Fala, Galera!': estudantes da Escola Madre Imaculada estreiam programação de rádio

“Hoje é dia 14 de dezembro e são exatamente cinco e 35 e está começando o primeiro programa da Rádio Fala, Galera!”. Assim os estudantes Elinton Reis e Railana Lopes, ambos de 16 anos, deram início à programação da

Rádio “Fala, Galera!” na Escola Estadual Madre Imaculada, em Santarém, no oeste do Pará. Foram oito meses de planejamento, estudo e construção do estúdio de onde a rádio funciona para que o sonho de melhorar a comunicação interna da instituição pudesse ser realizado na tarde desta sexta-feira (14).

A ideia partiu dos professores Alenilson Ribeiro (História), Sebastião Sousa (Redação) e Joelma Portugal (Língua Portuguesa), que tiveram a ideia de usar o veículo radiofônico para passar informações, dicas, orientações e até mesmo conteúdos das disciplinas apresentadas em sala de aula aos estudantes.



Alunos durante inauguração da Rádio 'Fala, galera!' — Foto: Gustavo Campos/G1

“A iniciativa surgiu da necessidade da escola utilizar as mídias, e a rádio é um veículo que traz muita coisa boa, música, a própria história. A ideia é que os alunos se tornem protagonistas, eles são os responsáveis pela programação. Acreditamos que a rádio dará grandes frutos, que será um espaço de troca de experiências entre os alunos e professores”, explicou o professor Alenilson Ribeiro.

Os alunos que participam do projeto são a maioria do ensino médio, mas há também alguns do ensino fundamental. Eles montaram toda a programação que vai ao ar, a partir desta sexta, nos 15 minutos antes do início das aulas e nos 15 minutos de intervalo, nos três turnos escolares.





Os alunos que participam do projeto são a maioria do ensino médio — Foto: Geovane Brito/G1

Para os locutores que falaram as primeiras palavras da história da Rádio “Fala, Galera!”, apesar das dificuldades para pôr a programação no ar, a experiência com a comunicação tem sido apaixonante.

“Foi um começo difícil, a gente não tinha nada. Fomos atrás de equipamentos, de dinheiro. Fizemos vendas, pedimos ajuda de pessoas. A gente se esforçou e hoje estamos concluindo algo muito grandioso para todos nós. Eu nunca tinha pensado entrar em rádio, mas já tinham me falado que tinha voz boa para narração, locução. Decidi aceitar o desafio e agora estou apaixonado, penso em seguir como carreira profissional. Quero a rádio na minha vida”, contou Elinton Reis, estudante do primeiro ano do ensino médio.

“A gente não tinha certeza que ia dar certo, estávamos aprendendo. Muitos desistiram ao longo do caminho, nós persistimos e conseguimos estrear. Eu também não tinha objetivo trabalhar em rádio ou fazer um projeto como esse. Foi um processo muito trabalhoso, mas aprendemos muitas coisas. É diferente e a gente acaba se apaixonando. É uma experiência única”, afirmou Railana Lopes, que cursa o segundo ano do ensino médio.

Para receber a rádio, a escola implantou caixas de som no pátio de entrada e nas salas de aula. Além disso, teve que construir o estúdio e adquirir

equipamentos de som. E desde maio, os jovens que decidiram participar do projeto passaram por oficinas ministradas por uma profissional da área.



Cerimônia de inauguração da rádio na Escola Madre Imaculada — Foto: Gustavo Campos/G1

Toda a implantação da estrutura física e os cursos tiveram a parceria do Centro Universitário da Amazônia (Unama). A professora Joelma Viana, do curso de comunicação social, tem anos de trabalho no rádio santareno e foi a responsável por ministrar as aulas aos estudantes.

Ela trabalhou a história do rádio, técnicas e deu dicas aos alunos, para que pudessem desenvolver a programação da rádio interna. Para ela, o aprendizado sobre a comunicação fez com que os jovens pudessem crescer em vários aspectos.

“Quando a gente traz o rádio como um instrumento de educação, vemos o quanto os alunos crescem, desenvolvem. Eu estive com eles desde o mês de maio e vejo o quanto eles melhoraram na fala, na escrita, como eles perderam mais o medo de falar em público. E com certeza, isso também melhora o desempenho na sala de aula. A gente vê que já há alguns talentos. Temos dois estudantes especiais no projeto, um autista e outro tem deficiência visual, e percebemos o quanto eles conseguem se desenvolver, o quanto falam, o quanto conseguem se articular. E a gente conclui que fez um bom trabalho”, destacou.

